

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI (UFSJ)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Leide Fátima Botelho

**A CRÔNICA ESPORTIVA NO DEBATE CULTURAL E POLÍTICO
CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE FRED MELO
PAIVA (2011-2019)**

SÃO JOÃO DEL-REI – MG
AGOSTO DE 2023

LEIDE FÁTIMA BOTELHO

**A CRÔNICA ESPORTIVA NO DEBATE CULTURAL E POLÍTICO
CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE FRED MELO
PAIVA (2011-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Poder e Cultura

Orientador: Professor Doutor Euclides de Freitas Couto

SÃO JOÃO DEL-REI – MG
AGOSTO DE 2023

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B748c Botelho, Leide Fátima.
A crônica esportiva no debate cultural e político contemporâneo : uma análise das crônicas de Fred Melo Paiva (2011-2019) / Leide Fátima Botelho ; orientador Euclides de Freitas Couto. -- São João del-Rei, 2023.
107 p.

Dissertação (Mestrado - História) -- Universidade Federal de São João del-Rei, 2023.

1. crônica. 2. futebol. 3. política. 4. fred melo paiva. 5. crônica esportiva. I. de Freitas Couto, Euclides, orient. II. Título.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

OUTROS Nº 1484 / 2023 - PGHIS (13.19)

Nº do Protocolo: 23122.031092/2023-93

São João del-Rei-MG, 11 de agosto de 2023.

Este exemplar da dissertação A CRÔNICA ESPORTIVA NO DEBATE CULTURAL E POLÍTICO CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE FRED MELO PAIVA (2011-2019), de LEIDE FRÍTIMA BOTELHO, corresponde à redação final aprovada pela banca examinadora em 7 de agosto de 2023, composta pelos professores doutores Euclides de Freitas Couto (UFSJ-orientador), Marcus Vinícius Costa Lage (UFMG - examinador externo) e Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG - examinador externo).

(Assinado digitalmente em 11/08/2023 11:08)

EUCLIDES DE FREITAS COUTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DECIS (12.13)
Matrícula: 1920037

(Assinado digitalmente em 11/08/2023 11:02)

MARCUS VINÍCIUS COSTA LAGE
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 077.292.756-19

(Assinado digitalmente em 11/08/2023 10:29)

MARCELINO RODRIGUES DA SILVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 713.142.026-34

Visualize o documento original em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1484**, ano: **2023**, tipo: **OUTROS**, data de emissão: **11/08/2023** e o código de verificação: **8d1245f134**

AGRADECIMENTOS

Quando sonhava com a realização de um mestrado esse sonho parecia longínquo demais para mim. Queria, desejava, mas parecia algo intangível para uma mãe com mais de 40. Em 2020 quando participei do processo seletivo, atravessávamos uma pandemia, vivíamos isolados, sofrendo as perdas, o distanciamento forçado e abalados emocionalmente.

Fiz a inscrição e movida pelo amor e pela força de tantos como a Bete, a Dan minha prima, o Rudolf, o Marcus Lage, a Nah Cristine e o Leo Gattoni. Cada um desses à sua maneira me ajudou tanto ao me inscrever, quanto ao pensar um pré-projeto que tivesse chances para chegar até aqui. E conseguimos!

Iniciei o mestrado e chego à conclusão desse sonho amparada por tanta gente que sonhou comigo e lutou comigo, por isso é preciso agradecer.

Agradeço à Flavinha professora da pós e seu incentivo ininterrupto desde o primeiro resumo enviado ao Simpósio Internacional de Estudos Sobre Futebol, ao Reynaldo meu professor na graduação, que me acompanhou e apoiou desde sempre, ao pessoal do Memória FC e as imensas partilhas sobre o futebol, as lives e o imenso esforço conjunto pelo crescimento uns dos outros.

Agradeço à minha família, aos meus pais que se esforçaram de todas as maneiras para que eu me tornasse quem sou, ao exemplo atemporal no sonhar que é minha mãe. Ao meu filho Leo, que desde seu nascimento foi força para que eu me tornasse um ser humano melhor dia após dia e que do jeitinho dele torce tanto por mim.

Minha rede de afeto é meu sustento nos passos que dou e aqui vale agradecer a cada amigo que mesmo mais distante mandou boas energias, entendeu a ausência, orou e torceu por mim. Aos meus sobrinhos, cunhadas, irmãos e tios. Vocês não mensuram o quanto o amor e a existência de vocês fazem o meu seguir melhor.

Agradeço ainda ao Marco, o amor que chegou em 2021 junto com o desafio do mestrado, todo orgulhoso do caminho que eu seguia e que esteve comigo na minha ansiedade, nos momentos em que escrever era quase impossível, nas ausências dos finais de semana, no meu humor instável e que ficou, torceu, incentivou e debateu diversas vezes comigo sobre pontos desse estudo. Amo vocês infinitamente.

Ao Euclides meu orientador, que acreditou neste projeto desde o início e que foi apoio, partilha e total generosidade nas minhas inseguranças e dificuldades, gratidão que não cabe aqui. Tem um pouco ou muito de cada um de vocês nessa conquista.

*“decidi confiar na incerteza e acreditar que vou chegar
a um lugar certo e bom”*

(Rupi Kaur)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o conteúdo sociopolítico e cultural explorado pelas crônicas de Fred Melo Paiva, para a coluna “Da Arquibancada” no jornal Estado de Minas, entre os anos de 2011 e 2019. Para tanto, foi realizado o levantamento e a análise das 350 crônicas publicadas ao longo desse período. Posteriormente, catalogamos as crônicas por meio da categorização das suas temáticas. Ao abordar em suas crônicas as temáticas que relacionam o universo do futebol à política, o cronista em questão esboça críticas ao momento político atual, principalmente aos governos e à moral conservadora, de modo a marcar seu posicionamento progressista. As narrativas mobilizam descrições dos acontecimentos relativos ao métier futebolístico, relacionando-os às pautas políticas e às questões sociais que permeiam o cotidiano brasileiro. Apresentamos esse estudo em dois capítulos: no primeiro capítulo abordamos a “atleticanidade” ou a identidade do torcedor do Clube Atlético Mineiro e o uso de diversas figuras de linguagem por Fred Melo Paiva para compor sua retórica. Já no segundo capítulo analisamos temas relacionados à política institucional que dão o tom das crônicas futebolísticas. Através da análise das crônicas percebemos em que medida o perfil identitário do cronista – atleticano e progressista – deixa marcas em sua produção textual e instiga o debate de temas sociais e políticos.

Palavras-chave: Fred Melo Paiva; crônica esportiva; futebol; política.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar el contenido sociopolítico y cultural explorado por las crónicas de Fred Melo Paiva, para la columna “Da Arquibancada” del diario Estado de Minas, entre los años 2011 y 2019. Análisis de las 350 crónicas publicadas en ese período. . Posteriormente, catalogamos las crónicas a través de la categorización de sus temáticas. Al abordar en sus crónicas los temas que relacionan el universo del fútbol con la política, el cronista en cuestión esboza críticas al momento político actual, principalmente a los gobiernos y a la moral conservadora, con el fin de marcar su posición progresista. Las narrativas movilizan descripciones de eventos relacionados con el oficio del fútbol, relacionándolos con agendas políticas y cuestiones sociales que permean la vida cotidiana brasileña. Presentamos este estudio en dos capítulos: en el primer capítulo abordamos el “atletismo” o la identidad de los seguidores del Clube Atlético Mineiro y el uso de diversas figuras retóricas por parte de Fred Melo Paiva para componer su retórica. En el segundo capítulo analizamos temas relacionados con la política institucional que marcan el tono de las crónicas del fútbol. A través del análisis de las crónicas, nos dimos cuenta de hasta qué punto el perfil identitario del cronista – atlético y progresista – deja huellas en su producción textual e instiga el debate de temas sociales y políticos.

Palabras clave: Fred Melo Paiva; crónica deportiva; fútbol; política.

ABSTRACT

This work aims to analyze the sociopolitical and cultural content explored by the chronicles of Fred Melo Paiva, for the column “Da Arquibancada” in the newspaper Estado de Minas, between the years 2011 and 2019. analysis of the 350 chronicles published over that period. Subsequently, we cataloged the chronicles through the categorization of their themes. By addressing in his chronicles the themes that relate the universe of football to politics, the chronicler in question outlines criticisms of the current political moment, mainly governments and conservative morals, in order to mark his progressive position. The narratives mobilize descriptions of events related to the soccer métier, relating them to political agendas and social issues that permeate Brazilian daily life. We present this study in two chapters: in the first chapter we address “athleticism” or the identity of Clube Atlético Mineiro supporters and the use of various figures of speech by Fred Melo Paiva to compose his rhetoric. In the second chapter, we analyze themes related to institutional politics that set the tone of football chronicles. Through the analysis of the chronicles, we realized to what extent the identity profile of the chronicler – athletic and progressive – leaves marks on his textual production and instigates the debate of social and political themes.

Keywords: Fred Melo Paiva; sports chronicle; soccer; policy.

LISTA DE FIGURAS

<i>FIGURA 1 - Fred Melo Paiva</i>	27
<i>FIGURA 2 - Flamengo 0x0 Atlético-MG, pela Copa Libertadores da América - 1981</i>	34
<i>FIGURA 3 - Manchete do Jornal dos Sports – 22/08/1981</i>	34
<i>FIGURA 4 - Manchete do Jornal Estado de Minas, pós-jogo – 1981</i>	35
<i>FIGURA 5 - Repercussão da partida na Revista Placar – 1981</i>	35
<i>FIGURA 6 - Vencedoras do Concurso Rainha dos Sports - 1927</i>	49
<i>FIGURA 7 - Goleiro da Seleção Campeã, Gylmar e o presidente Juscelino Kubitschek, após a conquista da Copa do Mundo de 1958</i>	61
<i>FIGURA 8 - Jango recebe a seleção brasileira bicampeã do mundo.</i>	62
<i>FIGURA 9 - Tabela Copas do Mundo e Eleições</i>	63
<i>FIGURA 10 - Resposta de Fred Melo Paiva a uma pessoa no twitter.</i>	68
<i>FIGURA 11 - Tweet fixado no perfil da Galo Antiga no Twitter.</i>	77
<i>FIGURA 12 - Página da Galo Queer no Facebook.</i>	78
<i>FIGURA 13 - Perfil Resistência Alvinegra no twitter.</i>	79
<i>FIGURA 14 - Perfil GRUPA no Twitter.</i>	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AERP – Agência Especial de Relações Públicas
CAM – Clube Atlético Mineiro
CBD – Confederação Brasileira de Desportos
CBF – Confederação Brasileira de Futebol
CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol
FIFA – Federação Internacional de Futebol
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JK – Juscelino Kubitschek
LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais e mais
MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto
ONU – Organização das Nações Unidas
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSD – Partido Social Democrático
PT – Partido dos Trabalhadores
PUC-MG – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RJ – Rio de Janeiro
STF – Superior Tribunal Federal
STJD – Superior Tribunal de Justiça Desportiva
UDN – União Democrática Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO _____	13
1 IDENTIDADES _____	23
1.1 O cronista e suas múltiplas identidades	26
1.2 A saga atleticana	28
1.3 O uso de figuras de linguagem na crônica de Fred Melo Paiva.....	39
1.4 A atleticanidade e seus aspectos simbólicos.....	44
2 FUTEBOL, POLÍTICA E SOCIEDADE NAS CRÔNICAS DE FRED MELO PAIVA _____	57
2.1 O futebol é o ópio do povo? Usos e abusos do termo nas crônicas de Fred Melo Paiva	57
2.2 Política e futebol como processo e o contexto político no Brasil contemporâneo	64
2.3 A mistura que “não pode” nas crônicas de Fred Melo Paiva.....	67
2.4 Novos atores sociais ocupando a cena do futebol. A sintonia de Fred Melo Paiva com as pautas progressistas	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	85
REFERÊNCIAS _____	88

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa analisou as estratégias discursivas que se apresentam nas crônicas de Fred Melo Paiva, que o permitiram pautar questões políticas e culturais no espaço midiático do futebol, especificamente nas suas crônicas publicadas na coluna *Da Arquibancada* no Jornal *Estado de Minas*, entre os anos de 2011 e 2019. No período recortado, grupos pró e antidemocracia se confrontaram com frequência. A primeira de nossas hipóteses foi que o impacto dessa conjuntura, marcada pela polarização política, deu o tom aos discursos do cronista. Em seus textos Paiva esboça, simultaneamente, críticas aos governos e políticos conservadores, contracenando-as com memórias da sua experiência de torcedor do Clube Atlético Mineiro e da vida esportiva do clube.

A segunda hipótese que percorremos, foi a de que devido à significativa circulação midiática, as crônicas estimulem até mesmo os leitores desinteressados em política, a acessar reflexões sobre temas que abastecem os debates políticos-ideológicos ao longo da história e, especialmente, no tempo presente. Em momentos de polarização política, o campo midiático que envolve o futebol, se torna um espaço para o debate de ideias que, ao fim e ao cabo, se converte em um espaço que estimula as práticas democráticas.

As crônicas de Fred Melo Paiva seriam então um campo de reflexão política e debate, uma vez que, após a publicação o autor as divulga no *Twitter*¹, umas das redes mais utilizadas para esse tipo de divulgação pelo cronista, então, vários de seus leitores comentam a postagem emitindo opiniões, críticas elogios e dissonâncias. É possível levantar a questão de que para o cronista, a polêmica que envolve seus posicionamentos, nada contidos, seria também uma maneira de instigar o público leitor a se posicionar ideologicamente. No campo esportivo seria possível conjecturar que o tema político gere mais discussão do que o próprio futebol e o que é relatado a respeito do esporte.

O estudo aqui apresentado é uma incursão à história do tempo presente e foi realizado durante um momento de marcante cisão política no Brasil. As crônicas de Paiva refletem a tensão em face da ascensão da extrema direita no Brasil, mais latente a partir de junho de 2013, como veremos adiante. No entanto, a escolha pelo objeto desse estudo começou de maneira mais precisa em 2018. Ao iniciar a pesquisa sobre as crônicas de Fred Melo Paiva, entre várias questões, uma de destaque gerou a dúvida que

¹ Twitter é uma rede social, um serviço de *microblog*, que permite grande interação entre seus usuários que enviam e recebem mensagens sobre os temas mais diversos, ainda que com a limitação de caracteres.

levou ao tema deste trabalho: seriam os textos do autor sobre futebol usando assuntos políticos ou seriam textos políticos fazendo uso do esporte? Ainda que com um recorte temporal que abrangia as crônicas publicadas no período de um ano, houve a compreensão de que o autor utilizava, simultaneamente, das duas estratégias para compor suas crônicas. A pesquisa inicialmente desenvolvida em curso de especialização e o curto tempo disponível destinado a ela, incitou a seguir com a temática na busca da compreensão de como as crônicas podem mediar tensões políticas entre os leitores. Fred Melo Paiva, em muitos momentos, destaca em suas crônicas temas sociais recorrentes como o racismo, a homofobia, a misoginia o que traz novas possibilidades de abordagem e reflexão sobre questões sociais, culturais e econômicas da atual agenda progressista associando essas temáticas ao universo do futebol.

O tensionamento do campo político chamou a atenção na crônica publicada do dia 17 de março de 2018, um dia após a derrota do Atlético Mineiro para o Figueirense. Nela, Paiva demonstrou sua indignação e tristeza diante da morte de Marielle Franco, vereadora na cidade do Rio de Janeiro, e seu motorista, Anderson Gomes, assassinados no dia 14 de março de 2018. Com o título “*O futebol devia parar. O Brasil devia parar*”, ele escreve ao final da crônica, “*Aquele jogo, aqueles pênaltis... Que sentido tem isso diante do tamanho da nossa tragédia?*”² o que mostra claramente, como para ele, é impossível abordar o futebol sem estender o olhar para o que acontece fora do esporte.

O cotejamento inicial às fontes de pesquisa trouxe a percepção de que é comum o encontro de artigos, teses e livros sobre a crônica esportiva do passado, mas quase nada foi produzido sobre os cronistas da atualidade. Grandes nomes da literatura que debatiam o futebol como Mario Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, Lima Barreto e outros ainda contemporâneos como Armando Nogueira são lembrados por pesquisadores. A exceção talvez seja a produção cronística do jornalista Juca Kfourir, cujos textos, além de atuais, são também recortados por temáticas políticas. (COUTO; VALENTE, 2016).

Não resta dúvida que Fred Melo Paiva é um dos mais importantes cronistas mineiros da atualidade. Assim, é relevante estudar sua obra porque através dela se permite a fomentação do debate político até àqueles que não se interessam por temas

² PAIVA, Fred Melo. *futebol devia parar. O Brasil devia parar*. SUPERESPORTES, 2018. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/03/17/se-coluna_fred_melo_interna,463127/o-futebol-devia-parar-o-brasil-devia-parar.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

dessa natureza. Igualmente, este estudo assume relevância uma vez que ainda são raros e incipientes os estudos que abordam a dimensão política das crônicas esportivas.

Por ter se constituído como um fenômeno social de grande abrangência, no espaço midiático que abrange o futebol é possível pautar questões sociais, valores morais e éticos, o que, em tese, pode contribuir para a construção da cidadania e do pensamento crítico da sociedade.

Assim, o primeiro passo da pesquisa consistiu na leitura da vasta bibliografia que tangencia a relação entre esporte, cultura e política, bem como o arsenal conceitual que ilumina nossas análises.

Com o recorte temporal estabelecido, do meio do ano de 2011, quando o cronista começou a escrever no jornal Estado de Minas, até 2019, ano posterior à eleição de Jair Bolsonaro à presidência da república, foi prosseguido o trabalho de levantamento das crônicas, catalogação e download dos arquivos virtuais. Totalizaram-se 350 textos, 78 deles publicados no livro “O Atleticano vai ao paraíso” e 272 crônicas restantes, extraídas do site do jornal: (<https://www.mg.superesportes.com.br/colunistas/fred-melo-paiva/>).

Após a leitura e/ou releitura das crônicas, a fim de reconhecer temas e sujeitos suscitados pelo jornalista, realizou-se uma categorização dessas crônicas e posteriormente a redução das mesmas, a fim de manter somente as crônicas citadas nesta dissertação. O arquivo está incluído ao final deste trabalho como anexo e possui quatro colunas: 1 - título, 2 - data de publicação, 3 - link e/ou local no qual foi lida e 4 - Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.

O recorte se dividiu em três períodos: o primeiro período correspondeu ao início do trabalho de Paiva na coluna Da Arquibancada do jornal Estado de Minas em 2011 e foi até junho de 2013, quando aconteceram as “Jornadas de Junho” ou “Manifestações dos vinte centavos”. O segundo período do recorte compreendeu o pós-junho de junho de 2013 passando pelo impeachment da Presidente Dilma, a prisão do, à época ex-presidente Lula, e a campanha presidencial de 2018. O terceiro e último período de pesquisa, iniciou-se com a eleição de Bolsonaro à presidência da República indo até julho de 2019. Buscou-se analisar os rebatimentos da polarização política, a ascensão da extrema direita no Brasil e a possível prevalência desses temas no discurso presente nas crônicas de Fred Melo Paiva.

Para além da política institucional, ocorreu a percepção de que, ao tratar do cotidiano futebolístico, o autor/cronista mobilizou temas da agenda social e política do

campo progressista, destacando-se uma série de debates que são objetos da micropolítica e da Nova História Política, nos moldes pensados por René Rémond (1996).

Nesse sentido, é mister lembrar que a renovação da História Política com uma nova noção sobre “política” que deixou de estar limitada ao Estado e suas instituições redefiniu o conceito de político, incluindo a sociedade civil e seus mais diversos segmentos, desde igrejas, clubes esportivos, associações comunitárias aos veículos de comunicação. Assim, a Nova História Política é uma abordagem que nos permite explicar o todo social por meio de fragmentos da tessitura social como as representações expressas em textos jornalísticos.

Nessa perspectiva, imprensa e literatura tornaram-se importantes fontes históricas. Para Remond (1996), ainda que o Estado desempenhasse um papel central na definição do que seria abrangido pelo político (que por sua vez se estende a todos os setores que se encontram relacionados em algum ponto com o Estado), seria assim ponto de condensação que a partir de outras instituições e funções se irradiaria para outras esferas da vida social, influenciando e sendo influenciado por elas.

A história política (...) aprendeu que se o político tem características próprias que tornam inoperante toda análise de reducionista, ele também tem relações com outros domínios: liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva. (REMOND, 1996, p. 35)

A política tornou-se, durante o século XIX, um dos mais respeitados temas de estudos históricos. Com o movimento iniciado em 1929 pela revista dos *Annales*³, a escola metódica passou a ser questionada assim como seus preceitos teóricos, de modo que a história política recebeu críticas por sua limitação, superficialidade e factualidade. Assim, a Nova História Política surge quando a história política volta a ganhar força no meio acadêmico impulsionada por pesquisas micro escalares e abordagens sociais realizadas por historiadores como René Rémond, Serge Berstein, Pierre Rosanvallon, François Dosse, dentre outros, cujas abordagens combinaram métodos interdisciplinares oriundos de ciências como a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia que possibilitaram a análise de discursos, representações rituais e as próprias práticas políticas (MEDEIROS, 2017, p. 265).

³ Revista fundada em 1929 que contribuiu com nova abordagem para o estudo da história, 1929 tinha como mentores Marc Bloch e Lucian Febvre.

Linive Correa (2017) afirma que a promoção do diálogo entre história e jornalismo se dá com a renovação proposta pela Nova História Política. Ela elenca ainda atitudes indispensáveis no tratamento das representações midiáticas como fonte ou objeto de pesquisa. Os veículos de comunicação são, nesse sentido, sujeitos históricos que produzem sentido sobre a realidade social, que assim, devem ser considerados a partir da sua “relação circular com o real”. Dessa maneira, é possível considerar os jornais e o próprio autor/cronista como um “agente histórico”, capaz de interferir sobre a realidade, influenciando a opinião pública a partir dos seus posicionamentos ideológicos (BARROS, 2023, p.22). Diante dessa constatação, a tarefa primordial que se apresenta é desmitificar os discursos, buscando compreender o lugar que ocupa o periódico e, especialmente, o autor/cronista, buscando revelar, suas estratégias discursivas, suas paixões clubísticas e políticas que dão contornos a sua escrita.

Neste estudo, o campo futebolístico é considerado um palco para o debate político: um espaço tanto para que o Estado o utilize como ferramenta de desenvolvimento de políticas internas e externas, mas também para que grupos deem visibilidade a suas lutas, se tornando importante meio de propagação de ideologias. Ao longo do século 20, o futebol foi diversas vezes aparelhado por governos que usaram a potencialidade de um esporte de massa para fomentar sentimentos nacionalistas ou a legitimação das suas políticas.

Na imprensa, um dos primeiros cronistas a tratar da dimensão política do futebol foi José Lins do Rego em sua coluna “Esporte e Vida” no *Jornal dos Sports*. Três meses após o início de sua coluna no jornal, em abril de 1945, ele redigiu um texto em que o tema do futebol se relacionava à política. Nesse texto ele falava da anistia (decreto-lei) dada por Getúlio Vargas que possibilitou a saída de Luís Carlos Prestes da prisão e relacionava a anistia à punição de atletas. José Lins era filiado ao grupo denominado “Esquerda Democrática”, no Rio de Janeiro, e tinha sérias divergências em relação ao governo Vargas, segundo Capraro (2007).

Barcelos (2022), afirma que, outro cronista conhecido que será abordado mais adiante, Roberto Drummond, que escreveu para o *Jornal Estado de Minas* de 1966-1991. percebeu no período da ditadura civil-militar que no caderno de esportes do impresso, havia um espaço menos controlado pelos censores e diante disso viu uma oportunidade de veicular críticas ao regime. Ainda, segundo Barcelos (2022), a contratação de Drummond pelo jornal pode ser enquadrada na ideia de acomodação

entre os interesses do veículo de comunicação, notadamente anticomunista e apoiador do regime e do jornalista que fazia parte do Partido Comunista Brasileiro.

Assumir uma posição ideológica e manifestá-la em textos sobre esportes não é algo atual e a imparcialidade aparentemente não é exigência de veículos de imprensa, que renunciam a ideologias em função da popularidade criada por conteúdos que de certa maneira polemizem e aumentem vendas.

Do ponto de vista teórico, algumas categorias de análise foram de grande valia para a realização deste trabalho como o de cultura política, o de memória coletiva e o de opinião pública.

A fim de pontuar sobre a existência de referenciais simbólicos que permanecem na tradição política de certos grupos no Brasil ao longo do tempo, como a divisão esquerda *versus* direita, liberais e conservadores *versus* progressistas, utilizou-se a categoria da cultura política, desenvolvida por Patto Sá Motta (2018, p. 114). Ainda que para ele haja outras possibilidades de conceituação, cultura política é o conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas, partilhado por determinado grupo humano, que expressa/constrói identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro. Nas crônicas assinadas por Paiva é possível encontrar personagens e valores que se perpetuam na cultura política brasileira, a exemplo do autoritarismo e dos inúmeros traços do atraso social, como o racismo, a homofobia, a misoginia etc.

Dito isso, Paiva revive em suas crônicas memórias atleticanas, fatos marcantes para os torcedores do Clube Atlético Mineiro, muitos deles ocorridos antes da vivência do autor como torcedor, memórias que vão sendo repassadas de geração em geração e que reforçam características identitárias desse grupo, fornecendo os contornos do pertencimento clubístico. Nesse sentido, o conceito de memória coletiva de Halbwachs (2003) foi importante para reforçar o entendimento de que nossas lembranças permanecem coletivas e são lembradas por outros. Segundo ele, o indivíduo não é o único responsável por recuperar o seu passado:

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las: também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos, ainda agora quando recordamos o ponto de vista desse grupo (HALBWACKS, 2003, p. 41).

As lembranças de uma pessoa são mantidas também em face dos momentos compartilhados com os outros. A memória individual é uma forma de ver a memória coletiva. Segundo Tognoli (2009):

A memória coletiva concentra todo o conjunto de acontecimentos sociais e culturais que foram importantes para uma coletividade, que procura manter viva, no inconsciente coletivo, todas as crenças e costumes que, em algum momento foram estabelecidos. É preciso lembrar, no entanto, que a memória é coletiva, mas a sua elaboração e o ato de lembrar são sempre individuais. Seria possível, portanto distinguir duas memórias: uma interior ou pessoal; a outra exterior ou social; ou, mais precisamente ainda, uma memória autobiográfica e uma memória histórica. (TOGNOLI, 2009, p.128)

O exercício de rememoração realizado por Paiva se perpetua tornando-se patrimônio memorial dos torcedores do Clube Atlético Mineiro, constituindo, dessa forma, parte da história oral desse grupo.

A respeito da possibilidade de entender o impacto causado no público pelo conteúdo produzido nas crônicas de Fred Melo Paiva e a sua relevância na formação de opinião, nos baseamos no conceito de opinião pública. A história da opinião pública corresponde para além do saber dos acontecimentos das coisas, mas também como estes acontecimentos são percebidos, de acordo com Becker (2003, p. 201). O termo “opinião pública” é utilizado muitas vezes para dizer do posicionamento de uma maioria sobre determinado assunto, mas se trata também de entender como se comportaram populações diante de determinados acontecimentos.

Ainda que não haja unanimidade na definição do conceito de opinião pública e que nas diversas matrizes teóricas, existam diferentes concepções, a referência utilizada nesse projeto foi a de Jean-Jacker Becker (2003) que diz que a história da opinião pública é uma história em profundidade, que tem por fim perceber de forma mais exata como os homens agem diante dos acontecimentos.

A conjuntura política e a ampliação do debate sobre o tema político, desde antes das “Jornadas de Junho de 2013”, até o pós-eleições presidenciais de 2018, recorte temporal dessa pesquisa, podem ter impactado a forma de compor do cronista e a relação dele com seus leitores, influenciando a maneira deles de pensar e agir. A opinião pública intervém no processo histórico:

Não existe política que possa se desenvolver por muito tempo – pelo menos num estado democrático e provavelmente também um pouco nos outros –

sem vínculos estreitos com as tendências dominantes da opinião pública. (BECKER, 2003, p. 205)

A opinião pública é também força política ainda que não tenha poder de decisão. Seja pensada como Wilhen Bauer, trazido por Becker, (2003, p.187) em duas formas diferentes de opinião pública, definidas como estática e dinâmica. A estática em longo tempo, constituída pelas tradições, formação moral e intelectual, costumes e hábitos, reconhecendo nela o que é chamado história das mentalidades⁴, e a opinião pública dinâmica que seria a reação da opinião diante do acontecimento em tempo curto.

Fred Melo Paiva, ao escrever suas crônicas, exprime sua opinião e suas subjetividades. Sua opinião publicada circula no meio impresso e digital e, de certa forma, instiga que os leitores reajam aos seus posicionamentos de acordo com aquilo que lhes agrada ou desagradada. Seja entre os torcedores de futebol atleticanos e de outras agremiações, o somatório de opiniões pessoais se espalha principalmente nas redes sociais, ampliando e intensificando a discussão sobre os temas publicados.

Dito isso, para melhor estrutura desta dissertação, foi realizada a divisão em dois capítulos. No primeiro capítulo tratamos da “atleticanidade” ou identidade do torcedor do Clube Atlético Mineiro. Com base nos estudos de Stuart Hall sobre identidades culturais, apresentou-se um breve resumo sobre a categoria “identidades”, indicando as modificações que tende a se processar no bojo da teoria social. Essa leitura fornece o embasamento teórico para reflexão sobre os traços identitários do autor/cronista, desvelados em suas crônicas que, simultaneamente, são reflexos da influência do contexto social e de sua subjetividade. Metaforicamente e de forma contínua, Paiva conduz a representação da atleticanidade para uma esfera de representação das minorias que são esmagadas pelo poder político.

Ao buscarmos a origem do mito da atleticanidade, é feita a identificação da sua presença nas crônicas do escritor Roberto Drummond. Por fazer parte da cultura futebolística, a narrativa da atleticanidade é recuperada por Fred Paiva que, por sua vez,

⁴ Segundo Lucien Febvre (1878-1956), um dos fundadores da Escola dos Annales, havia camadas do desenvolvimento histórico da humanidade que não sofriam transformações rápidas e nítidas como outras. Assim, por exemplo, as estruturas políticas e sociais seriam as primeiras nas quais se poderiam verificar mudanças substantivas, enquanto certos comportamentos e formas de pensamento demorariam significativamente mais para sofrer alterações. Dessa forma, pensamentos, ideias, ideologias, segmentos morais, atmosferas de compreensão científica, entre outros, estariam dentro da esfera das *mentalidades*, isto é, formas duradouras de pensamento que caracterizam longos espaços de tempo. Ver: HISTÓRIA DO MUNDO. O que é história das mentalidades. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/o-que-historia-das-mentalidades.htm>>. Acesso em 12 de abril de 2021.

lhe fornece novos contornos, atribuindo novos sentidos políticos a partir do contexto atual. Os estigmas e os dramas da subcidadania presentes no cotidiano brasileiro, são transferidos para “os atleticanos” que, no universo do futebol, assumem o papel de excluídos, violentados e aviltados pelos clubes hegemônicos e pelas estruturas de poder.

Por outro lado, ao utilizar o conceito de pertencimento clubístico cunhado pelo antropólogo Arlei Damo⁵ é feita a tratativa da formação da identidade social que se constrói no campo futebolístico. Identidade social que surge através do vínculo dos torcedores com o Clube Atlético Mineiro e que faz com que esses torcedores se envolvam com o clube para além do momento do jogo.

Vale ressaltar que todo o pertencimento responsável pela criação desse vínculo apresentado por Damo (2002), circunda a figura masculina, colocando-a como centro e responsável por inserir os demais no ambiente de envolvimento com o futebol. O clube é escolhido por influência familiar, através de avôs, pais, tios, irmãos e até padrinhos. As questões de honra masculina e hipermasculinidade, da necessidade de demonstração de força como afirmação dessa masculinidade e da rivalidade jocosa não abarcam o pertencimento das torcedoras mulheres que, ao longo dos anos, têm aumentado consideravelmente, tornando-se inclusive objeto de estudo no campo das Ciências Sociais.

No Segundo Capítulo, foram analisadas as crônicas a fim de captar as estratégias discursivas que o autor/cronista se vale para relacionar os temas ligados ao Clube Atlético Mineiro aos acontecimentos que se desenrolam no eixo da política institucional brasileira.

A questão do “futebol como ópio do povo” assume destaque no texto uma vez que o autor/cronista o toma como mote para suas crônicas. Nesse sentido, a relação entre política e futebol é tratada como um processo construído historicamente. Ao apontar diversos momentos em que o futebol foi mobilizado por agentes da política institucional, a ideia de que esporte e política não se misturam é amplamente confrontada.

Ao longo da história, o futebol espetáculo foi utilizado por muitos estadistas para estimular o sentimento nacionalista da sociedade ou para propagandear seus governos. Há muitos que insistem que futebol e política são como água e óleo e no cabo de guerra

⁵ Para Arlei Damo (2002, p.52) o pertencimento clubístico foi um neologismo forjado para dar conta de uma modalidade de vínculo identitário próprio à esfera do futebol, que especificasse no espectro do torcer, um segmento de público militante, emocionalmente engajado a ponto de estender as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele.

para a defesa de seu posicionamento esquecem que o futebol cria um espaço midiático de interação política e que este faz parte da sociedade.

Para Roberto DaMatta (1982), o esporte faz parte da sociedade tanto quanto a sociedade faz parte do esporte. O antropólogo afirma que é impossível compreender uma atividade, sem referência na totalidade à qual está inserida, esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda. Nesse sentido, identificamos ainda o quanto o surgimento de novos atores sociais no ambiente futebolístico influencia sobremaneira os temas tratados por Paiva, alinhando cada vez mais suas crônicas à pauta progressista.

O autor/cronista estudado entrelaça temáticas do universo do futebol e da política, descrevendo acontecimentos dentro de campo, relacionando-os com fatos políticos e com questões sociais do tempo presente. Maroneze (2007) vê a crônica como uma forma privilegiada de narrar o vivido, abrindo portas para acessar a sociedade contemporânea, sendo um espaço privilegiado na reflexão histórica. Para ele a crônica é pensada como fonte privilegiada, como tecnologia do imaginário, como espaço de memórias para os espaços urbanos.

A intenção nesse último capítulo foi apontar a forma como o autor/cronista traz figuras políticas conhecidas e questões partidárias para tratar do futebol e da sociedade, enquanto reitera sua postura assumidamente progressista em um momento político de intensa polarização política no Brasil. Demonstrar como as questões políticas, simultaneamente, se refletem e são matizadas pelo discurso de Fred Melo Paiva, evidenciam tanto sua filiação ao campo progressista quanto ao seu time de coração.

A análise de crônicas esportivas que abordam política permite também realizar uma análise do mundo. Revisitar as crônicas de Fred Melo Paiva é uma oportunidade de perceber como a imprensa esportiva de hoje pode produzir reflexões através de suas narrativas. Para Maroneze (2007), a partir de suas críticas, polêmicas e da tradução poética do cotidiano, o cronista constrói imaginários, discute ideias e pensamentos para analisar a ação do tempo sobre a sociedade.

1 IDENTIDADES

Neste capítulo primeiro da pesquisa tratamos das identidades culturais, objetivando construir uma reflexão teórica que forneça subsídios para analisar uma série de crônicas produzidas por Fred Melo Paiva. Seus textos, de forma recorrente, mobilizam o pertencimento clubístico, uma das múltiplas formas identitárias presentes nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, o teórico britânico Stuart Hall, sobretudo, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2015), figura como base para as análises, uma vez que trata das mudanças epistemológicas que foram ocorrendo na discussão conceitual sobre as identidades sociais e que têm sido constantemente reelaboradas pela teoria social contemporânea. Velhas identidades que antes traziam estabilidade ao mundo social estão declinando e possibilitando, com esse declínio, o surgimento de identidades que apresentam sujeitos fragmentados. Nesse viés, o sujeito não seria mais único em sua identidade, seria, pois, fragmentado a partir das suas múltiplas filiações aos diversos campos sociais, como sua religião, seu posicionamento ideológico, gênero e pertencimento a culturas étnicas. As identidades modernas não seriam mais centralizadas. Hall (2015, p. 22) observa que uma mudança estrutural estaria modificando as sociedades modernas, e essa fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, raça e outros que nos localizavam como indivíduos sociais estariam modificando nossas identidades pessoais.

A tese de Stuart Hall insere-se no rol das grandes transformações epistemológicas ocorridas no final do século 20, quando um movimento iniciado nas ciências humanas, deslocou o olhar dos cientistas sociais, historiadores e filósofos em direção ao sujeito, ou, em outras palavras, aos agentes sociais. As análises estruturais, que marcaram ascensão do marxismo na segunda metade do século passado, foram cedendo espaço aos estudos que privilegiam as representações sociais e o caráter subjetivo das relações sociais, marcadamente iluminadas por autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guatarri e mais tardiamente por Judith Butler (JODELET, 2009).

Nessa direção, a concepção de “identidade” do sujeito pós-moderno, ou melhor de “identidades”, já que o termo sempre remete à pluralidade de escolhas e atribuições, é aquela cuja identidade não é fixa, essencial ou permanente, se transformando e se formando dia após dia. Para cada momento, o sujeito assume identidades diferentes,

identidades que se contradizem e que partem para direções diferentes, considerando que uma identidade unificada seria ilusória.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2015, p. 2).

A partir desse ponto de vista e do entendimento que não há singularidade em uma identidade e que a identidade seria composta por diferentes peculiaridades que distinguem um sujeito do outro, tratamos do mito da “atleticanidade” ou “atleticanismo”, categorias nativas verbalizadas por muitos torcedores do Clube Atlético Mineiro (CAM), para expressarem sobre a singularidade não apenas das práticas de torcer mas também sobre as experiências afetivas que envolvem e diferenciam os atleticanos dos demais torcedores de clubes de futebol, aqui no Brasil. Essas expressões são constantemente mobilizadas por Fred Melo Paiva, em suas crônicas, para identificar e / ou caracterizar o torcedor do Clube Atlético Mineiro, de acordo com o ponto de vista e vivência do jornalista.

Segundo Sancassani (2018), a representação de um mito apresenta inúmeras concepções. Entre elas: é “uma forma de ciência primitiva”; uma “história criada sobre um rito estabelecido primordialmente”; são também “explicações equivocadas de fenômenos”; “uma narrativa sagrada”; “reflexões das ocorrências da vida que agitam nossas emoções”; “o ingrediente vital da civilização humana”; “um esquema lógico criado para resolver uma contradição”; “uma doença da linguagem”; “projeção do inconsciente”; “metáforas das experiências humanas”; “um sistema dinâmico entre sujeito e meio”; “transfigurações coletivas de um evento traumático”; entre outras.

Fazendo uso dos aportes teóricos trazidos por Sancassani (2018), a atleticanidade vivenciada e reproduzida por Fred Melo Paiva, metaforiza a experiência do ato de torcer, por meio de argumentos metafísicos que explicam a relação passional entre o clube e sua torcida. Nessa relação, o mito tem uma estrutura que se repete, de modo que, no caso da atleticanidade, salienta aspectos como a resiliência, entrega e fidelidade, que conformam o próprio *ethos* do torcedor atleticano – que, de certa forma, marca uma determinada coletividade (a torcida), transcende tempo e espaço e constrói uma personalidade de base. A narrativa da atleticanidade, portanto, não foi concebida por Paiva. Escritores e jornalistas de gerações anteriores, especialmente Roberto Drummond

(que atuava como jornalista e escritor), sobretudo na década de 1980, foram responsáveis por reproduzir nas páginas dos jornais, nas rádios e programas televisivos, a ideia de que o torcedor atleticano se diferenciava dos demais por sua capacidade de resiliência, por não abandonar o time em seus infortúnios, por ser uma “massa” identificada com uma personalidade de base. Assim, o papel de Paiva como cronista tem sido o de mobilizar essa mesma estrutura narrativa em seus textos, reforçando e ajudando a manter os atributos do mito da atleticidade nos dias de hoje.

Dessa forma, Paiva no papel de autor / cronista, promove o enquadramento do passado utilizando-se dessas referências para dar sentido ao presente. É por meio do passado que ele explica e / ou justifica o que acontece no momento atual do clube. O mito da atleticidade é, então, uma seleção do passado que fortalece a estrutura narrativa do autor em estudo.

É importante lembrar que Fred Paiva é, assumidamente, torcedor do Atlético Mineiro e que a função social de sua coluna é, justamente, dialogar diretamente com os torcedores do clube, compartilhando desejos, alegrias, insatisfações, amarguras e glórias. Assim, as experiências compartilhadas do “ser atleticano”, associadas ao alto nível de erudição do cronista, são os traços fundamentais que inspiram seus textos. Para compreender esse contexto dialógico, retomamos a noção de pertencimento clubístico, cunhada pelo antropólogo Arlei Damo (2012). De acordo com a sua abordagem, o pertencimento clubístico é uma identidade social formada pelo vínculo entre o torcedor e seu clube. Uma pertença que exige engajamento emocional em torno de um clube de futebol, de forma que essa militância e pertencimento definam o torcedor não como mero simpatizante ou expectador mas como alguém que possui vínculos afetivos duradouros e / ou permanentes de lealdade ao clube (DAMO, 2012). O sentimento é herdado, na maioria das vezes, por um parente do sexo masculino que faz com que, a partir dele, o torcedor passe a integrar não somente uma comunidade de sentimento imaginada, mas um sistema de várias comunidades, que se definem por clubismo. Essa figura masculina é responsável por ensinar a gostar de um clube e desdenhar de outro. Além do desprezo são ensinadas também as jocosidades das mais diversas, muitas vezes direcionadas à sexualidade a fim de relativizar e diminuir o seu rival. Brincadeiras que não caberiam nas relações além-campo e que são determinados tabus sexuais em nossa cultura (DAMO, 2012, p. 62-69).

Ainda de acordo com Damo (2012, p. 68), o clubismo permite que se faça chacota com o patrão, a autoridade, o ricoço e quem quer que se permita, mas não com o pai e o

irmão, nem o pai do pai, nem os irmãos do pai, nem os filhos dos irmãos do pai, nem os amigos que se quer tanto quanto se fossem irmãos, enfim, preservam-se aqueles com quem se possui laços de sangue, reais ou inventados. Acrescento que pode haver casos em que há algum tipo de contrato social, entre familiares e amigos, em que as exceções podem ser subvertidas e a zombaria, a chacota, o jogo de cena sejam liberados até um certo limite do razoável.

Salienta-se, desse modo, que a identidade torcedora é fundamentada em um engajamento imprescindível que norteia rivalidades, uma fidelidade inegociável e imutável, que envolve símbolos e exclui outros que não são do time de coração – diga-se: elementos explorados com frequência nas crônicas escolhidas como *corpus* de pesquisa para este trabalho.

Outro ponto em pauta neste trabalho são as estratégias discursivas utilizadas pelo cronista Fred Paiva para narrar e delinear a história atleticana ao longo dos anos, transformando-a em saga para, assim, construir as narrativas sobre esse caráter identitário do torcedor atleticano. Apontamos, assim, as características da atleticidade elencadas por Fred Melo Paiva em suas crônicas, a mediação dessa identidade na coluna “Da Arquibancada”, do jornal *Estado de Minas*, quais elementos foram utilizados como recurso para abordar acontecimentos que envolvem a experiência do torcedor atleticano de Minas Gerais e como ele rebusca personagens e figuras históricas para situar o leitor no tempo e no espaço da narrativa.

1.1 O cronista e suas múltiplas identidades

Hall (2015, p. 24) pontua que a identidade surge não tanto de uma plenitude daquela identidade que existe dentro de nós individualmente, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior. Seguimos buscando a “identidade” e construindo (auto)biografias que tecem diferentes partes de nossos “eus”.

Pensando na identidade como processo histórico, que é construída de acordo com as relações formadas ao longo da vida, com a influência do contexto social, apontamos como o jornalista / cronista se vê, quais individualidades, atributos e expressões do seu eu, estão latentes em suas crônicas e influenciam o seu escrever.

FIGURA 1 - Fred Melo Paiva



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fred_Melo_Paiva.png

Mineiro nascido em Belo Horizonte, Fred Melo Paiva ou Carlos Frederico Melo Paiva, é graduado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG, em 1995. Vindo de uma família politizada, como ele mesmo afirmou em uma primeira conversa informal, anterior ao início deste trabalho, tem Carlos em seu nome como uma homenagem do seu pai ao personagem político Carlos Lacerda.⁶ Sua atuação profissional tem sido bastante diversificada, em mídias diferentes. Em suas colunas, além de atleticano, ele se declara ateu, *ex-punk*⁷ e progressista, como se pode ver em trecho abaixo de uma de suas crônicas,

Começa nesse domingo, com três jogos em casa, a nossa redenção ou o nosso calvário. Eu, que não acredito em Deus e nem nas estatísticas, estou rezando e fazendo contas, pedindo a ajuda dos mortos e a compreensão dos vivos, especialmente da minha mulher. Não poupemos esforços: para salvar o Galo, fica valendo, a partir de amanhã, até o pacto com o diabo (PAIVA, 2013, p. 22).

Hall (2015, p. 29) traz em seu livro uma argumentação do filósofo Roger Scruton (1986, p. 156), sobre a condição do homem, que exige que este, enquanto indivíduo, ainda que exista e aja como ser autônomo, o faça primeiro por se identificar como algo mais amplo, que pertença a um grupo, sociedade, classe, Estado ou nação. A perspectiva

⁶ Jornalista, escritor e empresário brasileiro, fundador do jornal *Tribuna da Imprensa* e da editora Nova Fronteira. Participou da fundação da Aliança Nacional Libertadora (ANL), filiou-se à União Democrática Nacional (UDN), em 1945 e, em 1947, foi eleito Vereador do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Era opositor ferrenho do segundo Governo de Getúlio Vargas.

⁷ O *Punk*, como substantivo, é um movimento artístico de contracultura que surgiu no início da década de 1970, disseminado, principalmente, por meio da música de conteúdo ideológico contra o autoritarismo, mas a favor da liberdade anárquica, da oposição ao consumismo, entre outros pensamentos revolucionários.

social (análise social feita por meio do esporte) apresentada nas crônicas de Fred Paiva tornou-se mais contundente após 2016,⁸ quando ele entendeu que deveria tratar o tema como uma missão para demonstrar o seu “ativismo político”. Por meio da leitura do conjunto de crônicas, é possível perceber que o autor / cronista se reconhece com diversas identidades e vai construindo uma imagem de si mesmo ao longo de suas publicações, de acordo com suas crenças e influências do meio em que vive.

Nesse sentido, Brandão (1990) observa que

[o]s acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação (BRANDÃO, 1990, p. 37).

Cada uma de suas crenças e influências ajudam a manter o seu estilo textual e sua militância no esporte e na política, buscando apresentar-se consciente de seu posicionamento e entendendo que esse posicionamento é um direito e dever profissional como cidadão, o que denota os entendimentos do autor / cronista sobre si, sua autoimagem identitária que corrobora às suas ações no cotidiano. As personalidades da vida de Fred Paiva, coisas que ele experienciou, como uma mudança de cidade, posicionamentos políticos e gosto musical compõem sua identidade e são abordados em suas crônicas, ainda que não se relacionem ao futebol, mas que, de certo modo, respaldam suas opiniões e estratégias argumentativas.

1.2 A saga atleticana

Para melhor entender sobre o que diz o autor sobre a atleticidade ou atleticismo e aquilo que seria denominado por “saga atleticana”, é preciso trazer o percurso cronológico de alguns fatos históricos para a compreensão da construção da identidade torcedora atleticana, além de explicitar momentos que, para o cronista, fizeram a história desse clube e de sua torcida única e inigualável. Saga, neste contexto, seria um percurso árduo que o personagem principal, no caso o próprio time de futebol,

⁸ Segundo Fred Paiva, em conversa informal que tivemos em 2018, a partir de 2016, de maneira acachapante, o assunto política invadiu as mesas de bar, almoços de família, e ele se deixou invadir pelo tema em sua coluna.

tem de passar, cheio de infortúnios e reveses até chegar ao apogeu, que também é efêmero, pois trata-se de um time que disputa competições contra outros times que também buscam a glória das vitórias e títulos.

Belo Horizonte foi inaugurada em 1897, mas a nova capital mineira só ganhou o nome de Belo Horizonte em 1901. Poucos anos mais tarde, em 1904, surgiu o primeiro clube de futebol, mais especificamente em 10 de junho desse ano, com a construção mítica do jovem carioca Vitor Serpa, que seria o introdutor do futebol na capital mineira e que, após estudar na Suíça, instalou-se em Belo Horizonte com o objetivo de estudar na antiga Faculdade Livre de Direito. Vitor Serpa tinha bastante afinidade com as artes, instalou um teatro na cidade, dirigiu peças e, entendendo que havia pouca diversão na incipiente capital, criou o Sport Club Foot-Ball, que seria o primeiro clube de futebol do estado. No entanto, no mesmo período, em Minas Gerais, era observado o fenômeno do surgimento de clubes de futebol de operários (KANITZ, 2018).

O *Plínio Foot-Ball Club* foi fundado em 2 de outubro de 1904 e, no mesmo ano, surgiram mais três associações: o *Club Athletico Mineiro*, o *Mineiro Football Club* e o *Brazil Football Club* (RIBEIRO, 2021, p. 51).

No ano de 1908, outras agremiações futebolísticas surgiram em Belo Horizonte, entre estas, no dia 25 de março, foi fundado no Parque Municipal por um grupo de estudantes de classe média, o *Athletico Mineiro Football Club*. Entre os primeiros sócios do clube havia não só estudantes, mas também funcionários públicos. O perfil do *Athletico* era similar ao do *Plinio Football Club* e outros times também incipientes.

No primeiro ano do clube, não houve disputa de jogos, as atividades estavam resumidas aos treinos, preparando a equipe para a estreia, em março de 1909, contra o *Sport Club*. O time nasceu vencedor, acumulou vitórias ao longo de seus primeiros anos, vindo a perder uma partida somente em 1912. O clube cresceu, montou sua infraestrutura e ganhou da prefeitura da capital um terreno para construir sua sede e seu campo. No ano de 1913, no aniversário de cinco anos da agremiação, os sócios decidiram mudar o nome para Clube Atlético Mineiro. Dois anos depois, conquistou o primeiro título estadual.

Em 1937, foi realizado o torneio Campeão dos Campeões entre as equipes campeãs regionais de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo, considerado o Campeonato Brasileiro na época, no qual o clube da capital sagrou-se vencedor. Em 1950, o Clube Atlético Mineiro foi convidado para representar o futebol

brasileiro na Europa, iria competir contra grandes clubes e contra o frio. Em dez partidas, o time conquistou seis vitórias, empatou duas vezes e perdeu outras duas. No retorno à Belo Horizonte, o povo foi às ruas e houve muita festa.⁹ Até o início da década de 1960, o time acumulava mais de 30 títulos.

De acordo com Mayor e Souza Neto (2018, p. 2), após a profissionalização do futebol (1933), foram reformados, em Belo Horizonte, estádios com a capacidade de quinze a vinte mil pessoas, como o do América Futebol Clube (Estádio Otacílio Negrão de Lima) e o do Cruzeiro Esporte Clube (Estádio Juscelino Kubitschek). Isso foi noticiado na época como grandes empreendimentos para favorecer o futebol mineiro. Em 1950, o Estádio Independência foi inaugurado, no bairro Horto, em Belo Horizonte, de propriedade do Sete de Setembro Futebol Clube. Ele foi construído para ser uma das sedes da Copa do Mundo desse ano.

Ainda que com esses estádios na capital, numa época em que as torcidas não eram tão volumosas, mas já cresciam, a imprensa em seus discursos evidenciava a necessidade da construção de um grande estádio. Após a Copa do Mundo de 1950, diante da assiduidade do público mineiro e de sua paixão progressiva pelo futebol, houve a necessidade de se construir um estádio maior na cidade. No entanto, somente, em 1959, iniciaram-se as obras e, em 1965, o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, foi inaugurado e erguido com verba estadual (MAYOR; SOUZA NETO, 2018, p. 17).

Na década de 1950, antes da inauguração do Mineirão, o Clube Atlético Mineiro havia conquistado sete títulos estaduais. Entre as décadas de 1960 e 1970, período em que foi inaugurado o estádio, o Atlético conquistou cerca de vinte títulos, entre eles, o título da primeira edição do Campeonato Brasileiro, em 1971, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), além de ter chegado à final, invicto, como vice-campeão brasileiro em 1977. Também conquistou o título da Copa dos Campeões da Copa do Brasil, organizado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em 1978, que foi disputado pelos três primeiros campeões brasileiros da história, Clube Atlético Mineiro, Clube de Regatas Vasco da Gama e São Paulo Futebol Clube.¹⁰

De acordo com dados da enciclopédia oficial do Clube Atlético Mineiro, nas décadas seguintes, entre 1980 e 1999, o time foi campeão por 22 vezes, sendo

⁹ Galo Digital: a enciclopédia oficial do Centro Atletico de Memória. Disponível em: <https://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Categoria:Hist%C3%B3ria>. Acesso em: 25 ago. 2022.

¹⁰ Galo Digital: a enciclopédia oficial do Centro Atletico de Memória. Disponível em: <https://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Categoria:Hist%C3%B3ria>. Acesso em: 25 ago. 2022.

bicampeão sul-americano, em 1992 e 1997, da Copa Conmebol,¹¹ além de vice-campeão brasileiro em 1999. Foram oito importantes semifinais e duas finais nesse período. De 2000 até 2022, foram dezoito títulos, onze estaduais, cinco nacionais e três internacionais. Com esse histórico vencedor, como explicar a “saga atleticana” narrada nas crônicas de Fred Melo Paiva e os estigmas que foram dados ao clube e a torcida?

A série de infortúnios do Atlético, segundo Fred Paiva, teve início com o vice-campeonato de 1977, na disputa do Campeonato Brasileiro, e perpassa a história do clube, ainda que entre 2013 e 2021, tenha voltado a vencer importantes competições. Os sentimentos de fidelidade, resiliência, orgulho, devoção e fé definidos pelo autor para lidar com as adversidades reforçam as características da atleticidade.

Na crônica “O mistério da fé” publicada do dia 23 de julho de 2011, republicada no livro *O Atleticano vai ao paraíso* (2013), ele escreve: “Fizemos 14 semifinais de Campeonatos Brasileiros – que matemática pode explicar um único título? Em 1977, fomos vice-campeões invictos (PAIVA, 2013, p. 7).

O Campeonato Brasileiro de 1977, acima citado, é, pois, um marco temporal para o desfiar da saga atleticana, uma vez que, até aquele momento, tudo parecia normal, grandes feitos, títulos, bons times. No campeonato de 1977, participaram 62 clubes, o Atlético foi à final, com uma campanha perfeita, tendo o centroavante Reinaldo, o Rei,¹² como o maior artilheiro do Brasil, com 28 gols em apenas 18 partidas. O Rei, como é carinhosamente chamado pela torcida do Atlético, estava em excelente forma física e o time tinha onze pontos à frente do Esporte Clube São Paulo, o outro finalista. Todavia, o artilheiro Reinaldo não atuou na decisão do título, pois havia sido julgado culpado de uma suposta agressão pelo STJD, contra um jogador do *Fast Club*. O Atlético só foi notificado da suspensão do seu jogador no vestiário, minutos antes da partida se iniciar. Essa final, foi o único jogo do time que terminava em um empate por 0 x 0 no tempo normal de jogo. O título foi, então, levado a cabo por uma disputa de pênaltis como determinava o regulamento da competição, em que o Esporte Clube São Paulo se sagrou campeão brasileiro.

Para o cronista Fred Melo Paiva e para a “memória oficial” da torcida atleticana, o artilheiro fora impedido de atuar contra o São Paulo por causa da perseguição feita ao jogador pelo regime militar, vigente à época. Em plena ditadura, Reinaldo comemorava

¹¹ Competição sul-americana de futebol, organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol e disputada entre 1992 e 1999, considerada como precursora da Copa Sul-Americana.

¹² José Reinaldo Lima, ex-jogador que surgiu para o futebol aos 14 anos, descoberto pelo ex-técnico Barbatana, em 1972, após fazer 54 gols em 44 partidas no Campeonato Mineiro da base de 1971 e 1972.

seus gols estendendo o braço direito e cerrando os punhos. O gesto que acompanhou o artilheiro durante toda a sua vida, era um protesto contra o regime e a favor do movimento negro, inspirado pelo movimento dos “Panteras Negras”, iniciado nos Estados Unidos em 1966 (COUTO, 2014).

O artilheiro e ídolo do clube atuaria ainda pela seleção brasileira de futebol, tendo como seu maior momento a Copa do Mundo de 1978, na Argentina, país que também vivia sob um regime militar. A despeito do sofrimento com seguidas lesões, a atuação de Reinaldo era impossível de ser ignorada e, mesmo com a pressão dos generais brasileiros sobre a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), para que não convocassem o camisa 9, ele foi para a Copa da Argentina. A ideia de que o jogador de futebol deveria se preocupar somente com o esporte, deixava sobre Reinaldo a constante pressão de não comemorar seus gols com o gesto de protesto.

Reinaldo, em entrevista ao jornalista Breiller Pires,¹³ disse que o almirante Heleno Nunes, então presidente da CBD, e André Richer, chefe da delegação brasileira na Copa de 1978, o recomendaram a não comemorar os gols com o punho cerrado. O próprio presidente Ernesto Geisel, antes da Copa, haveria dito a Reinaldo “Vai jogar bola. Deixa que a política a gente faz”. Ainda assim, o jogador marcou gols e comemorou sucessivas vezes com o gesto de resistência.

Outro momento marcante entre as adversidades vividas, para Paiva e a torcida atleticana, foi o clássico contra o Clube de Regatas do Flamengo, pela final do Campeonato Brasileiro de 1980. O primeiro confronto entre os clubes ocorreu em 1929, mas a rivalidade clubística só teve início em 1980, quando os clubes possuíam os melhores elencos do Brasil, e seus jogadores eram a base da inesquecível seleção brasileira de 1982.

O Atlético tinha Reinaldo, Luizinho, Cerezo, Palhinha e Éder; o Flamengo contava com Raul, Júnior e Zico. Os jogos dos times garantiam um verdadeiro espetáculo e a final era aguardada com grande expectativa. Enquanto o Atlético buscava o bicampeonato que havia escapado em 1977, o time do Rio de Janeiro buscava o primeiro título na competição.

¹³ Entrevista originalmente publicada em setembro de 2012. Disponível em: <https://medium.com/@breiller/o-punho-do-rei-contr-a-ditadura-os-militares-me-impediram-de-jogar-a-final-de-77-e9129d7c66a0>. Acesso em: 7 ago. 2022.

Para o torcedor atleticano Eduardo D'Avila, em depoimento no filme “Lutar, lutar, lutar”,¹⁴ houve escapes no regulamento do campeonato, em virtude de uma portaria da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que estabelecia que a primeira partida ocorresse na casa do time que tivesse menos pontos na fase anterior, mas que teve a ordem de mando de campo alterada.

Assim, os dois maiores times do Brasil naquela época, se enfrentaram primeiro em Belo Horizonte. O Atlético venceu o jogo por 1 x 0, com gol de Reinaldo e a decisão seguiu para o Rio de Janeiro. O Flamengo abriu o placar aos 7 minutos do primeiro tempo, Reinaldo empatou, logo em seguida, aos 8 minutos. Antes de terminar o primeiro tempo, novamente o Flamengo saltou à frente no placar. Reinaldo o artilheiro do Atlético sentiu uma contusão na perna, o que não o impediu de igualar novamente o placar. Quando o placar se encontrava empatado por 2 x 2, o árbitro da partida marcou um impedimento em um passe de Reinaldo para Palhinha que poderia mudar a história do jogo. Na sequência, o árbitro José de Assis Aragão expulsou o jogador Reinaldo, que vinha se destacando na partida, o que causou grande revolta entre os mineiros, com a invasão de campo pela comissão técnica do Atlético e a interrupção da partida. O Flamengo aumentou a vantagem aos 37 minutos, com o artilheiro Nunes. O juiz ainda expulsou os jogadores Chicão e Palhinha, do Atlético. Assim, o Flamengo sagrou-se campeão brasileiro de 1980.

No ano seguinte 1981, no Estádio Serra Dourada, em Goiás, houve outro importante duelo contra o Flamengo, dessa vez pela Copa Libertadores da América. A condução da partida é bastante controversa, que ficou conhecida por muitos, atleticanos ou não, como o maior acinte da história do futebol brasileiro. Mais uma vez, a arbitragem teve mais destaque que o jogo jogado. O árbitro José Roberto Wright expulsou o centroavante Reinaldo aos 33 minutos de jogo, após uma falta dele no camisa 10 do Flamengo, Zico, no campo de defesa do próprio Flamengo. Alguns minutos depois, o ponta esquerda Éder, do Atlético, trombou, acidentalmente, no árbitro enquanto corria para cobrar uma falta. Éder também foi expulso por conta disso. O banco de reservas do clube mineiro invadiu o campo, o que ocasionou na expulsão de mais dois jogadores, Chicão e Palhinha. Aos 37 minutos, o jogador Osmar, da defesa do Atlético, foi expulso também, por segurar a bola com as mãos, enquanto o goleiro João

¹⁴ “Lutar, lutar, lutar” de 2021. Ver: LUTAR, LUTAR, LUTAR. Direção: [Sérgio Borges](#), [Helvécio Marins](#). Produção: Canabrava Filmes, Fractais, ESPN Brasil, Fred Melo Paiva. Brasil: Embaúba Filmes, 2021. HD.

Leite estava caído. Tendo somente seis jogadores em campo, a partida foi abandonada pelo Atlético.

FIGURA 2 - Flamengo 0x0 Atlético-MG, pela Copa Libertadores da América - 1981



Fonte: Eurico Dantas/Agência O Globo

Para o jornalista paulista, Juca Kfoury,¹⁵ o que aconteceu naquele jogo teria sido “um crime lesa pátria”. Os jornais da época também noticiavam a decepção com o jogo que não chegou ao fim:

FIGURA 3 - Manchete do *Jornal dos Sports* – 22/08/1981



Foto: Reprodução Jornal dos Sports, 27 de agosto de 1981.

¹⁵ Em depoimento no filme “Lutar, lutar, lutar”, de 2021. Ver: LUTAR, LUTAR, LUTAR. Direção: Sérgio Borges, [Hélcio Marins](#). Produção: Canabrava Filmes, Fractais, ESPN Brasil, Fred Melo Paiva. Brasil: Embaúba Filmes, 2021. HD.

FIGURA 4 - Manchete do *Jornal Estado de Minas*, pós-jogo – 1981



Fonte: Reprodução/Arquivo/Biblioteca Pública de Minas Gerais.

Ainda que o árbitro nunca tenha assumido o descontrolado noticiado em jornais da época e a precipitação durante a partida, os torcedores do Atlético e os registros da partida cravaram na história o jogo como um fato inexplicável e sem precedentes.

FIGURA 5 - Repercussão da partida na *Revista Placar* – 1981



Fonte: Reprodução/Arquivo/Biblioteca Pública de Minas Gerais.

Na crônica “Rabo de Galo”, de 27 de outubro de 2012, Fred Melo Paiva escreve sobre a tarefa de torcer contra o Fluminense (*Fluminense Football Club*), do Rio de

Janeiro), em que diz do azar atleticano: “não há possibilidade do pão do atleticano cair com a manteiga pra cima”. Faz uso de metáforas como “fiofó virado para o sol” e cita a perseguição ao Atlético, legitimada por ele com os episódios de infortúnios em 1977, 1980 e 1981: “Se a CBF e o STJD não perseguem o Atlético nem Ronaldinho Gaúcho, se não favoreceram deliberadamente o time carioca, então, eu só posso creditar a diferença de nove pontos entre Galo e Fluminense a um ponto, esse do fiofó” (PAIVA, 2013, p. 115).

O jornalista retoma em suas crônicas vez ou outra, esses momentos em que o clube não saiu vencedor de competições, atribuindo o insucesso a uma perseguição generalizada por parte de juízes e entidades que comandam o futebol, demonstrando nutrir um ressentimento que percorre décadas e que um dia será recompensado por tempos de glórias, como na crônica “Agora vai”: Toda vez que um atleticano diz que agora vai, ele enterra o José de Assis Aragão e o José Roberto Wright. Isso é maravilhoso, porque, como eles ainda estão por aí, o atleticano tem a chance de enterrá-los vivos (PAIVA, 2013, p. 10).

No entendimento de Paiva, os percalços históricos serviram para fortalecer o vínculo entre o clube e a torcida. As dificuldades financeiras, a sequência de arbitragens desfavoráveis, o rebaixamento para a série B do campeonato brasileiro, em 2005, e a construção de novas arenas, que possivelmente afastaram tantos torcedores dos estádios, não conseguiram diminuir o sentimento de pertencimento, nem dissipar a lealdade dos atleticanos. Diante de tantos infortúnios, o atleticano foi se moldando e se convertendo no mais forte e resiliente dos torcedores, na visão de Paiva.

Outro momento que, recorrentemente, vem à tona nas crônicas diz respeito ao rebaixamento do clube para a segunda divisão do campeonato nacional, em 2005. A abnegação do torcedor foi destaque não apenas na rememoração das suas crônicas, mas também pela melhor média histórica de público de todas as divisões do campeonato nacional daquele ano, e na “imortalização” da camisa de número 12, no ano de 2006, anunciada à época pelo diretor de futebol Ziza Valadares. Esse evento foi uma forma reverenciar o torcedor atleticano, considerado como fator fundamental na campanha de volta para a Série A, no ano seguinte, do Campeonato Brasileiro.

Na crônica “Onde você estava em 27 de novembro de 2005?”, ele inicia seu texto relembando a queda para a série B do campeonato brasileiro:

O rebaixamento do Atlético é praticamente inevitável. Me dá arrepios escrever essa frase. Me vem à cabeça a queda diante do Vasco em 2005, a torcida cantando o hino ao final do jogo, aquele orgulho de ser atleticano invadindo a alma da gente num momento tão inesperado. Me vem à cabeça meu pai, que nunca ligou muito pra futebol me telefonando de um restaurante e chorando ao ver que os atleticanos chegavam, depois do jogo, cantando o hino (PAIVA, 2013, p. 26).

Para o cronista, o atleticano é esse torcedor que jamais abandona o time e que, apesar de superar os problemas, entende que nem todo torcedor de outro time superaria. Ele lembra e escreve sobre os anos em que “a maré não era favorável” e que nem mesmo diante da possibilidade, por exemplo, de rebaixar seu maior rival, igualando ali a catástrofe, isso aconteceu. Em outra crônica de 2011, “O Atlético ainda vai acabar com o atleticano”, Paiva fala da vontade de se inscrever num AA, os atleticanos anônimos, para se livrar do fardo de torcer para “essa desgraça”, referindo-se à decepção pelo time não ter vencido o Cruzeiro Esporte Clube (clube rival de Belo Horizonte) no jogo em que seria possível levá-los à segunda divisão do campeonato nacional, a série B (PAIVA, 2013, p. 32), apesar de citar o mesmo jogo na crônica “Já ganhou”, fazendo uso dessa derrota em dezembro de 2011, como trampolim para a retomada de uma trajetória campeã do Atlético:

Sim, nós já ganhamos um monte de coisas. Desde aqueles 6 x 1, a goleada mais providencial de nossa história, que o Atlético só ganha. Não ganha somente os três pontos. Não apenas joga bonito e tem uma seleção inteira em seu plantel. Ganha de volta sua dignidade, sua honra de marido traído por décadas, chifrado no peito como um toureiro azarado (PAIVA, 2013, p. 145).

Do segundo lugar no Campeonato Brasileiro de 2012, ao título da Copa do Brasil de 2014, Fred Melo Paiva narra a saga atleticana como história de superação e glórias, construída por figuras heroicas e por feitos memoráveis. Suas crônicas possuem caráter lírico, ilustradas pela descrição poética dos gols como peças shakespearianas, ou pelas vitórias sensacionais que, pouco a pouco, vão restituindo a grandeza do clube e, simultaneamente, devolvendo o sentimento de dignidade ao atleticano. A estratégia discursiva mobilizada pelo autor converte as vitórias em um sentimento compartilhado de cura e redenção. Cria-se no leitor a sensação, ainda que ilusória, de que o futebol é capaz de escamotear a realidade dura e violenta do cotidiano brasileiro, oferecendo aos atleticanos momentos fugazes de felicidade plena: “[q]uando o Galo é campeão, não tem homicídio, não tem divórcio, o flanelinha toma conta de graça – o Galo transforma BH na melhor cidade do mundo” (PAIVA, 2013, p. 157).

Mesmo com a melhor campanha da fase de grupos da Copa Libertadores, em 2013, seria impossível prever o roteiro kafkiano¹⁶ no qual o Atlético foi protagonista nas fases seguintes da competição. Com exceção das partidas contra o São Paulo, pelas oitavas de final da Copa Libertadores da América, em que o time mineiro venceu as duas com o placar agregado de 6 x 2, de certa forma “vingando” o time que perdera para o mesmo São Paulo, em 1977, que ficou com o título de campeão brasileiro.

A trajetória do Clube Atlético Mineiro na Copa Libertadores da América de 2013 teve seu enredo recheado por reversões de placar, defesas milagrosas e uma entrega física incondicional dos jogadores; a sina sofrida do torcedor atleticano começava a mudar para Fred Paiva. O marco da volta por cima do Atlético e dos atleticanos para Fred Paiva aconteceu em 30 de maio de 2013.

No texto escrito em 1º de junho de 2013 (PAIVA, 2013, p. 167), “La Canhota de Dios”, a despeito do seu ateísmo, o autor reconhece, ainda que de forma aparentemente irônica, a existência de Deus, quando relata uma importante defesa do goleiro Victor, ao final do jogo contra o time do Tijuana, do México, no dia anterior. A façanha do goleiro garantiu a vaga ao Atlético para a próxima fase da Copa Libertadores da América, e foi como um chute na falta de sorte, na injustiça e “também na bunda de José Roberto Wright e José de Assis Aragão”. É interessante notar que, no bojo dessa estratégia discursiva, as conquistas do tempo presente são contrastadas aos infortúnios do passado. Dito de outro modo, para além dos sentimentos de euforia e êxtase gerados pela vitória, celebra-se também o acerto de contas com o passado marcado por frustrações e injustiças.

A conquista épica da competição continental é relatada em 25 de julho, com o cronista escrevendo diretamente do estádio de futebol, na arquibancada, local que ele diz ser responsável por tê-lo tornado homem. Na crônica endereçada ao título da Copa Libertadores de 2013, “Ganhou. Meu Deus, o Galo ganhou!” ele trata do merecimento e de uma virada de chave para a vida de cada torcedor atleticano (PAIVA, 2013, p. 193), que ainda experimentaria no ano seguinte um título nacional com uma virada histórica sobre o Flamengo, além da conquista do título em cima de seu maior rival local – o Cruzeiro Esporte Clube.

Na crônica publicada no dia 8 de novembro de 2014, “Duzentos milhões em ação”, após confronto com o Flamengo pela semifinal da Copa do Brasil, em que o

¹⁶ Kafkiano que diz respeito a experiências desnecessariamente complicadas e frustrantes, objetos.

Atlético iniciara a partida perdendo por 2 x 0, no jogo de ida, e levando o primeiro gol aos 34 minutos do primeiro tempo da partida de volta, a emblemática vitória de virada pelo placar de 4 x 1 sobre o time carioca veio e Fred Paiva em tom irônico escreveu:

(...) por isso eu tenho pra mim que não foi o Luan o cara do quarto gol – foram 200 milhões de brasileiros que empurraram aquela bola pra dentro, incluindo José Roberto Wright e os cruzeirenses todos que têm o grito de Galo entalado na garganta. Obrigado a todos vocês por acreditarem junto com a gente (PAIVA, 2014).¹⁷

A referência direta aos acontecimentos de 1980 e 1981 revela, novamente, a estratégia de retornar ao passado com o propósito evidente de construir o sentido de redenção no tempo presente. Não obstante, a leitura do conjunto das crônicas de Fred Melo Paiva nos permite perceber que, mesmo diante da trajetória gloriosa do tempo presente, o autor, de certa maneira, abraça “as tragédias” de 1977, 1980 e 1981 como se elas representassem a herança de má sorte que anulou todo êxito anterior e posterior a elas, mas que, simultaneamente, sustentou os pilares da atleticanidade: resiliência e lealdade incondicional.

No entanto, desde sua fundação em 1908, o Atlético acumulou títulos e colecionou participações em torneios e eventos de futebol importantes pelo mundo, tornando-se um clube reconhecidamente competitivo e vitorioso. A construção e reprodução da ideia de clube desfavorecido e com pouca sorte para os seus torcedores parece ter sido uma “tradição inventada” na década de 1980, quando a equipe passou por infortúnios consecutivos nas finais do Campeonato Brasileiro de 1977 e 1980, além da eliminação na Copa Libertadores da América em 1981, após uma das mais polêmicas arbitragens da história do futebol brasileiro. Portanto, é refutável a tese de que a toda a história do clube teria sido marcada pela má sorte.

1.3 O uso de figuras de linguagem na crônica de Fred Melo Paiva

No jornalismo, a crônica esportiva utiliza uma linguagem mais acessível e trata de forma mais aproximada o tema, ou os temas, a que se propõe. É de fácil entendimento e permite que autor retrate aquilo que o leitor sente, ainda que este não o conheça.

¹⁷ PAIVA, Fred Melo. Duzentos milhões em ação SUPERESPORTES, 2014. Disponível em: https://www.superesportes.com.br/app/1,669/2014/11/08/se-coluna_fred_melo_interna.297189/duzentos-milhoes-em-acao.shtml/. Acesso em: 24 ago. 2022.

Para Maroneze (2007, p. 50) a crônica é uma forma privilegiada de se narrar o vivido, abrindo portas para acessar a sociedade contemporânea, é um espaço privilegiado na reflexão histórica. Para esse autor, a crônica é pensada como fonte privilegiada, como tecnologia do imaginário, espaço de memórias para os espaços urbanos.

Nas crônicas analisadas neste estudo, encontramos, diversas vezes, elementos utilizados pelo cronista, chamados de recursos linguísticos. Esses recursos, aliados à grande eloquência de Paiva, são de extrema importância na composição de suas crônicas e fortalecem o discurso do autor, valorizando o texto e tornando sua linguagem mais expressiva.

As crônicas que são veiculadas no portal do jornal e no jornal impresso contam com grande circularidade, principalmente, nas redes sociais, com divulgação ampla pelo autor e pelos torcedores atleticanos ou não, que, em conjunto com o uso frequente desses recursos linguísticos, chamam a atenção do leitor. A informalidade da linguagem, além da subjetividade e o apelo à emotividade, traços marcantes desse gênero literário e jornalístico, é acompanhada pelo recurso retórico.

De acordo com Silva (1997), o futebol é também um complexo fenômeno de comunicação de massa em que o espetáculo esportivo é ponto de partida para uma intensa produção de discursos: os cantos e gritos de guerra das torcidas, as “conversas de botequim”, o discurso verbal do jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, a iconografia impressa dos jornais e revistas, o discurso imagético da televisão, do cinema. Discursos que são produzidos e consumidos, diariamente, por muitas pessoas e que ocupam um espaço bastante significativo em nossa cultura.

Nas crônicas de Paiva, o discurso bem formulado, aliado ao uso constante de figuras de linguagem, traz notoriedade ao trabalho do cronista, agradando ou desagradando os leitores.

A fim de narrar as suas vivências de torcedor, utilizando a linguagem poética que a crônica permite, Paiva emprega em seus textos uma overdose de figuras de linguagem, ou seja, de “atalhos” linguísticos para expressar uma ideia que vai além da literalidade comum dada a ela. Esses atalhos expressivos têm relação direta com a criatividade humana que permite uma comunicação fluida e que, muitas vezes, não se adapta à realidade palpável do mundo. Ao falar em 2014 na crônica “O amor contra La Bestia

quadrada”, da “gourmetização”¹⁸ dos estádios de futebol, em que as reformas e os modelos mais parecidos com as arenas europeias afastam o público do espaço, ele deu ênfase aos efeitos dessa mudança: “o torcedor está morrendo – e em seu lugar emerge o consumidor. A este eu peço que vá ao shopping aplacar suas angústias, mas que não transforme o Galo num produto qualquer (PAIVA, 2014).¹⁹

O uso da expressão “o torcedor está morrendo” é um exemplo de uma hipérbole, que é um recurso expressivo semântico, em que o emprego de um exagero dá ênfase ao que está acontecendo com o processo de evolução e / ou renovação dos estádios de futebol. Essa figura de linguagem é utilizada novamente na crônica “Que se exploda o Brasil, vamos para Miami” (PAIVA, 2015),²⁰ tanto no título quanto no texto, quando ele diz que “só o Galo salva”. Há um agigantamento sobre o efeito do existir do clube na realidade das pessoas: “Só o Galo salva! Foi o que eu pensei na terça passada, quando decidi acompanhar pela TV Câmara a eleição da comissão especial que analisará o pedido de impeachment da presidente Dilma.”

A utilização de metáforas também é recorrente nas crônicas de Paiva. Com essa figura de linguagem, também do campo semântico da expressão, ele utiliza personalidades e acontecimentos históricos conhecidos, eventos religiosos, entre outros, para comparar momentos e experiências do seu torcer. Na crônica “O Brasil de 70, o Galo de Reinaldo, o Brasil de 82”, Paiva escreve: “Se eu fosse um produtor em Hollywood, mandava contratar o roteirista dos jogos do Galo. O único problema é que ele escreve certo por linhas tortas. Nosso roteirista é o homem lá em cima, só pode. O sócia de Karl Marx (PAIVA, 2017).²¹

¹⁸ Ressignificação da palavra de origem francesa que surgiu por volta do século 18 e que costumava designar um indivíduo de paladar refinado, apreciador de boa comida e bons vinhos. Atualmente a expressão pode dizer tanto do que se refere à culinária quanto a serviços e produtos dos mais diversos que tenham requinte. Ver LOURENÇO, Emília Uema. *O fenômeno da gourmetização*. 2016. 61 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

¹⁹ PAIVA, Fred Melo. O amor contra La Bestia quadrada. SUPERESPORTES, 2014. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/04/12/se-coluna_fred_melo_interna,281615/o-amor-contra-la-bestia-quadrada.shtml>. Acesso em: 5 mar. 2023.

²⁰ PAIVA, Fred Melo. Que se exploda o Brasil, vamos para Miami. SUPERESPORTES, 2015. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2015/12/12/se-coluna_fred_melo_interna,325548/que-se-exploda-o-brasil-vamos-pra-miami.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

²¹ PAIVA, Fred Melo. O Brasil de 70, o Galo de Reinaldo, o Brasil de 82. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/05/20/se-coluna_fred_melo_interna,403115/o-brasil-de-70-o-galo-de-reinaldo-o-brasil-de-82.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

O sócia de Karl Marx, tantas vezes citado nas crônicas de Paiva, é sua metáfora de Deus e, geralmente, essa figura de linguagem aparece para tratar dos imprevistos e indesejados momentos de falta de sorte atleticana.

Na crônica “Sobre o deus de Fábio e o plano Daciolo” ao se referir ao deputado federal Aécio Neves, ele usa a metáfora de “abominável homem das Neves”, e ao ex-presidente Michel Temer, ele chama de “nosso drácula”, para dizer sobre os acontecimentos políticos em curso durante o mês de maio de 2017:

Ao que parece, abriu-se finalmente a temporada de caça ao abominável homem das Neves. Estão no encaço, também, do nosso Drácula, que além da réstia de alho não pode mais com a carne da Friboi. Some-se a esses eventos a Libertadores e o Campeonato Brasileiro, ora a gente jogando, ora a gente secando, em ambas as frentes com implacável eficiência. O resultado é que não se pode mais dormir, ou você perderá algum lance. Minha indumentária agora é chinelo Havaianas, bermuda de surfe, camisa do Galo e um palito em cada olho (PAIVA, 2018).²²

A utilização desses recursos linguísticos é útil e, com certeza, auxilia o cronista na composição de seus textos. Utilizando-se da ironia como uma figura de linguagem, Fred Paiva consegue abordar problemas sociais tendo como pano de fundo a rivalidade futebolística. Na crônica publicada em 26 de novembro de 2016, “Se bem que precisamos de um 2 a 0” por exemplo, o cronista aponta questões mundiais importantes, como o derretimento de calotas polares, grandes êxodos e guerras, e faz uma crítica irônica à eleição de políticos piores que os eleitos no pleito anterior:

As calotas polares derretem a olhos vistos, as guerras e os grandes êxodos se proliferam, assim como o fascismo, a xenofobia, o racismo e a destruição da Amazônia. No Brasil, para acabar com os corruptos, corruptos empossaram corruptos piores que os corruptos anteriores, que por sua vez haviam sido aliados dos corruptos que agora estão no poder (PAIVA, 2016).²³

Sobre a rivalidade entre o Atlético e o Cruzeiro o autor/cronista traz em suas crônicas, jocosidades como, por exemplo, na crônica “Essa noite encarnarei no teu cadáver” em 2013 ao falar do jejum de títulos do rival.

²² PAIVA, Fred Melo. Sobre o Deus de Fábio e o plano Daciolo. SUPERESPORTES, 2018. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/09/15/se-coluna_fred_melo_interna,502703/sobre-o-deus-de-fabio-e-o-plano-daciolo.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

²³ PAIVA, Fred Melo. Se bem que precisamos de um 2 a 0. SUPERESPORTES, 2016. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2016/11/26/se-coluna_fred_melo_interna,367535/fred-melo-paiva-se-bem-que-precisamos-de-um-2-a-0.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

Para não perder o humor, a ironia também é direcionada ao grande rival local, dizendo, por analogia a coisas do passado, que já fazia muito tempo que o rival não ganhava títulos.

O cruzeirense então começa a ver fantasmas: são tantos anos sem ganhar nada... Poxa, ele pensa, no último título do Cruzeiro, eu ainda usava calça pespontada da Toulon, meu Fiat 147 tinha rodas cruz de malta, eu comprava disco na Bobtostes... Ah, quantas saudades da sexta jovem no Minas II...(PAIVA, 2013)²⁴

No caso do uso da ironia acima citado, o autor utiliza o recurso linguístico (semântico), para dar um sentido figurado ao que o torcedor do time rival sente.

Como veremos mais detalhadamente no segundo capítulo desta dissertação, as crônicas de Paiva relacionam futebol e política constantemente, sendo comum encontrarmos nelas acontecimentos políticos da contemporaneidade e do passado. Em 2017, ele relembra, com ironia na crônica “Pelo estádio eu voto sim, sim, sim”, o voto da ex-deputada federal Raquel Muniz para o *impeachment* da então presidente Dilma Roussef, quando fala da votação que aconteceria no clube para a construção ou não do novo estádio.

Dando um tempo nas lamúrias, podemos falar do que importa: o novo estádio do Galo, cuja construção será aprovada ou não no próximo dia 18, numa das votações mais importantes da história do Conselho Deliberativo do clube. Conforme já manifestado neste espaço, se eu fosse conselheiro votaria a favor do estádio. Aliás, seria tão enfático como aquela deputada do impeachment que votou contra a corrupção citando a honestidade do marido, e cujo marido honesto foi preso por corrupção: “SIM, SIM, SIM!!!” (PAIVA, 2017).²⁵

Outro uso de recurso semântico está no título da crônica: “Quando voltou a luz, voltamos à escuridão”, publicada em 11 de agosto de 2018.²⁶ A expressão é uma antítese, figura de linguagem em que se faz uso de palavras que se opõem na mesma frase, no caso: luz e escuridão.

²⁴ PAIVA, Fred Melo. Essa noite encarnarei no teu cadáver. SUPERESPORTES, 2013. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2013/10/05/se-coluna_fred_melo_interna.265013/esta-noite-encarnarei-no-teu-cadaver.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

²⁵ PAIVA, Fred Melo. Pelo estádio eu voto sim, sim, sim. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/09/02/se-coluna_fred_melo_interna.426320/pelo-estadio-eu-voto-sim-sim-sim.shtml > Acesso em: 5 mar. 2023.

²⁶ PAIVA, Fred Melo. Quando voltou a luz, voltamos à escuridão. SUPERESPORTES, 2018. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/08/11/se-coluna_fred_melo_interna.495424/quando-voltou-a-luz-voltamos-a-escuridao.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

Outras figuras de linguagem podem ser encontradas nas crônicas de Paiva: eufemismos, pleonasmos, apóstrofes são utilizados a fim de destacar e dar expressividade às opiniões e aos argumentos do autor. Se a paixão estreita a relação entre o autor e o leitor, as figuras de linguagem reafirmam esse enlace e polemizam o conteúdo produzido e veiculado por Paiva.

1.4 A atleticanidade e seus aspectos simbólicos

Conforme salientamos anteriormente, o chamado mito da atleticanidade não foi criado por Fred Melo Paiva, em certa medida, seus textos dão continuidade a um tipo de narrativa que estava presente desde a década de 1980 na imprensa escrita. Na tentativa de reconhecer, identificar e encontrar em registros históricos a origem dos neologismos anteriormente citados para abordar os aspectos que compõem a identidade do torcedor atleticano, o escritor e jornalista Roberto Drummond é a referência para esse contexto. É possível que o mito da atleticanidade tenha seus primeiros registros literários nas crônicas desse autor, que se identificava, e enfatizava em seus textos, tanto o clube de coração quanto a cidade de Belo Horizonte.

Nascido na cidade de Santana dos Ferros em Minas Gerais, no ano de 1933, Roberto Drummond faleceu em 2002, aos 68 anos. Começou seu trabalho em Belo Horizonte na extinta *Folha de Minas*,²⁷ dirigiu a *Revista Alterosa*,²⁸ que foi fechada em 1964 no golpe militar que deu início à ditadura (1964-1985). Residiu no Rio de Janeiro entre 1964 e 1965, e, em 1966, retornou a Belo Horizonte para escrever crônicas esportivas para o jornal *Estado de Minas* (1966-1991), na coluna *Bola na marca*, mesmo jornal onde Fred Melo Paiva alimenta a coluna *Da Arquibancada* desde 2011. Drummond foi autor de grandes obras literárias, entre elas: *Hilda Furção* (1991), que tinha como cenário a capital mineira das décadas de 1950 e 1960, e que se tornou bastante conhecida em virtude da minissérie homônima produzida pela *Rede Globo*. Conhecido por retratar suas paixões, sempre escreveu e falou com amor e fanatismo do clube de coração, o Clube Atlético Mineiro.

²⁷ O jornal *Folha de Minas* foi um diário fundado em 14 de outubro de 1934, em Belo Horizonte, pela Sociedade Anônima Folha de Minas, mantenedora do jornal. Teve como seu primeiro diretor Afonso Arinos de Mello Franco. Suas matérias cobriam a política mineira, nacional e internacional, bem como a cultura, economia, religião, ocorrências policiais e, por um tempo determinado, publicou o suplemento *Folha de Minas Infantil* entre as décadas de 1940 e 1950. Encerrou suas atividades em 1964, por determinação dos militares durante a ditadura.

²⁸ *Revista Alterosa* era uma revista mensal, ilustrada de Belo Horizonte, lançada em 1939 e fechada em 1964 pela ditadura militar.

Nas crônicas de Fred Melo Paiva é possível perceber a exaltação dos mesmos aspectos identitários do torcedor atleticano enlevados pelas crônicas de Roberto Drummond. O próprio Fred Paiva faz referência a Drummond e à sua base estética da atleticanidade, por exemplo, na crônica “O Galo é a maior coisa do mundo”.²⁹ Paiva exalta Drummond e o fato de o autor entender o Atlético como um partido político: “Salvo engano, foi o Roberto Drummond quem disse ser o Atlético o maior partido político de Minas – e sua Presidência, o segundo cargo mais importante do Estado, perdendo apenas para o governador.”

A exaltação de Roberto Drummond, continuada por Paiva, é mais evidente e expressiva na crônica “Ser Atletico”:

O “Ser Atletico”

O atleticano é diferente de qualquer outro torcedor
É diferente, pois **não se restringe a ser**
Somente torcedor
Ser atleticano é como casamento
Na saúde e na doença
Nas alegrias e nas tristezas
Mesmo quando a doença parece não ir
E as tristezas teimam em permanecer
O atleticano é capaz de
Após uma derrota humilhante
Pegar a camisa no armário
E sair às ruas
Mesmo sendo alvo de piadas
Isso por que o atleticano não torce por um time
Torce por uma nação
E tal qual em uma guerra
Um cidadão não renega um país
Mesmo que a derrota seja grande
O atleticano apoia seu time na derrota
Pois os obstáculos engrandecem
Seu sentimento de nacionalismo
E que me perdoem os que têm apenas títulos
Claro que são importantes
Mas **o atleticano tem algo que os outros nunca terão**
Tem paixão!³⁰ (Grifos nossos)

²⁹ PAIVA, Fred Melo. O Galo é a maior coisa do mundo. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/03/25/se-coluna_fred_melo_interna,391831/o-galo-e-a-maior-coisa-do-mundo.shtml>. Acesso em 05 de março de 2023.

³⁰ Apesar de esforços e pesquisas, não foi possível encontrar data e local de publicação original da crônica. Entretanto o texto da crônica é bastante conhecido e divulgado em blogs e sites diversos.

Drummond desfia em forma de poema o que caracteriza o “ser atleticano”, um tipo de torcedor diferenciado dos demais, alguém que é integralmente dedicado ao clube, assim como alguém dedicado à sua nação.

Para Paiva, Roberto Drummond é referência em atleticidade. Paiva ressalta em crônicas e entrevistas que Drummond é o eterno presidente da Academia Atleticana de Letras.

As questões a seguir são alguns dos principais motes de atleticidade na crônica poema de Drummond, que também são acessados por Paiva ao longo de seus textos. O que mais caracteriza o atleticano torcedor do Atlético Mineiro? Por que o atleticano possui essa condição diferente na *atleticidade* que o faz viver e sentir essa relação com o esporte de maneira diferente? Quais traços marcantes o diferenciam e formam sua personalidade?

Ao analisar a crônica poema de Drummond é perceptível que, para quem vive essa relação com o clube mineiro, há algo diferente dos outros torcedores de outros times, para o atleticano é mais do que torcer. É como se fosse estabelecido um contrato em que a lealdade fosse compromisso *post mortem*,³¹ um vínculo quase de matrimônio e, em alguns casos, talvez mais rígido que um matrimônio, um sentimento de orgulho que é vencedor, mesmo diante da derrota. Na crônica de Drummond e nas crônicas de Paiva, o Atlético não é um time, é uma nação.

Nesse sentido, Hall (2015, p. 31) observa que as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso, ou um conjunto de discursos para formar o arcabouço cultural – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre essa nação, as memórias que fazem conexão entre passado e presente e as imagens que dela são construídas. Assim, o sentido de “nação” como uma comunidade imaginada, aos moldes propostos por Benedict Anderson (2008), recorrentemente é atribuído pelos cronistas esportivos ao se referirem às torcidas de diversos clubes do país.

Ao conectar os acontecimentos do passado e do presente, a crônica esportiva mantém vivos os sentimentos de pertença (pertencimento), reforçando os aspectos

³¹ Depois da morte.

simbólicos que sustentam o pertencimento clubístico como uma tradição a ser mantida, glorificada. Identificado com essa narrativa, o torcedor é abraçado por esses sentimentos de modo a incorporar tais singularidades nas suas práticas de torcer como também em seus discursos de autorreconhecimento. Ou seja, a atleticanidade, em contraposição a outras identidades clubísticas, para além de uma identidade clubística, mobilizada apenas na ocasião dos eventos futebolísticos, passa a fazer parte do *ethos* do torcedor atleticano.

Em suas crônicas, Paiva apresenta diversos aspectos simbólicos que caracterizam essa atleticanidade aclamada. As diversas identidades do autor e sua vivência enquanto torcedor são refletidas claramente em suas crônicas e em sua visão sobre a identidade atleticana, única, inequívoca, inefável, indelével. Apesar da sua condição de ateu, ele recorre à esfera metafísica, usando terminologias como “fé no impossível” e “força do sobrenatural”, o que revela que, possivelmente, o Atlético possa se apresentar para o cronista como sua única fuga “irracional”, que o permite aventurar-se por devaneios facultados apenas para os adeptos das religiões e das seitas.

Para Paiva, o sentimento que envolve a “Massa” (nome dado à torcida do Atlético Mineiro) e o clube é místico, trata-se de um estado de espírito, algo que não se define nem se explica, que existe de forma independente, ao mesmo tempo definido como um sentimento genuíno de amor puro, incondicional e gratuito. Na crônica “O atleticano não é eleitor, ele não esquece” Paiva intitula o atleticano como um tipo *sui generis*, único e que se multiplica, ironicamente, como salário de político (PAIVA, 2012).

O atleticano possui uma lealdade atemporal que nem o jejum de títulos mais importantes, a possível perseguição de arbitragens desleais, as 14 semifinais de Campeonato Brasileiro, conseguindo o título somente em 1971,³² nada segundo o autor, conseguiu romper o elo entre clube e torcida. Ou seja, o elo é indelével.

Ademais, o cronista, tal como Roberto Drummond, cria um sentido de homogeneidade à torcida atleticana, apresentando seus iguais como aqueles com destemor e coragem, que nunca se envergonham nas possíveis derrotas e reveses.

Nesse contexto, o antropólogo Arlei Damo apresenta em: “Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre” (1998), análises sobre o pertencimento clubístico e sobre a rivalidade existente no futebol gaúcho, entre Grêmio e Internacional, que pode ser colocada de

³² Lembrando que para este estudo, o recorte temporal não contemplou o ano de 2021, em que o Clube Atlético Mineiro se sagrou campeão brasileiro e bicampeão da Copa do Brasil.

modo análogo ao se pensar a noção de identidade e pertencimento no viés de outras praças. Para ele, os torcedores elencados, especificamente naquele local, são aquelas pessoas que se engajam emocionalmente em torno de um time de futebol, aqueles que fazem “investimentos emocionais em torno das disputas futebolísticas” (DAMO, 1998, p. 49) que se vinculam ao clube de coração.

Historicamente, é possível observar que o torcedor atleticano acompanha o time desde sua fundação. Alice Neves, além de confeccionar os uniformes do time e a primeira bandeira, saiu de casa em casa recrutando moças para irem ao estádio assistir às partidas e a torcer pelo time do Atlético. A ela é atribuída a criação da primeira torcida organizada do Brasil (RIBEIRO, 2007, p. 144).

Outro fato histórico que aponta o envolvimento da torcida do Atlético, data do início do ano de 1927, quando um concurso organizado pelo periódico “Correio Mineiro”, denominado de “Rainha dos Sports”, mobilizou milhares de pessoas da cidade de Belo Horizonte. Esse concurso consistia em escolher uma das senhorinhas representantes dos principais clubes de futebol da cidade, em que a mais votada, ao final, obteria o título. Cada clube indicava os nomes de suas rainhas e as pessoas faziam sua escolha por meio de um cupom / cédula para voto que vinha no jornal.

O concurso foi um sucesso com o número total de votos quase se igualando à população total da cidade de Belo Horizonte à época. A população estimada da capital no ano de 1927 era de, aproximadamente, 90.000 habitantes e o concurso recebeu 86.000 votos. O título de “Rainha dos Sports” foi dado a Nenen Aluotto, torcedora do Club Athletico Mineiro, que foi eleita com um total de 34.471 votos. Os atleticanos na década de 20 já estavam engajados para eleger a “Rainha dos Sports”, Nenen Aluotto de apenas 14 anos, que era frequentadora assídua dos campos, especialmente dos jogos do Athletico, de acordo com Neto (2010).

FIGURA 6 - Vencedoras do Concurso Rainha dos Sports - 1927



Fonte: *Correio Mineiro*, 02/04/1927, in: Neto (2010).

É importante salientar que há diferenças entre os tipos de engajamentos dos dias atuais para aqueles do início do século 20. Enquanto atualmente o campo futebolístico brasileiro está totalmente consolidado com suas redes de pertencimentos locais, regionais e nacionais, no início do século 20, o amadorismo dos jogadores, além da incipiência organizativa das competições, cujo alcance era apenas regional, evidencia que as formas de pertencimento clubístico se estruturavam por outros sentidos.³³

Ao analisar as redes de pertencimento clubístico atuais, Damo (1998, p. 52) diferencia os termos torcer e o pertencer. Torcer denomina tanto a participação longa quanto a participação e o envolvimento eventual dos torcedores no início do século. Já o pertencimento clubístico é mais atual e se refere ao engajamento mais intenso, aquilo que, por vezes, denominamos de fanatismo, ou aquele torcedor que chamamos de “doente”.

No aniversário de 104 anos do Atlético, em 2012, a crônica de Fred Paiva, que tem o título de “Os 104 anos e a Igreja Universal do Reino do Galo”, afirma que uma pessoa desavisada pode achar que o atleticano de Minas gosta excessivamente de futebol e que isso seria um engano. Para ele, o atleticano não gosta de futebol, gosta é do Atlético. Tal como Drummond que, na crônica poema acima citada, pontua que há torcedores que têm somente títulos e que o atleticano tem paixão (talvez tenha dito isso

³³ Sobre a questão do pertencimento clubístico no início do século 20, ver COUTO, 2003.

em virtude da escassez de títulos até então, o que nada muda a relação de identificação do torcedor com o time).

No início da crônica “Os 104 anos da Igreja Universal do Reino do Galo – Nós não gostamos de futebol, gostamos de Atlético”, ele traz o clube como razão de existir de milhões, algo inexplicável e singular:

Amanhã o Galo completa 104 anos. Imortal como Oscar Niemeyer. **Razão de existir minha e de outros milhões, algo que não se explica e do qual tantas outras dezenas de milhões morrem de inveja.** Porque o Atlético é diferente. **O atleticano é diferente.** Na sua alma tem uns calos que não se curam, uns rancores que não passam, aquela amargura que só os muito injustiçados podem compreender. **A despeito disso, essa mesma alma é plena de fé no futuro e persistência no presente, não desiste nunca, não abandona o barco** – como o galo de briga saído da pena do chargista Mangabeira, em fins dos anos 1930, e não por acaso adotado como nenhum outro. Por mais 104 anos, e até o fim dos tempos, o atleticano nascerá de novo a cada vez que sua veia do pescoço estiver prestes a pular para fora, naquela hora em que ele canta “Lutar, lutar, lutar” no Mineirão lotado (PAIVA 2013, p. 57) (grifos nossos).

O cronista encerra o texto, referindo-se a uma das muitas identidades nas quais ele mesmo se reconhece. Paiva vê e retrata a atleticanidade assim como Drummond, como uma forma de religião. Embora se declare abertamente como ateu, ele acredita no Atlético. Ele conclama os torcedores a criarem a Igreja Universal do Reino do Galo:

Faz 104 anos que pedimos pelo Atlético, e só fomos de fato ouvidos em 1971. Convenhamos: Deus não está a fim de nós. Façamos como os fãs do Maradona, que abriram uma Igreja Maradonista, onde rola uísque do Paraguai e strip-tease. Na Igreja Universal do Reino do Galo teria imagens do Reinaldo e do Éder, tropeiro e chope gelado, Creedence e Beth Carvalho. Para ser convertido, o sujeito teria de parar no ar igual ao Dario. A massa pagaria o trízimo (PAIVA 2013, p. 57).

Mesmo dizendo não acreditar em Deus, em outra crônica do mesmo ano, “E agora José?” dias antes da data comemorativa dos 104 anos do clube, ele escreve “que o atleticano é o que é, esse torcedor religioso e fundamentalista, porque tem tanto orgulho do Atlético que não deixaria de se dizer atleticano nem se isso fosse algum agravante na hora do juízo final. O atleticano vai para o inferno, mas não tergiversa” (PAIVA 2013, p. 54).

Para Paiva, outro aspecto marcante da atleticanidade é a capacidade que o clube possui de converter seus jogadores e ex-jogadores em torcedores, tornando-os verdadeiros combatentes em prol do Atlético. Em março de 2013, na crônica “Vocês que fazem parte dessa massa”, quando o Atlético vence o Arsenal de Sarandí, na

Argentina, ele escreveu que “o time não venceu somente por ser um “timaço”, mas por ter jogadores que torcem de verdade para o time em que jogam e que eles não vestem apenas a camisa da firma, mas vestem a dor e o amor do atleticano, esse palestino do futebol” (PAIVA, 2013, p. 135).

É comum encontrar entrevistas e documentários em que jogadores e ex-jogadores relatam esse vínculo que se cria ao jogar no Atlético. Ex-jogadores que, mesmo aposentados, encontram no clube outra colocação como o ex-atacante Reinaldo Lima, o ex-ponta esquerda Éder Aleixo e, mais recentemente, o ex-goleiro Victor, herói da conquista da Libertadores. Outros que vão embora e seguem acompanhando o clube como Diego Tardelli e Luan Madson Gedeon de Paiva.³⁴

Ex-jogadores que atuaram em mais de um clube na capital mineira e não se declararam torcedores alvinegros, também relatam uma perceptível diferença, como é o caso de Nelinho,³⁵ no documentário “Lutar, lutar, lutar”, aos 21m19s. Ele diz que o “atleticano é engraçado, porque fala que ele, assim, que ele é diferente, então o cara começa a dizer que ele é diferente, que o torcedor atleticano é diferente, todo atleticano vai falar isso e isso virou uma verdade, e todo mundo é assim e acabou. A torcida é conhecida por isso. Que não abandona o time nunca, que é apaixonada. Que eu acredito e vou acreditar sempre mesmo quando perde”.³⁶

O atleticano, aos olhos e sentidos do cronista é fiel, devotado, resignado, forte, fanático fundamentalista, injustiçado. Já o Clube Atlético Mineiro é a “Palestina³⁷ do Futebol,” (PAIVA, 2013, p. 12), como vemos na crônica “Dinheiro, iates, mulheres. O tema do merecimento é uma constante em nossas vidas”, ou na crônica “O atleticano é um crente patológico” (2017), quando ele compara o atleticano ao torcedor do Botafogo, time do Rio de Janeiro, como percebemos abaixo:

Já o atleticano é um crente patológico. Tudo o que ele fez na vida, apesar das tantas provas em contrário, foi acreditar. O atleticano nasceu pra isso, e se o Atlético não existisse, seríamos 8 milhões a crer, sei lá, em duendes, discos

³⁴ Ex-jogadores que fizeram parte do elenco do Atlético que foi campeão da Copa Libertadores em 2013 e da Copa do Brasil de 2014.

³⁵ Nelinho ou Manoel Rezende de Mattos Cabral, é um ex-jogador de futebol brasileiro que atuava como lateral-direito e jogou no Cruzeiro (1973-1980 e 1981-1982) e no Atlético (1982-1987), além de treinar os dois times o primeiro, em 1994, e o segundo, em 1993.

³⁶ Em depoimento no filme “Lutar, lutar, lutar” de 2021 ver LUTAR, LUTAR, LUTAR. Direção: [Sérgio Borges](#), [Helvécio Marins](#). Produção: Canabrava Filmes, Fractais, ESPN Brasil, Fred Melo Paiva. Brasil: Embaúba Filmes, 2021. HD.

³⁷ A *Palestina* é um território do Oriente Médio, dividido entre a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. Seu povo luta até os dias atuais pelo reconhecimento de um Estado, mas, mesmo sem este, tem características de resignação e luta, sendo nação sem Estado reconhecido.

voadores, tucano preso, Terra plana. Na sua imortal melancolia, a solidão estampada no escudo, o botafoguense é um blues do Robert Johnson. O atleticano, por sua vez, é o blues do Malcolm Young, AC/DC na veia, highway to hell, graças a Deus. (PAIVA, 2018)³⁸

Em crônica do dia 18 de julho de 2015, “A atleticanidade e o dever cívico da vitória”, Paiva descreve a atleticanidade como um estado de espírito que não precisa de títulos para existir, nem mesmo do futebol, motivo da fundação do clube em 1908, o que remete, mais uma vez, ao texto de Drummond, *O Ser Atletico*, acima nesse capítulo. O título da crônica “A atleticanidade e o dever cívico da vitória” mostra o quanto essa identidade atleticana é dotada de responsabilidades e que os pertencentes cidadãos dessa, por vezes chamada nação, a amam sem a espera de nada em troca.

A atleticanidade é um estado de espírito que independe de títulos e até mesmo do futebol. É um jeito de se portar no mundo, independentemente da crença religiosa ou do partido político. Como dizia Zezé di Camargo, “é o amooooor”. Credo. Mas é isso mesmo: a atleticanidade é o amor mais puro, desinteressado e gratuito. Sem espaço para traições, nem sequer uma inocente puladinha de cerca (PAIVA, 2015, grifos nossos).³⁹

Ao colocar no título da crônica a metáfora de dever cívico da vitória, o autor, mais uma vez, salienta o pertencimento e a participação do torcedor como pertencente a uma nação, como um soldado pronto para a batalha e com a obrigação de fazer o que for necessário para defender sua bandeira e alcançar êxitos.

Por vezes, o autor menciona o atleticano como um mistério para outros torcedores, já que sua devoção ao clube é inexplicável, como na crônica já citada aqui “O mistério da fé” de 23 de julho de 2011, que foi publicada também no livro “O Atletico vai ao Paraíso”:

É tarefa complicada explicar a Massa a flamenguistas, corintianos, e até cruzeirenses. **Para esse pessoal, o torcedor do Atlético constitui um mistério:** como é possível tamanha devoção? Eu tenho uma tese. Uma tese que nasce da verificação empírica de que o atleticano está desconfiado de Deus. Ele pode ter feito a primeira comunhão, a crisma – mas tem se perguntando quantas estrelas amarelas teria, caso de fato Deus existisse (PAIVA, 2013, p. 7, grifos nossos).

³⁸ PAIVA, Fred Melo. O atleticano é um crente patológico. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: https://www.superesportes.com.br/app/1,669/2017/11/25/se-coluna_fred_melo_interna,443710/o-atleticano-e-um-crente-patologico.shtml. Acesso em: 24 ago. 2022.

³⁹ PAIVA, Fred Melo. A atleticanidade e o dever cívico da vitória. SUPERESPORTES, 2015. Disponível em: https://www.superesportes.com.br/app/1,669/2015/07/18/se-coluna_fred_melo_interna,315191/a-atleticanidade-e-o-dever-civico-da-vitoria.shtml. Acesso em: 24 ago. 2022.

Segundo o autor “o Atlético é um vício, é a maior coisa do mundo, é a utopia de um mundo melhor, mais justo e tolerante, uma ideia de cidade, uma proposta de país, um jeito de dizer que um mundo melhor é possível”.⁴⁰ Ainda que o clube tenha sido fundado em 1908, por jovens brancos e de classe média, Paiva entende e descreve o clube como aquele que abraça a todos, negros, pobres, mulheres e refugiados. Ainda que o ambiente dos estádios, infelizmente, reflita uma sociedade excludente, ele destaca as cores do uniforme como algo extremamente simbólico e fala da disposição das listras de pé, lado a lado, o preto e o branco como que em um elogio à igualdade racial e social. Fazendo um apelo para que a homofobia tão presente nesse ambiente que é o futebol não venha depor contra essa característica de time que abraça a todos:

É por isso, meus amigos, que a gente não deveria gritar bicha no tiro de meta. É por isso que certamente estamos depondo contra a nossa história quando chamamos o cruzeirense de Maria (eu incluso, confesso, quase não consigo evitar).⁴¹

Ele tenta, por meio de suas crônicas, lembrar ao torcedor a história do clube fundando em 1908 para todos, para quem quisesse chegar e ser Galo, como também é chamado o clube, pelo nome da mascote.⁴²

O atleticano, por assim ser, é mais a verdade da sua torcida e bem menos a opinião dos outros, ainda que a opinião dos outros sobre o torcedor atleticano caminhe ao encontro do que o atleticano diz ser, por exemplo, fanático e sofredor. O torcedor atleticano não é um, ele faz parte de um todo muito singular que aproxima. É o “nós” do hino quando entoado o “nós somos do Clube Atlético Mineiro”. É aquele que tem um

⁴⁰ PAIVA, Fred Melo. O Galo é a maior coisa do mundo. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/03/25/se-coluna_fred_melo_interna,391831/o-galo-e-a-maior-coisa-do-mundo.shtml. Acesso em: 24 ago. 2022.

⁴¹ PAIVA, Fred Melo. O Galo é a maior coisa do mundo. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/03/25/se-coluna_fred_melo_interna,391831/o-galo-e-a-maior-coisa-do-mundo.shtml. Acesso em: 24 ago. 2022.

⁴² A mascote do Clube Atlético Mineiro foi desenhada por Fernando Pierucetti, o Mangabeira, que era professor, jornalista, desenhista e pintor. Ele criou as mascotes dos principais clubes mineiros, em 1945, os 'bichos' que representam Atlético, Cruzeiro e América, em um projeto do *Jornal Folha de Minas*. A mascote do Atlético, Galo, se misturou ao nome do clube e o substituiu em muitos momentos. A ideia veio das cores do clube (preto e branco), que são comuns nas rinhãs com o animal. Ele usou como referência um galo carijó que era imbatível nas lutas, o que o fez complementar o nome com as características de forte e vingador. Ver MARTINI, Luiz. *Galo, Raposa e Coelho: 70 anos da criação das mascotes dos tradicionais clubes mineiros*. SUPERESPORTES, 2015. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2015/06/02/noticia_futebol_nacional,311311/galo-raposa-e-coelho-70-anos-da-criacao-das-mascotes-dos-tradicionais-clubes-mineiros.shtml. Acesso em: 25 ago. 2022.

ideal coletivo, registrado também em seu hino e que o faz identificável em qualquer lugar que for.

Drummond é responsável por uma das crônicas mais replicadas por atleticanos, e é possível perceber que a atleticidade, ainda que não fosse assim chamada por ele, é repassada ao torcedor, com o passar dos anos, por meio de crônicas que refletem os sentimentos de seus autores.

Assim:

Se Houver Uma Camisa Preta e Branca

Roberto Drummond

Se houver uma camisa preta e branca pendurada no varal durante uma tempestade, **o atleticano torce contra o vento.**

Ah, o que é ser atleticano?

É uma doença? Doidivana paixão? Uma religião pagã? Bênção dos céus? É a sorte grande?

O primeiro e **único mandamento do atleticano é ser fiel e amar o Galo sobre todas as coisas.**

Daí, que a bandeira atleticana cheira a tudo neste mundo.

Cheira ao suor da mulher amada.

Cheira a lágrimas.

Cheira a grito de gol

Cheira a dor.

Cheira a festa e a alegria.

Cheira até mesmo perfume francês.

Só não cheira a naftalina, pois nunca conhece o fundo do baú, trêmula ao vento.

A gente muda de tudo na vida.

Muda de cidade. Muda de roupa. Muda de partido político. Muda de religião. Muda de costumes.

Até de amor a gente muda. **A gente só não muda de time, quando ele é uma tatuagem com a iniciais C.A.M., gravada no coração.**

É um amor cego e têm a cegueira da paixão.

Já vi o atleticano agir diante do clube amado com o desespero e a fúria dos apaixonados.

Já vi atleticano rasgar a carteira de sócio do clube e jurar: Nunca mais torço pelo Galo.

Já vi atleticano falar assim, mas, logo em seguida, eu o vi catar os pedaços da carteira rasgada e colar, como os amantes fazer com o retrato da amada.

Que mistério tem o Atlético que, às vezes, parece que ele é gente?

Que a gente associa às pessoas da família (pai, mãe, irmão, tio, prima)?

Que a gente o confunde com a alegria que vem da mulher amada?

Que mistério tem o Atlético que a gente confunde com uma religião?

Que a gente sente vontade de rezar “Ave Atlético, cheio de graça?”

Que a gente o invoca como só invoca um santo de fé?

Que mistério tem o Atlético que, à simples presença de sua camisa branca e preta, **um milagre se opera?**

Que tudo se transfigura num mar branco e preto?

Ser atleticano é um querer bem.

É uma ideologia.

Não me perguntem se eu sou de esquerda ou de direita.

Acima de tudo, sou atleticano e, nesse amor, pertença ao maior partido político que existe:

O Partido do Clube Atlético Mineiro, o PCAM, onde cabem homens, mulheres, jovens, crianças.

Diante do Atlético todos são iguais: o bancário pode tanto quanto o banqueiro, o operário vale tanto quanto o industrial.

Toda manhã, quando acordo, eu rezo:

Obrigado, Senhor, por me ter dado a sorte de torcer pelo Atlético.⁴³

Paiva reconhece a nação⁴⁴ a que pertence, em consonância com a crônica acima de Drummond, como uma religião, doença, ideologia e replica isso em seus textos como já vimos. Um pertencimento que envolve sentimentos de amor e fidelidade, lágrimas e sorrisos. A identidade atleticana, tão evidente nos textos de Fred Paiva, é claramente um traço marcante também da identidade do autor e tem forte ingerência no seu estilo textual, interferindo sobremaneira na construção de suas crônicas.

Em crônica publicada no dia 13 de fevereiro de 2016, “Meu caro Robinho”, ele utiliza características antes apresentadas por Drummond, mais uma vez mostrando dar continuidade a um discurso originado antes dele e replicado até os dias de hoje: “(...) isso aqui é algo que não se explica nem se entende. Isso aqui é Galo – um exercício de amor e fé, uma ideologia, um partido político revolucionário, uma guerrilha urbana, uma religião fundamentalista. Tudo isso e nada disso”.⁴⁵

Portanto, a atleticidade, entendida aqui como uma das principais marcas da estratégia discursiva do autor, traduz não apenas o vínculo clubístico do autor, senão a maneira com que ele próprio se encarrega de reproduzir e expressar sentimentos que representam a torcida atleticana. Paiva mantém uma relação dialética com a atleticidade, na mesma medida em que ele é subjetivado por esse discurso da atleticidade, ele não é passivo, recriando e ressignificando essa identidade por meio de suas incursões políticas e dos elementos que ele traz de sua cultura política. Michel Foucault recorre à noção de representação como o conjunto de ideias⁴⁶ que intervêm no processo de subjetivação da realidade. A atleticidade, como marca textual e residual da subjetividade do autor traduz um sentimento coletivo, uma representação social. Apropriada pelo autor, ela representa, portanto, um traço da sua subjetividade que, por sua vez, é moldada, entre outros aspectos, pelo clube que, nesse caso, pode ser considerado um símbolo coletivo de subjetivação que molda e cria figuras de subjetividade.

⁴³ *Jornal Hoje em Dia*, 25 de março de 1990.

⁴⁴ Nação Atleticana.

⁴⁵ PAIVA, Fred Melo. Meu caro Robinho. SUPERESPORTES, 2016. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2016/02/13/se-coluna_fred_melo_interna.329465/meu-carro-robinho.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

⁴⁶ FOUCAULT, 2001a *apud* JODELET, 2009, p. 687.

Nesse sentido, Paiva é narrador e personagem. Em seus textos, retrata não só aquilo que habita sua subjetividade, mas também se assume como representante dessa coletividade de torcedores da qual ele pertence. A atleticidade opera, portanto, simultaneamente, como o próprio ego do autor, também comporta a dimensão representativa do seu pertencimento que diz respeito a uma coletividade.

2 FUTEBOL, POLÍTICA E SOCIEDADE NAS CRÔNICAS DE FRED MELO PAIVA

O propósito deste segundo capítulo é analisar as crônicas que tematizam a política institucional brasileira, a fim de demonstrar as estratégias discursivas que Fred Melo Paiva mobiliza no intuito de associar o cotidiano futebolístico do seu clube de coração aos eventos políticos que transcorrem na história recente do país. Suas posições progressistas dão o tom das críticas que foram dirigidas especialmente aos espectros conservadores que ganhavam espaço na cena política brasileira.

Em primeiro plano, são explorados os significados da expressão “ópio do povo”, uma figura de linguagem mobilizada pelo autor para conferir sentido ao suposto poder alienante que o futebol poderia proporcionar em tempos de ascensão da extrema direita no país. Em seguida, analisamos as crônicas do autor tendo em vista o contexto histórico no qual foram reproduzidas as tensões sociais que marcaram a política brasileira. Enquanto nas arquibancadas se proliferavam coletivos de torcedores antifascistas, Fred Paiva trazia para suas crônicas aspectos alinhados à agenda progressista e às próprias pautas dos coletivos antifascistas.

2.1 O futebol é o ópio do povo? Usos e abusos do termo nas crônicas de Fred Melo Paiva

Na crônica “O melhor ópio do povo”⁴⁷, após o pleito de 2018, Paiva escreve:

Eleito Bolsonaro presidente, não nos resta outra opção a não ser mergulhar com tudo no consumo desenfreado do ópio do povo. Desde o domingo passado, finda a eleição, já me encontro nessa cracolândia, entorpecendo-me com notícias frescas sobre a pontuação do campeonato, nossas chances estatísticas, o início das obras do novo estádio. E, claro, aquela que não precisa mais ser redigida, bastando republicá-la a cada fim de ano, a exemplo das reportagens sobre papais noéis de shoppings: a volta de Diego Tardelli.

Para Paiva, após o resultado “decepcionante” da eleição, o futebol se apresenta como única solução possível para que a vida pudesse “seguir em frente”.

⁴⁷ PAIVA, Fred Melo. O melhor ópio do povo. SUPERESPORTES, 2018. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/columnistas/fred-melo-paiva/2018/11/03/se-coluna_fred_melo_interna,547520/o-melhor-opio-do-povo.shtml. Acesso em: 5 mar. 2023.

Anteriormente, em 2017, na crônica “Sobre o Galo, as surubas e as armas químicas”⁴⁸ Paiva também faz uso da expressão “ópio do povo” ao tratar do futebol:

São tantos os acontecimentos que se sucedem na suruba de Brasília, que numa mera semaninha parece ter transcorrido o mês inteiro – sensação ainda mais real quando a gente confere o extrato do banco. Pra encarar a volúpia do noticiário, com seus estancadores de sangria, com o Supremo, com tudo, só utilizando doses cavalares de ópio do povo. Por isso, atleticanos de todo o mundo, uni-vos por um calendário em que tenha jogo do Galo de domingo a domingo, sem interrupção. Só o Galo nos salva das trevas!

É possível identificar também nessa crônica que, metaforicamente, assim como ocorre com o uso das drogas, o desejo incessante por assistir aos jogos do Atlético seria a solução para o esquecimento de tudo o que estivesse acontecendo na vida política brasileira.

Nesse sentido, é importante lembrar do uso da expressão “futebol é o ópio do povo”, frase conhecida e muito repetida ao longo dos anos, para tratarmos da relação entre o futebol, a sociedade e a política. Dessa forma, vale a pena explorar as razões que levaram Fred Paiva a valer-se dessa metáfora, cujo significado possui um sentido cristalizado no senso comum, embora seja objeto de intenso debate no campo acadêmico.

A expressão “ópio do povo” segundo Neto (2012) é atribuída a Karl Marx⁴⁹ e está presente na introdução do manuscrito Crítica da Filosofia do direito de Hegel de Marx (2005, p. 145), porém já havia aparecido em escritos de outros pensadores como Immanuel Kant, Ludwig Feurbach e Heinrich Heine. Como popularmente foi atribuída a ele, é necessário entender sua perspectiva.

Marx (2005) escreveu que “a religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. A religião é o ópio do povo”. Para ele a religião possui também um caráter dúbio, já que tanto pode funcionar validando a sociedade quanto pode protestar contra ela. Marx antes de afirmar que a religião seria o ópio do povo, disse que “a miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real”. (p.145) Mesmo na expressão cunhada por Marx, a religião também seria uma forma de luta e protesto, não se podendo limitá-la somente a um fim.

⁴⁸ PAIVA, Fred Melo. Sobre o Galo, as surubas e as armas químicas. SUPERESPORTES, 2018. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/02/25/se-coluna_fred_melo_interna,385875/sobre-o-galo-as-surubas-e-as-armas-quimicas.shtml. Acesso em: 5 jun. 2023.

⁴⁹ Karl Marx foi um filósofo, sociólogo, economista, jornalista e teórico político alemão.

No caso do futebol e do uso da expressão que remete a ele, é importante pontuar algumas questões. O esporte que chegou ao Brasil no final do século XIX, pelas mãos da elite, era inicialmente praticado por poucos e sem adesão massiva da população na prática esportiva e no torcer, só se tornando realmente popular na década de 1920.

É mister, salientar que desde sempre houve um preconceito intelectual em torno do futebol. Para Santos (1981), o incentivo dado à prática do futebol durante a greve geral operária, que aconteceu em São Paulo no ano de 1917, tinha a intenção de tirar o foco dos grevistas de suas reivindicações:

A greve de 1917, que chegou a paralisar dezenas de milhares de operários, fez ver às autoridades e aos industriais que a cidade precisava de um "esporte de massas". Como a uma criança que se manda brincar "para queimar energias", os operários foram, então, mandados jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos, os industriais se apressaram em construir grounds; a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, suspensos. (SANTOS, 1981, p.22).

A simples prática esportiva não conseguiria tal feito, pelo simples fato dessa prática esportiva ainda ser limitada, não popularizada e sem as características de pertencimento clubístico.

A partir do momento em que o futebol se popularizou e deixou de ser exclusividade de uma classe social, o esporte passa a ser considerado um fenômeno de alienação de massas, como se tudo que dissesse respeito ao povo, tivesse menos valor.

Para Da Matta (1982):

Realmente, é fácil observar que todos os "ópios" são sempre aquilo que consideramos "atividades fáceis", "dispensáveis", "ilusórias". Dimensões de nossa realidade social que não podem ter o mesmo valor do trabalho e/ou da guerra; estas sim, atividades "reais", determinantes, finais e - por tudo isso - causativas. (DA MATTA, 1982, p. 22)

Para os defensores da expressão que trata o futebol como ópio do povo, visão que surge nas ciências sociais, através de autores marxistas ao final da década de 1970, o esporte ao contrário de outras atividades, é desnecessário e desvia o olhar do povo brasileiro de seus problemas. Esse entendimento de que o futebol seria uma atividade sem valor e seriedade, com finalidade única de servir a uma classe dominante, deixou de ser hegemônico no âmbito das Ciências Humanas. O trabalho seminal para desconstruir a ideia de ópio do povo é de Da Matta, sendo marco inicial dos estudos culturais do futebol entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980.

De acordo com Lira Neto (2012) ainda que o esporte seja utilizado por governantes, nos mais variados momentos da história, é simplista responsabilizá-lo pela forma como o Estado o utiliza. É notório que, seja em períodos ditatoriais ou em regimes democráticos, o esporte é utilizado justamente pela sua importância para sociedade. Por outro lado, nada indica que essa utilização possa ditar o rumo das eleições do nosso país, como veremos a seguir.

As Copas do Mundo de Futebol coincidiram com o pleito presidencial no Brasil por nove vezes, sendo que em 1930, ano da primeira edição do mundial, as eleições aconteceram antes dos jogos.

Em 1950, o Brasil sediou pela primeira vez um campeonato mundial de futebol. Na corrida presidencial daquele ano, entre os candidatos à eleição estavam Eduardo Gomes (UDN – União Democrática Nacional) e Cristiano Machado (PSD – Partido Social Democrático), estes estiveram presentes na concentração da seleção, na semana antes da final, na clara tentativa de associar a imagem vencedora do time até aquele momento às suas imagens. Quem venceu a eleição, no entanto, foi Getúlio Vargas, 79 dias após a final histórica conhecida como Maracanazo⁵⁰. Para Drummond (2015), a vitória de Getúlio não pode estar atrelada ao fracasso da seleção brasileira na copa, uma vez que ele era uma das principais forças políticas no país, o que nos leva a crer que ele venceria de qualquer forma.

Os três primeiros títulos mundiais do Brasil se deram em 1958 na Suécia, em 1962 no Chile e em 1970 no México. É válido salientar que há um costume acima de qualquer interesse de associação de imagem, de que o Presidente da República receba atletas campeões.

No ano do primeiro título mundial brasileiro - 1958, o Presidente da República era Juscelino Kubitschek (JK), eleito democraticamente, aparentemente por convencer seus eleitores com sua política desenvolvimentista. Um dos destaques de seu governo foi a construção de Brasília. No discurso de JK após a vitória do selecionado brasileiro, ele saúda os campeões e faz questão de lembrar de Brasília e do espírito novo a mover os rumos do país, um discurso de certa maneira populista:

⁵⁰ Considerada até o ano de 2014, a maior tragédia do futebol brasileiro, o Maracanazo (em espanhol: Maracanazo) é o termo usado em referência à derrota da seleção brasileira para a seleção uruguaia, na final do Campeonato Mundial de Futebol de 1950, quando muitos davam como certo o título mundial ao Brasil.

Aos brasileiros, as minhas congratulações por êsse feito memorável. É o Brasil novo que começa a conquistar as suas vitórias, é o Brasil de Brasília que, plantado no coração da Pátria, tem agora um espírito novo a dirigir-lhe os destinos. Estamos, portanto, felizes e vitoriosos e que Deus nos ajude em novas arrancadas para que o Brasil doravante não conheça mais derrotas. (KUBITSCHKEK, 2021, p.245)

JK exaltou a vitória do selecionado nacional e ao mesmo tempo fez uma associação dessa conquista ao campo político. A mensagem que ele quis passar é que o título mundial seria uma chave, uma virada para novos tempos de progresso e outras vitórias para o país.

FIGURA 7 - Goleiro da Seleção Campeã, Gylmar e o presidente Juscelino Kubitschek, após a conquista da Copa do Mundo de 1958



Fonte: Arquivo Nacional. Imagem do Fundo Correio da Manhã.

Em 1961, a renúncia de Jânio Quadros, deu espaço a uma crise política, econômica e social. Os militares insatisfeitos com a posse do vice João Goulart já orquestravam o golpe civil-militar de 1964. Nem mesmo o contexto de crise e a insatisfação dos militares teve impacto na conquista do bicampeonato da Seleção Brasileira. Jango, como era chamado o presidente, também recebeu os atletas campeões do mundo em 1962.

FIGURA 8 - Jango recebe a seleção brasileira bicampeã do mundo.



Fonte: Reprodução memorial da democracia.

Conforme pontuamos anteriormente, o período de maior evidência da ligação histórica do futebol no Brasil com a política foi justamente durante o Regime Militar, um período marcado por imensa repressão e pela tortura de opositores ao regime. O futebol como instrumento político é traço comum de regimes não democráticos.

Para Couto (2014) a Copa de 1970 foi um dos momentos mais bem sucedidos da história da propaganda oficial no Brasil, não somente pelos esforços do governo militar para aliciar o futebol a sua comunicação, mas também em face do bom trabalho desenvolvido pela comissão técnica do selecionado nacional e da qualidade individual dos jogadores. A Agência Especial de Relações Públicas ligadas ao Regime (AERP), buscava sintonizar suas diretrizes ideológicas aos elementos mais caros ao cotidiano do brasileiro. Ainda segundo Couto (2014) a propaganda oficial elegia o futebol como um dos seus principais temas.

Eram veiculados pela agência de propaganda do governo, slogans em tom ufanista que determinavam o Brasil como o “país do futuro”, e um “país que vai pra frente”. Esse tom ufanista presente em peças publicitárias também retratou de forma clara a mistura do esporte com a gestão do Estado. Frases nacionalistas e xenóforas circulavam pelo país e estampavam adesivos como, “ninguém mais segura este país” e “Brasil, ame-o ou deixe-o”. O governo do General Emílio Garrastazu Médici ficou conhecido pelo “milagre brasileiro” que segundo Cordeiro (2009) “foi um período entre 1969 e 1974 de significativo crescimento econômico, com uma enorme euforia desenvolvimentista e uma inabalável fé no progresso do país” (p. 86).

O *jingle* marcante na conquista do tricampeonato brasileiro, composto por Miguel Gustavo, para uma marca de cerveja, “Pra frente Brasil” alimentava o sonho de 90 milhões de torcedores brasileiros e era veiculado na TV com imagens da seleção e de Pelé⁵¹ ao lado do presidente Médici (Couto, 2014). Na letra frases que conclamavam o sentimento nacionalista e a união de todos em prol do país.

*Noventa milhões em ação
Pra frente, Brasil
Do meu coração
Todos juntos vamos
Pra frente, Brasil
Salve a Seleção!
De repente é aquela corrente pra frente
Parece que todo o Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Tudo é um só coração! [...]*

Após o período militar, as eleições presidenciais só voltaram a coincidir com as Copas do Mundo a partir de 1994. Drummond (2015), em seu artigo, apresenta dados que exemplificam como se deram os resultados das eleições desde então, em contraposição ao desempenho da seleção brasileira nas copas.

FIGURA 9 - Tabela Copas do Mundo e Eleições

COPAS DO MUNDO E ELEIÇÕES

ANO	Resultado da Copa do Mundo	Resultado das eleições
1950	Brasil perde a final para o Uruguai.	Getúlio Vargas eleito presidente.
1994	Brasil campeão.	FHC eleito como candidato da situação.
1998	Brasil perde a final para a França.	FHC reeleito.
2002	Brasil campeão.	Lula eleito como candidato da oposição.
2006	Brasil perde nas quartas de final para a França.	Lula reeleito.
2010	Brasil perde nas quartas de final para a Holanda.	Dilma eleita como candidata da situação.
2014	Brasil perde de 7-1 para a Alemanha.	Dilma reeleita.

Fonte: Blog História do Esporte.

Do tetracampeonato em 1994 até a conquista do penta em 2002 foram oito anos e um título da Copa do Mundo. Do penta até o vexatório 7 x 1 em 2014, 12 anos e 3

⁵¹ Pelé (1940-2022) ou Edson Arantes do Nascimento, foi um jogador brasileiro de futebol. Conhecido como "Rei Pelé" foi eleito o "Atleta do Século" e atuou na Seleção Brasileira de futebol de 1957 a 1971.

mundiais, e de 2014 até o momento mais dois mundiais. É possível perceber que os resultados das urnas em nada se misturam com a euforia causada pelo futebol.

O que se percebe nas arenas e/ou estádios de futebol, é reflexo da realidade da sociedade em que o esporte está inserido. E, se a Constituição Federal de 1988, em seu art. 5º, inc. IV, garante a liberdade de expressão, não se pode descartar qualquer manifestação política no meio esportivo. Seja no futebol ou em outros esportes, as manifestações são legítimas ao longo da história, ainda que por vezes tenham sido reprimidas ou condenadas.

O movimento esportivo não se limita apenas ao lazer e pode servir também de espaço para debates e reflexões que auxiliem a sociedade na busca por melhorias e mudanças importantes.

O futebol não é fator alienante do povo, ao menos não alienante a todo povo. Para Da Matta (1982) “o futebol é um veículo que possibilita pensar uma série de dramatizações da sociedade brasileira” (p.21). O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir. Assim, Da Matta (1982) entende o futebol como um modo privilegiado de situar um conjunto de problemas relevantes da sociedade brasileira, capaz de provocar uma série de dramatizações do mundo social. O futebol para ele é uma máquina de socializações, a oportunidade de que o povo experimente uma entidade abstrata como algo visível e concreto e que conduz as pessoas ao reino da igualdade e justiça social.

Talvez por desconhecer a crítica damattiana e o amplo debate sociológico sobre a ideia de “futebol como ópio do povo” ou mesmo por eleger, propositalmente o termo na sua acepção marxista, Paiva utiliza o termo “ópio do povo” em suas crônicas como meio de alienação e fuga, como algo possível de desligá-lo da realidade, contrastando, portanto, o sentido amplamente empregado no campo da sociologia do esporte.

2.2 Política e futebol como processo e o contexto político no Brasil contemporâneo

Podemos perceber que a relação entre esporte e política, por mais comum que possa parecer, não é algo natural. Essa relação é parte de um processo que se desenha historicamente, sendo também influenciado pelo que acontece fora das quatro linhas que margeiam um campo.

O esporte que se popularizou no Brasil e no mundo no século XX, e é parte da formação cultural do país, também atende demandas da sociedade, o que se explica em parte pelas leis criadas a fim de garantir o acesso às atividades desportivas e regulamentá-las, bem como pela adoção de posturas e envolvimento de governantes em questões relacionadas ao desporto.

De acordo com Ribeiro (2020) a popularidade do futebol o tornou independente de outras modalidades esportivas, o que fez com que ele se transformasse em um esporte extremamente interessante para dirigentes do campo esportivo e para governos autoritários. O uso do futebol por ditaduras, de forma a associar a imagem desses governos a algo popular é evidente em diversos momentos históricos. Para além do uso do futebol por esses regimes autoritários, acontecimentos históricos mundiais impactaram o esporte ou foram impactados por ele.

Ainda segundo Ribeiro (2020), o que acontece na sociedade impacta o futebol, tanto quanto este impacta a sociedade. Ele elenca acontecimentos e momentos em que isso é claramente perceptível como no pós-45 (Segunda Guerra Mundial), quando o mundo se dividiu em capitalistas x socialistas e sociedades industrialmente desenvolvidas x as demais. A conjuntura pós-45 fez aumentar o número de países que aderiram a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil foi conveniente diante de uma Europa ressentida pelos impactos da guerra, diante do banimento da Alemanha do mundial em face dos crimes nazistas cometidos. Além de trazer também a tensão futebol e política no período das ditaduras na América Latina (1954-1990).

Na contemporaneidade, em democracias como na Espanha ou no Brasil, o futebol é vitrine de mazelas sociais como racismo e homofobia, mas em contrapartida é também espaço de luta contra essas mesmas mazelas. Muitos desportistas se manifestam por seus direitos, outros são pautados por seus assessores de imprensa que buscam despolitizar certos conteúdos.

Contextualizar os momentos históricos e políticos de cada época é fundamental para se entender a dimensão política do futebol, já que esse esporte desperta grande apelo social. Mesmo em períodos de governos democráticos é possível perceber na imprensa discursos de apelo emocional, que buscam construir laços de identidade nacional que conectam pessoas de diferentes regiões do país por meio de sentimentos ligados à seleção nacional.

Paiva se vale da crônica e todas as suas potencialidades enquanto gênero literário, para relacionar o tema do futebol ao imaginário político. A relação entre futebol e sociedade, presente em seus textos, traz sua visão do meio social, fazendo uma leitura por meio do esporte com textos informativos sobre o seu clube, que ao mesmo tempo, possuem grande carga emocional, crítica e ideológica.

A fim de aguçar a compreensão de nossa exposição, retomamos aqui o recorte dessa pesquisa e alguns marcos temporais de grande relevância para a vida política do país e que influenciaram de maneira significativa a construção narrativa do autor.

O primeiro período de análise desta pesquisa se concentrou do ano de 2011, quando Fred Melo Paiva iniciou seus trabalhos na coluna “Da Arquibancada”, do jornal Estado de Minas⁵², até junho de 2013 quando aconteceram no Brasil as “Jornadas de Junho” ou “Manifestação dos vinte centavos”. Calil (2014) descreve as Jornadas de Junho como as maiores manifestações populares da história recente do Brasil, que reuniu vários milhões de manifestantes, de diferentes estratos sociais e nas mais variadas regiões do país, e teve como característica marcante o caráter pluriclassista, aliado à diversidade de reivindicações e o fato de que a maior parte dos manifestantes não tinha nenhuma experiência política anterior. Para ele, ainda que a mídia diminuísse o significado social dos protestos à luta contra corrupção, três posições principais foram identificadas facilmente: a) a oposição de esquerda; b) a oposição conservadora em suas diferentes frações; c) os defensores do governo Dilma Roussef.

Entendemos que esse primeiro período de análise foi o pontapé inicial para ascensão da extrema direita no Brasil. E com ele o engajamento maior de parte significativa da sociedade no debate político.

O segundo período estudado tem início no pós-junho de 2013, passando pelo *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff em 2016, indo até a prisão do Presidente Lula e a campanha presidencial de 2018. É notável que após 2016, a presença de conteúdos políticos partidários tenha se tornado mais constante nas narrativas de Fred Melo Paiva.

De 2013 até 2016, no cenário político brasileiro, se desenhava a ruptura com os valores democráticos e a extrema polarização que aconteceria nas eleições presidenciais de 2018. Segundo o cientista político Leonardo Avritzer (2019), o que ocorreu de 2013 a 2018, foi o alinhamento entre opinião pública, classe média e elite. Esses grupos se

⁵² Estado de Minas é um [jornal brasileiro](#) pertencente aos [Diários Associados](#) e que foi fundado em [7 de março de 1928](#), sendo um dos mais importantes jornais impressos do estado de [Minas Gerais](#) e do Brasil.

utilizaram do discurso antipetista endossado pelo Poder Judiciário e amplificado pela grande imprensa, especialmente no âmbito de diferentes segmentos da classe média. Esse alinhamento entre a “classe média” e as elites, sugerido por Avritzer (2019), nos levou até o último período analisado nesse estudo, que contempla a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da república e o primeiro ano de seu governo.

O ano de 2018, em especial, segundo o sociólogo Sérgio Abranches (2019), foi um ano de significativa ruptura política. Se até aquele momento as disputas eleitorais à presidência da república se concentravam entre a polarização Partido dos Trabalhadores (PT) e Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), eixo político partidário que organizou governo e opositores nas eleições anteriores, o novo cenário de polarização traria uma troca radical no poder, saindo a esquerda tradicional e entrando a direita ultraconservadora.

Durante esse período, Fred Melo Paiva engrossou a crítica ao ideário conservador e antidemocrático que voltava à tona na sociedade brasileira. É nesse contexto de intensa movimentação política no Brasil, que analisamos as crônicas de Fred Melo Paiva buscando explicitar e analisar suas perspectivas ideológicas e suas estratégias discursivas.

2.3 A mistura que “não pode” nas crônicas de Fred Melo Paiva

Trazer para a crônica esportiva temas que causam intenso debate acerca de questões importantes da sociedade é também uma forma de cidadania e de enxergar o papel do futebol para além dos 90 minutos de jogo.

Paiva não é o primeiro e nem será o último jornalista a utilizar o espaço esportivo para tratar de questões sociais, ainda que para tantos, futebol e política estejam completamente dissociados. Na atualidade, há cronistas de grande expressividade como Juca Kfour⁵³ que não limitam seus textos às análises esportivas *stricto sensu*.

De acordo com Capraro (2007), cronistas esportivos de grande importância histórica como José Lins do Rego (1901-1957) e Nelson Rodrigues (1912-1980) também traziam em suas crônicas questões para além do esporte. José Lins do Rego repetia constantemente em sua produção de crônicas, temáticas como a ligação entre a política e o futebol. Ainda segundo Capraro, Nelson Rodrigues também usava suas

⁵³ José Carlos Amaral Kfourⁱ ou Juca Kfourⁱ é um jornalista esportivo brasileiro.

crônicas futebolísticas para questionar, por exemplo, a censura à uma de suas peças, Boca de Ouro em 1959.

Muitos veículos possuem uma linha editorial estabelecida que limitam em alguma medida os rumos textuais da criação de seus autores, a fim de que estas caminhem de acordo com o posicionamento ideológico dos donos desses veículos. No entanto, o espaço na coluna “Da Arquibancada”, onde Fred Melo Paiva representa o torcedor atleticano desde 2011, concede total liberdade ao jornalista na composição de seus textos.

“Desculpa meu amigo, mas eu tenho um filho de 8 anos que terá seu futuro definido pela política e não pelo futebol” (PAIVA, 2016). Foi essa a resposta de Fred Melo Paiva a uma pessoa no *twitter* em 2016, após essa pessoa ter afirmado que ele era melhor falando de futebol que de política.

FIGURA 10 - Resposta de Fred Melo Paiva a uma pessoa no twitter.



Fonte: www.Twitter.com.br

Mesmo recebendo críticas, Paiva não se eximiu de expressar seus posicionamentos ideológicos e nem de bem utilizar suas crônicas para tratar de futebol sem esquecer o que acontece fora dos estádios. Um ponto identificável nos textos do autor, é o uso da representação da atleticidade como hipótese para linkar futebol à política, como uma chave para se pensar o político.

No período em que analisamos as crônicas, são raríssimas as publicações em que não haja alguma menção ao que é político partidário-institucional, seja sobre atores ou eventos contemporâneos, seja de figuras e momentos históricos do passado.

No dia de 30 de julho de 2011, na crônica “O atleticano de verdade não vaia o Atlético” (PAIVA, 2013, p. 9), ele começa o segundo parágrafo da seguinte maneira: “Com exceção de Bolsonaro, os seres humanos evoluem.” É perceptível de imediato o posicionamento ideológico do autor, quando ele afirma que Jair Bolsonaro, à época Deputado Federal, de direita, com postura ideológica, liberal em sentido econômico e conservador no que tange a moral e os bons costumes, tem pensamento estagnado e não evolutivo ou progressista.

De 2011 a 2019, o ex-presidente e ex-deputado federal é citado muitas vezes por Fred Melo Paiva. Fica evidente ainda que entre 2015 e 2019 essa frequência de menção é maior. É importante lembrar que esse aumento talvez esteja relacionado ao segundo e terceiro períodos do recorte temporal desse estudo, pós-junho de 2013, até a prisão do Presidente Lula e a campanha presidencial de 2018, ao último período analisado que corresponde à eleição de Bolsonaro e os primeiros meses de seu governo.

Outra importante menção nas crônicas de Fred Melo Paiva, diz respeito ao período em que o Brasil esteve sob Regime Militar e em muitas dessas referências, ele traz em suas linhas a importância do ex jogador do Atlético na década de 80, Reinaldo, sua resistência e crítica ao regime, como um símbolo da luta atleticana.

Não tem jeito: a gente não gosta da CBF. Como o Reinaldo não gostava da ditadura, e por isso protestava com o punho fechado dos panteras negras. A ditadura deu o brasileiro de 80 para o Flamengo. O Atleticano não quer um Andres Sanches, um Eurico Miranda, um Zezé Perrela – espertalhões a serviço deles mesmos, do Ricardo Teixeira, da Globo, dos políticos pilantras. O Atleticano quer o Kalil de sempre (PAIVA, 2013, p. 35).

No texto acima, extraído da crônica de dezembro de 2011, o autor traz o sentimento de total repulsa a Confederação Brasileira de Futebol e aos cartolas que controlam ou controlaram o futebol no país ao longo dos anos, associando a essa exposição a luta de Reinaldo e o título ganho pelo Flamengo em 1980 que é marcante na construção da saga atleticana.

A representação da atleticidade é uma hipótese que simboliza a luta contra grupos conservadores. Uma ideia de luta política entre campos políticos que, de forma simplificada, são denominados no Brasil de esquerda e direita. Às vésperas do aniversário de 111 anos do clube, na crônica “Meu quintal é maior que o mundo” em 2019, Fred Melo Paiva demonstra claramente como percebe a instituição representando

minorias, como um ideal de igualdade, dentro de um cenário político em que o governo é conservador, de extrema direita.

No Brasil atual, celebrar 111 anos de Atlético é um ato de resistência. Sim, porque nesse mais de século de história, o Galo foi desde sempre o time do preto e do branco, do rico e do pobre, do árabe e da mulher. O preto e o branco, em pé de igualdade, nas listras eretas da sua camisa. O Galo não fez concessão, bateu de frente, foi roubado pela CBF e perseguido pela ditadura. Mas resistiu no punho cerrado do Rei, o nosso pantera negra. Que outra instituição tem por rei um cara como Reinaldo (PAIVA, 2019)?⁵⁴

No ano de 2016, na crônica “Aqui se faz, aqui se paga. Eis a propina da vida”, publicada um dia antes do confronto entre Flamengo e Atlético, pelo Campeonato Brasileiro do referido ano, o autor/cronista, se refere às dificuldades enfrentadas por seu clube no decorrer da história, dizendo que elas começaram com os gestos alusivos à resistência cultural encabeçada por Reinaldo.

Os jovens torcedores pensam que nossas agruras passadas começaram com José Roberto Wright. Não é verdade. Começaram quando Reinaldo ergueu o punho cerrado contra a ditadura, símbolo de resistência dos Black Panthers, ainda em 1977. Expulso em um jogo no meio da tabela, os “juizes” do STJD – ligados aos militares – esperaram a hora certa para julgá-lo. E assim tiraram o Rei da final do Brasileiro quando ele tinha a média de 1,55 gol por jogo no campeonato – uma marca, 39 anos depois, jamais alcançada (PAIVA, 2016).⁵⁵

O futebol nas crônicas de Fred Melo Paiva “casa perfeitamente” com tudo que acontece na sociedade. A expressão “com o Supremo, com tudo”, aparece três vezes em crônicas de 2017 (vide anexo páginas 103, 104 e 105). Com o Atlético figurando sempre como o “pano de fundo”, a militância política do autor/cronista, traz dessa forma ao seu leitor, a lembrança do diálogo entre o ex-senador Romero Jucá e o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado, em 2016, que dava a entender que haveria um acordo, incluindo o Supremo Tribunal Federal (STF) para delimitar a atuação da operação Lavajato⁵⁶ com impacto direto sobre o impeachment da ex-presidente Dilma Rosseuf.

⁵⁴ PAIVA, Fred Melo. Meu quintal é maior que o mundo. SUPERESPORTES, 2019. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2019/03/23/se-coluna_fred_melo_interna.574307/meu-quintal-e-maior-do-que-o-mundo.shtml >. Acesso em: 5 mar. 2023.

⁵⁵ PAIVA, Fred Melo. Aqui se faz, aqui se paga, eis a propina da vida. SUPERESPORTES, 2016. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2016/07/09/se-coluna_fred_melo_interna.339320/aqui-se-faz-aqui-se-paga-eis-a-propina-da-vida.shtml >. Acesso em: 5 mar. 2023.

⁵⁶ Operação iniciada em 2014, a fim de realizar investigações para apurar um esquema de lavagem de dinheiro, denominado Petrolão.

Incluindo em seus textos fatos marcantes do cenário político brasileiro, o autor/cronista consegue de maneira exímia, noticiar o cotidiano do seu clube de coração e ao mesmo tempo tratar de política.

Na crônica, “O Brasil de 70, o Galo de Reinaldo, o Brasil de 82”, ele consegue abordar uma boa atuação do clube, comemorar o fracasso do rival Flamengo e trazer ao seu leitor, utilizando metáforas, referências sobre a delação da JBS⁵⁷ que aconteceu na segunda quinzena de maio de 2017 e seus efeitos.

Ao que parece, abriu-se finalmente a temporada de caça ao abominável homem das Neves. Estão no encaço, também, do nosso Drácula, que além da réstia de alho não pode mais com a carne da Friboi. Some-se a esses eventos a Libertadores e o Campeonato Brasileiro, ora a gente jogando, ora a gente secando, em ambas as frentes com implacável eficiência. O resultado é que não se pode mais dormir, ou você perderá algum lance. Minha indumentária agora é chinelo havaianas, bermuda de surfe, camisa do Galo e um palito em cada olho (PAIVA, 2017).⁵⁸

Ao se referir a Aécio Neves como “abominável homem das Neves”, e ao ex-presidente Michel Temer, como “nosso Drácula”, termos que são encontrados em outras crônicas, Fred Paiva deixa explícito seu posicionamento contrário à ideologia dos grupos conservadores. Na mesma crônica, ele retrata a quarta-feira 20 de maio, como um dia de alegria,

“...aliás que quarta-feira, meus senhores! A casa desmoronando em Brasília e o Flamengo Classificação entregando a rapadura. Quando não tem Wright, dá wrong! Hahahaha. O Flamengo, o Temer, o Aécio e o Perrela eliminados juntos no último minuto é demais pra minha safena de atleticano sofredor” (PAIVA, 2017).

Em outra crônica, de título “Depois do Independência resta anexar o próprio América”⁵⁹, ele relembra a moratória de Minas decretada em 1999 por Itamar Franco⁶⁰

⁵⁷ Ver: Grampo revela que Aécio pediu R\$ 2 milhões a dono da JBS. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/grampo-revela-que-aecio-pediu-2-milhoes-dono-da-jbs-21353924>>. Acesso em 05 maio de 2023 e ainda Com áudios de Temer e cerco a Aécio, Lava Jato se descola do rótulo anti-PT. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/politica/1495142021_238623.html>. Acesso em 05 de maio de 2023.

⁵⁸ PAIVA, Fred Melo. O Brasil de 70, o Galo de Reinaldo, o Brasil de 82. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/05/20/se-coluna_fred_melo_interna,403115/o-brasil-de-70-o-galo-de-reinaldo-o-brasil-de-82.shtml>. Acesso em 05 de maio de 2023.

⁵⁹ PAIVA, Fred Melo. Depois do Independência resta anexar o próprio América. SUPERESPORTES, 2012. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2012/03/03/se-coluna_fred_melo_interna,211000/depois-do-independencia-resta-anexar-o-proprio-america.shtml>. Acesso em 05 de maio de 2023.

para abordar o uso do Estádio Independência⁶¹ pelo Atlético em 2012, como uma anexação territorial.

Em 1998, quando Itamar decretou a moratória de Minas e entrou em linha de colisão com o governo federal, fui tomado por um espírito revolucionário. Estava disposto a pegar em armas se o governador me convocasse. Naqueles dias, acalentei o sonho de anexarmos o Espírito Santo, abrindo finalmente o caminho para o Atlântico. Era o momento histórico ideal para corrigirmos a enorme injustiça que é o fato de estarmos cercados de terra por todos os lados, do cangote à ponta do nariz, desprovidos de praia e barrados no baile das bundas de fora. Para o Espírito Santo que acordaria Minas Gerais no dia seguinte, seria a glória (PAIVA, 2013, p. 50).

Ele retoma nas crônicas a questão de uso do estádio, comparando o Atlético ao movimento social do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), enaltecendo o mesmo, no texto do dia 30 de agosto de 2014, “O maior de Minas desde 1908”.

O Galo é a versão futebolística do MTST, o aguerrido movimento dos sem-teto: embora não seja de papel passado, é dono do Independência desde Ubaldo. Pra reaver o imóvel, pelo menos por esta noite, o Mequinha terá de dobrar Carlos, Eduardo e Dodô, nossas joias raras. É ruim (PAIVA, 2014).⁶²

A exposição das suas ideologias é evidente nas crônicas, tanto é que na crônica “Vais me pagar, pode chorar, pode chorar” (PAIVA, 2014), ele afirma literalmente que é “de esquerda”. Em outro texto, intitulado “Meu mineirão não existe mais” (PAIVA, 2013), ele lembra dos tempos de sua adolescência e de seus ideais de justiça social, mobilizando temas que se conectam com seu panteão ideológico. Fred Melo Paiva se identifica com os princípios progressistas, que envolvem o olhar mais atento às minorias e à luta por maior equidade social. O progresso direcionado para a ampliação de direitos sociais e igualdade entre as pessoas são valores daqueles que possuem orientação ideológica progressista. De acordo com Fuser (2018) “progressismo” é uma palavra

⁶⁰ Itamar Franco, ex-presidente do Brasil e ex-governador de Minas, após ser eleito em 1998 para o cargo de chefe do estado, declarou moratória das dívidas de Minas Gerais com a União, que suspenderia os pagamentos por 90 dias. Ver: TITO, Luiz. Calote Mineiro. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opiniao/luiz-tito/calote-mineiro-1.2850592>>. Acesso em 09 de maio de 2023.

⁶¹ Chamado também de Estádio Raimundo Sampaio, o Estádio Independência, que pertenceu no passado ao Sete de Setembro Futebol Clube, é um estádio de futebol localizado em Belo Horizonte/MG, de propriedade do América Futebol Clube.

⁶² PAIVA, Fred Melo. O maior de Minas desde 1908. SUPERESPORTES, 2014. Disponível em: <<https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/08/30/se-coluna-fred-melo-interna,292061/o-maior-de-minas-desde-1908.shtml>>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

constante no discurso político das esquerdas desde a primeira metade do século XX, no sentido de designar os atores políticos favoráveis ao que se costuma chamar de transformação social, em contraposição ao conservadorismo e ao elitismo, geralmente associados às posições da direita.

Para Paiva, no papel de cidadãos, os torcedores de futebol deveriam ter o mesmo engajamento no campo político. Deveriam cobrar ações dos seus políticos tais como cobram dos jogadores do seu time. Na coluna do dia 4 de fevereiro de 2012, uma das primeiras após a goleada sofrida pelo Atlético para o Cruzeiro em dezembro anterior, ele escreve:

Se o torcedor cobrasse dos políticos como cobra dos atletas do seu time, certamente os picaretas já teriam migrado para outras atividades profissionais, como o sequestro e assalto a bancos. Aqueles menos capazes de formar alianças, quer dizer quadrilhas, estariam roubando bolsa de velhinha. Mas como a vida continua fácil, eles permanecem ministros, senadores, prefeitos (PAIVA, 2013, p.39).

Ele faz uma crítica aos políticos enquanto figuras notadamente estigmatizadas e corruptas, da mesma forma que critica o cidadão que não se envolve em questões de interesse comum com a mesma força que se envolve em questões de futebol. Postura que reforçaria talvez, a ideia defendida por tantos de que o futebol seria o ópio do povo.

Uma outra menção interessante encontrada nas crônicas é a denominação dada por ele à sua coluna, de “Coluna Prestes do Futebol Mineiro”, encontrada em mais de um texto. Na crônica “O estripador do rebaixamento” ele escreve, “já discorri, aqui mesmo nesta Coluna Prestes do Futebol Mineiro, sobre a relação que há entre a esperança do atleticano e a economia mundial (PAIVA, 2013, p.17).

Em comunhão com a ideia de luta atleticana contra “forças maiores” e hegemônicas do futebol nacional, Paiva compara o espaço utilizado por ele na coluna com o movimento liderado por Luís Carlos Prestes, que de acordo com Gaudêncio (2021), é colocado na historiografia em um lugar de ícone da esquerda brasileira, de uma trajetória vinculada à história política nacional ao longo do século XX, em face de seu protagonismo na chamada Coluna Miguel Costa Prestes, mais conhecida como Coluna Prestes, que foi uma marcha constituída por rebeldes que percorreram 25 mil quilômetros do território brasileiro entre os anos de 1925 e 1927, em combate ao governo de Arthur Bernardes.

Ao tratar o Atlético como a Palestina do Futebol, Paiva reforça traços da atleticidade como a capacidade de resistência e superação. O termo é encontrado cinco vezes nas crônicas no período analisado. A estratégia da repetição, busca reforçar

a criação da metáfora entre a “massa atleticana” e o povo palestino, ambos considerados pelo autor/cronista “povos” oprimidos pelas forças hegemônicas.

2.4 Novos atores sociais ocupando a cena do futebol. A sintonia de Fred Melo Paiva com as pautas progressistas

Ao longo da história recente do Brasil é possível identificar personagens no ambiente do futebol que assumiram posturas e engajamentos políticos de relevância, em períodos em que tais manifestações eram consideradas uma afronta ao governo.

Reinaldo Lima quando era jogador do Atlético Mineiro se manifestava contra o regime militar erguendo seu punho cerrado. Ele chegou a ouvir do presidente Médici que só se preocupasse com futebol. No Rio de Janeiro, o ex-jogador do Botafogo/RJ, Afonso Celso Garcia Reis – o Afonsinho foi monitorado e perseguido pelo regime militar por ter participação ativa no movimento estudantil. Com barba e cabelos longos, ao se negar a cortá-los, não obedecendo às ordens do clube, foi barrado no time e “colocado de molho”, com os dirigentes se recusando a negociá-lo. Afonsinho entrou para a história ao recorrer ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), se tornando o primeiro jogador brasileiro a ter direito ao próprio “passe”.⁶³

Além disso, movimentos sociais importantes também estavam presentes no universo do futebol antes do retorno da democracia ao Brasil. No Rio Grande do Sul, na década de 1970, houve a formação da Coligay, primeira torcida organizada por homens homossexuais, num momento histórico marcado pela ditadura militar. Naquele tempo, o debate sobre homofobia se restringia a pouquíssimos espaços acadêmicos e a corporeidade e expressividade homossexual não eram toleradas em espaços públicos. De acordo com Sousa e Camargo (2015), a presença dos integrantes da Coligay era um desafio à norma instituída e às práticas hipermasculinizadas de torcer, pois eles performatizavam nos estádios cânticos e músicas de incentivo ao clube por meio de cartazes e instrumentos de sopro que, por sua vez, não reproduziam o repertório hegemônico de práticas de torcer, que reforçavam o padrão de masculinidade da época. Os autores lembram ainda que num primeiro momento, sua existência tenha sido tratada com indiferença, posteriormente sendo reconhecida como importante para a conquista

⁶³ O passe era uma forma de compensar financeiramente o clube pela transferência de um determinado jogador. A Lei do Passe 6354/76 foi extinta em 1998 pela Lei Pelé.

do título gaúcho de 1977 e conseguindo o respeito do clube e de outras instituições ligadas ao futebol gaúcho e ao Movimento Gay.

Na década de 1980, já ao final do regime militar - período de grande censura, de ausência do voto popular para eleger representantes e em que direitos civis eram violados, protestar era um ato de muita coragem. Foi nesse contexto que surgiu no futebol o movimento conhecido como Democracia Corinthiana. No âmbito da gestão do clube, o movimento buscava fomentar a participação ativa de dirigentes, atletas e demais trabalhadores do clube através do voto. Na cena política brasileira, o movimento se notabilizou por se engajar na luta em prol do fim da ditadura militar no Brasil. Atletas como Wladimir, Sócrates e Casagrande se destacaram não apenas como líderes do movimento Democracia Corinthiana, mas como baluartes da luta pela redemocratização do país, participando ativamente do movimento das Diretas Já (Florenzano, 2010).

É possível notar que a politização do campo futebolístico não é recente, no entanto nos últimos anos percebemos que em face da intensa polarização política vivida no Brasil entre conservadores e progressistas desde junho de 2013, novos atores sociais têm ocupado a cena futebolística, trazendo para as arquibancadas calorosos debates sociais.

Para Avritzer (2019), foi desencadeada uma crise após as manifestações de junho de 2013 e essa crise se ampliou nas eleições presidenciais de 2014:

Essas eleições foram atípicas por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque ocorreram em um ambiente já fortemente polarizado na ótica da tradição amigo versus inimigo, segundo a qual a política não é um campo de conciliação e negociação e sim, aquele em que o inimigo se manifesta. A presidente Dilma foi hostilizada pela classe média durante os jogos da Copa do Mundo e os debates da campanha foram extremamente agressivos, expressando o que Levitsky e Ziblatt denominam de comportamentos antidemocráticos, como a hostilização aberta de membros dos governos de esquerda e o desrespeito aberto à figura do presidente, insultada abertamente no estádio do Maracanã, episódio inédito na história do país. Houve também a morte, em um acidente aéreo, do candidato Eduardo Campos, que poderia ter constituído uma possível terceira via à polarização, e a forte radicalização do candidato do PSDB, Aécio Neves, durante o segundo turno da eleição (Avritzer, 2019, p. 57).

O candidato derrotado na eleição de 2014, Aécio Neves, ao não se conformar com o resultado das urnas, o questionou por meio de uma série de ações jurídicas que claramente colocavam dúvidas a respeito da transparência do processo eleitoral. Esse acontecimento é ligado a um retrocesso político, evidenciado pelas eleições de 2014, e

que ainda segundo Avritzer (2019), trouxe questionamentos jurídicos. Com a representação do PSDB no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o questionamento político fortalecido pela eleição de Eduardo Cunha para a presidência da Câmara dos Deputados no ano seguinte e ainda as manifestações pró-impeachment nas ruas, desencadearam novos protestos públicos a partir de março de 2015, menos de 100 dias depois da vitória de Dilma nas urnas.

O clima de polarização que se estabeleceu no país teve forte contribuição das redes sociais, que Abranches (2019) explica ter adquirido os mesmos contornos que se tem observado nos Estados Unidos e na Europa, e que sociólogos e psicólogos têm chamado de polarização afetiva. Com rótulos políticos vazios de conteúdo programático, despolitizados e cheios de conteúdo emocional, do tipo “amo a nós, logo odeio a eles”. A separação radical entre “nós de um lado” e “eles de outro”, alimenta uma visão sobre o grupo adversário cheia de preconceito e disposta a entrar em conflito.

Diante desse contexto de intensa polarização política e de valores democráticos sendo relativizados pós-2013, surgiram no ambiente dos estádios de futebol inúmeros coletivos de torcedores dispostos a fazer do ambiente esportivo um lugar mais inclusivo, menos preconceituoso e mais acessível às camadas populares. A agenda política desses grupos estava e continua afinada com as pautas progressistas como o combate à homofobia, à misoginia, ao racismo e a elitização dos estádios decorrente das obras de readequação das praças esportivas, exigidas pela FIFA na época da realização da Copa do Mundo de 2014.

Entre os torcedores do Atlético Mineiro, alguns coletivos surgiram ou se tornaram mais evidentes e ativos no recorte temporal desse estudo. Não coincidentemente, mas em face do momento político de grande polarização e da ascensão da extrema direita, o protagonismo dessas associações ocorreu como uma resposta dos grupos progressistas à ascensão dos discursos de ódio e exclusão promovidos pela extrema-direita.

Em Belo Horizonte, a “Galo Antifa” se denomina um movimento independente, organizado no ano de 2012. Suas principais pautas se direcionam contra a elitização do futebol e a defesa da democracia. Em seu perfil no *Twitter*, o coletivo declara se opor a todas as formas de manifestação fascista e contra todo o tipo de discriminação social.

FIGURA 11 - Tweet fixado no perfil da Galo Antiga no Twitter.



Fonte: Perfil no twitter da Galo Antifa.

No ano de 2013, pouco antes das manifestações de junho, no mês em abril, foi criada na rede social *Facebook*, a comunidade Galo Queer⁶⁴ que se apresentou como a primeira torcida de futebol anti-homofobia e antissexismo. A criadora da comunidade afirmou que o coletivo havia sido criado após episódios de racismo e homofobia acontecerem dentro e fora de campo. Vale lembrar que o tema homofobia havia se intensificado meses antes em face de declarações homofóbicas do presidente à época da Comissão de Direitos Humanos, Marco Feliciano. A página chegou ao ano de 2016 com cerca de 10 mil curtidas e foi deletada sem maiores explicações perdendo todo o seu conteúdo. No ano de 2017, uma nova página foi criada e através dela o grupo compartilhava matérias, denúncias de preconceito no futebol e campanhas contra esses preconceitos. Ao contrário de outros coletivos, a Galo Queer prefere não ser atuante e identificável nas arquibancadas por medo da violência. A comunidade recebeu apoio de

⁶⁴ Galo Queer. Disponível em: < <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/654055/>>. Acesso em 05 de junho de 2023.

muitos torcedores, mas também recebeu um número expressivo de ameaças em função de expressar formas de sexualidades consideradas ultrajantes à masculinidade hegemônica que impera nos estádios.

FIGURA 12 - Página da Galo Queer no Facebook.



Fonte: Twitter.com.br

Nessa mesma toada, outro grupo expressivo que ocupou a cena futebolística denomina-se Resistência Alvinegra⁶⁵. Essa torcida surgiu em 2019 e se autointitula, de acordo com seu perfil no *LinkedIn*, torcida organizada antifascista do Clube Atlético Mineiro. A torcida organizada atua de forma independente nos estádios e nas ruas, com o mesmo perfil ideológico dos demais: afirma que luta por um futebol sem racismo, machismo e homofobia, sempre defendendo os interesses do Atlético e, principalmente, da democracia. Além do *status* de torcida organizada, o grupo de torcedores, desde sua fundação, além de apoiar o clube nos estádios, realiza ações sociais como distribuição de alimentos, campanhas de doação de sangue, participa de atos a favor da democracia, contra preconceitos e por justiça social, conforme podemos constatar examinando suas redes sociais.

⁶⁵ Resistência Alvinegra no linkedin. Disponível em: < <https://www.linkedin.com/company/resistência-alvinegra/about>>. Acesso em 05 de junho de 2023.

FIGURA 13 - Perfil Resistência Alvinegra no *twitter*.



Fonte: Twitter.com.br

Não resta dúvida que a organização e a atuação desses coletivos mencionados, além de muitos outros espalhados pelo país, revela a transformação estética no *ethos* do torcedor, que se desloca do campo do pertencimento clubístico para o reconhecimento do espaço do futebol como campo de tensão política e de exercício da cidadania. Nesse sentido é perceptível a sintonia de Paiva com o momento político, com as pautas de esquerda e com o surgimento desses novos atores sociais no ambiente futebolístico. Ao compor suas crônicas, Paiva reconfigura a forma de tratar temas como a rivalidade entre clubes e a luta contra preconceitos deixando mais explícito seu posicionamento progressista.

Segundo Gomes (2020):

Os coletivos de torcedores, como grupo recém-chegado ao campo, ainda apresentam dificuldades no estabelecimento de relações com outros agentes. Como apresentam um habitus essencialmente contestador da ordem encontrada no campo, é natural que as possibilidades de articulação política sejam pequenas. Suas chances repousam especialmente na capacidade de produção de solidariedade entre torcedores, de forma a demonstrar que, a partir da politização do futebol, será possível a criação de uma consciência crítica acerca da participação e do papel dos torcedores. Para tanto, uma mobilização entre coletivos se mostra um caminho possível, já colocado em prática atualmente, ainda que o clubismo, enquanto aspecto identitário que, ao mesmo tempo que fortalece laços entre torcedores de um mesmo clube,

afasta torcedores de clubes diferentes, se configure em um obstáculo importante a ser superado (Gomes, 2020, p. 127).

Nessa direção é importante notar que o surgimento de coletivos e torcidas organizadas de torcedores que se intitulam antifascistas evidencia, no campo esportivo, o processo de tensão política espreado pelo país após a ascensão dos discursos de ódio amplificados por setores conservadores a partir de 2013 e, logo depois, pela extrema direita que se personificou no bolsonarismo.

Em 2014, após os episódios de racismo sofridos por Tinga, Arouca e Márcio Chagas, surge no cenário nacional o Observatório da Discriminação Racial no Futebol⁶⁶. Conforme nos relatou informalmente Marcelo Carvalho, fundador do Observatório, tais episódios serviram de impulso para a criação desse importante instrumento de inclusão social e de luta contra a violência e discriminação racial. O projeto foi criado a fim de monitorar, noticiar e acompanhar casos de racismo no futebol brasileiro, desenvolvendo ações informativas e educacionais, sendo ainda fonte de pesquisa aos interessados no tema.

Paiva trata do racismo sofrido por Tinga na crônica “Ao Tinga a solidariedade da massa”. Ele dedica o seu espaço para falar do Atlético, ao ex-jogador Tinga, após episódio de racismo do qual ele foi vítima três dias antes da publicação do texto, em um jogo do Cruzeiro contra a equipe do Real Garcilaso do Peru. Os atos discriminatórios da torcida do time peruano, movimentaram o mundo do futebol, torcedores de todos os clubes prestaram solidariedade ao atleta e o autor trouxe para a sua coluna, além dessa mesma solidariedade a questão da dívida histórica com o povo preto.

O futebol tem enorme dívida com os negros. Em suas origens, muitos de seus clubes não aceitavam atletas “de cor”. O episódio acontecido no Peru deveria ensinar pedidos de desculpas históricas por parte dessas agremiações. Seria bonito de ver, além de honesto e educativo. Os peruanos poderiam fazer o mesmo. Até porque Teófilo Cubillas, o maior jogador de futebol de todos os tempos em seu país, não é menos preto do que Pelé⁶⁷.

Ele segue cobrando na crônica, uma atitude da Confederação Sulamericana de Futebol (CONMEBOL), salientando que não há espaço para o racismo em lugar

⁶⁶ Observatório de Discriminação Racial no Futebol. Disponível em: < <https://observatorioracialfutebol.com.br/apresentacao/>>. Acesso em 05 de junho de 2023.

⁶⁷ PAIVA, Fred Melo. Ao Tinga a solidariedade da Massa. SUPERESPORTES, 2014. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/02/15/se-coluna_fred_melo_interna.276691/ao-tinga-a-solidariedade-da-massa.shtml >. Acesso em 10 de maio de 2023.

nenhum e apontando ainda que o esporte perde toda a relevância quando episódios preconceituosos acontecem.

A Conmebol, por sua vez, deveria expulsar o Real da competição. Porque, se não cabe o racismo em parte alguma, menos ainda deveria caber num campeonato que se chama Libertadores da América. O caso do Tinga me fez lembrar Oruro: nessas circunstâncias, como é possível falar de futebol? Diante da barbárie, o que fazemos nós com nossos esquemas táticos, nossa carência de laterais-esquerdos, nossa posição na tabela do Campeonato Mineiro⁶⁸.

A abordagem do futebol sempre associada às questões políticas e sociais permite também que, para além da paixão pelo esporte, o leitor tenha conhecimento desses acontecimentos e reflita sobre eles.

É interessante observar ainda o processo de desconstrução de paradigmas sociais sob o qual atua o autor/cronista. Essa ideia de desconstrução é a de não se prender a conceitos e ideias pré-estabelecidas pela sociedade, de rever posicionamentos e posturas sobre a realidade social. Nessa lógica, a abordagem de temas como homofobia, misoginia, desigualdade social, luta democrática e o racismo, ganham sentido nas crônicas do autor/cronista. O campo futebolístico, amplamente midiaticizado, é o espaço social onde o autor instiga o debate de questões sensíveis ao desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária.

Se em abril de 2012 o autor/cronista usa a frase “quando tomamos de seis, éramos mulheres”, explicitamente misógina, em 2013 começa a tratar o tema com um pouco mais de cuidado ao falar do surgimento de páginas em redes sociais de torcidas *queer*⁶⁹, que surgiram na tentativa de combater a homofobia no futebol.

A homofobia no futebol é um pau que nasceu torto. Começou com o racismo elitista de alguns clubes, que em sua origem recusavam pobres e negros. Aos olhos da massa, a elite é afrescalhada. De “fresco” para “viado” foi um pulinho. E daí para “bicha”, com toda a carga de violência que essa palavra tem. Parece já vir acompanhada de um f.d.p. – “sua bicha, f.d.p.”. É horrível⁷⁰.

⁶⁸ PAIVA, Fred Melo. Ao Tinga a solidariedade da Massa. SUPERESPORTES, 2014. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/02/15/se-coluna_fred_melo_interna.276691/ao-tinga-a-solidariedade-da-massa.shtml >. Acesso em 10 de maio de 2023.

⁶⁹ Palavra de origem inglesa que significa “estranho” e é utilizada para representar minorias sexuais e de gênero, pessoas que não se identificam com padrões impostos pela sociedade.

⁷⁰ PAIVA, Fred Melo. Sobre Bambis e Marias. SUPERESPORTES 2013. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2013/04/20/se-coluna_fred_melo_interna.248277/sobre-bambis-e-marias.shtml >. Acesso em 09 de maio de 2023.

A abordagem do tema “homofobia” no futebol é vista como uma questão delicada pela maioria esmagadora de homens no meio esportivo, que por vezes evitam tratar o assunto. A naturalização do preconceito que se dá por cânticos e brincadeiras, não deveriam ser naturalizadas em ambiente algum da sociedade.

Fred Melo Paiva volta a abordar a questão com mais ênfase e defesa de uma mudança de postura nos anos de 2017 e 2018.

Em 2015, na crônica “A Massa não é a elite branca do lembo”, ele traz a questão da homofobia presente no grito de “bicha” nas cobranças de tiro de meta a uma negação ou contradição à história do clube.

Você que grita “bicha” no tiro de meta: sua atitude envergonha a história do Atlético, um clube que abraçou negros e mulheres desde a sua fundação, quando negros e mulheres também eram vítimas do preconceito de uma elite branca e machista⁷¹.

Um ano após essa crônica, Fred legitima a postura de parte significativa de torcedoras atleticanas que repudiaram o desfile de lançamento de nova linha de uniformes do ano de 2016, pela sexualização de corpos femininos e traz dados importantes sobre a violência contra as mulheres, na crônica “A loucura total”.

De chorar, também, foi a agressiva reação de parte da torcida às críticas produzidas pelas atleticanas que viram o velho machismo desfilar suas bundas no lançamento da bonita camisa da Dry World. Ainda que, em vista da nova e promissora parceria, pudessem ter tratado o tema à maneira de Che – endurecendo sem perder a ternura jamais. A despeito disso (melhor seria “a desbunda disso”), não é possível lhes tirar a razão. Segundo o Mapa da Violência, 106 mil mulheres foram mortas no Brasil entre 2006 e 2013. A medição é feita em 83 países – apenas 4 (quatro!) matam mais que a gente, segundo a ONU. Pelos números do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2015, 47.646 estupros foram registrados no Brasil em 2014. No ano anterior, foram 51.090 – uma mulher estuprada a cada 10 minutos. Por sua vez, o IBGE mostra que as mulheres ganham em média 76% do salário de um homem para desempenhar função idêntica. Em um ranking de 142 países que fazem o mesmo cálculo, ocupamos a gloriosa posição de número 124. Não é tão difícil compreender que trabalhamos para a perpetuação da violência e da discriminação toda vez que apresentamos a

⁷¹ PAIVA, Fred Melo. A massa não é a elite branca do lembo. SUPERESPORTES, 2015. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/columnistas/fred-melo-paiva/2015/02/28/se-coluna_fred_melo_interna,304673/a-massa-nao-e-a-elite-branca-do-lembo.shtml >. Acesso em 09 de maio de 2023.

mulher como peça de picanha (coxão duro, no caso), pronta para ser degustada por nós, os seus algozes⁷².

Após os ataques sofridos por esse grupo de torcedoras, um coletivo foi organizado inicialmente no ambiente virtual do *Twitter*. Posteriormente, o grupo estendeu suas atividades para encontros presenciais em dias de jogos e em outras ocasiões. Composto em maioria por mulheres, mas com a participação de homens, a GRUPA surgiu reunindo torcedoras em torno do questionamento do papel da mulher no espaço social do futebol. Ou seja, a criação desse coletivo foi motivada pela luta das mulheres contra uma série de ataques misóginos sofridos por elas em estádios de futebol. A ideia do coletivo consistiu na criação de um grupo de mulheres atleticanas que, ao se unir para assistir aos jogos, criaria um espaço de sociabilidade, conscientização e resistência contra práticas movidas pela esfera da hipermasculinidade que tornam os estádios ambientes hostis para mulheres e para o público LGBTQI+.

Além disso, no mundo virtual, a GRUPA criou um blog/site onde eram publicados textos e *podcasts* que retratam temas sobre o Atlético, mas também temáticas alinhadas à agenda progressista. Atualmente o blog/site encontra-se indisponível. Nas redes sociais ainda são veiculadas as ações que a GRUPA promove nos estádios que visam conscientizar o público sobre os diversos tipos de preconceito.

FIGURA 14 - Perfil GRUPA no *Twitter*.



Fonte: *Twitter*.

⁷² PAIVA, Fred Melo. A loucura total. SUPERESPORTES, 2016. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2016/02/20/se-coluna_fred_melo_interna.330031/a-loucura-total.shtml >. Acesso em 09 de maio de 2023.

Ao analisar as crônicas produzidas por Fred Paiva, percebemos claramente seu alinhamento a essas transformações nas práticas de torcer que se relacionam diretamente com as mudanças sociais processadas nas últimas décadas. Nesse sentido, assim como os coletivos antifascistas, as crônicas de Paiva tensionam o ambiente do futebol, trazendo para o público leitor suas lutas políticas. Por isso ao elencar temas da agenda progressista, o percurso desconstrutivo do autor/cronista, demonstra uma verdadeira sintonia com a consciência humanista, que, por outro lado, também enxerga o campo esportivo como um espaço privilegiado para o debate de questões sociais.

Nas crônicas seguintes é perceptível que Paiva trate a questão de reivindicações quanto ao uso de expressões pejorativas sobre mulheres, usadas e elevadas à naturalidade no que tange à rivalidade no futebol, exaltando a atitude do clube de dar voz às mulheres em ação pelo dia das mulheres do ano de 2018⁷³.

Amanhã tem Atlético e Cruzëirö, o clássico mundialmente conhecido como João e Maria, mas que deve ser renomeado para João e Cruzëirö em razão da justa reivindicação das feministas, que veem no termo “Maria” uma representação pejorativa da mulher, o que de fato é. Fora as muitas Marias atleticanas, como minha tia Maria Luzia, que se sente excluída.

A conjuntura política, assim como o surgimento de coletivos e movimentos no futebol, impacta sobremaneira a construção narrativa de Paiva e interferem no seu processo desconstrutivo enquanto torcedor, alinhando ainda mais os seus textos e posicionamentos com a ideologia progressista.

Há uma notória influência da pertença a um clube de coração na construção dos textos sobre esse clube e os acontecimentos relativos a ele. Aos que pouco se interessam por política ou aos que não acreditam que o esporte seja parte da sociedade e esteja à margem dela, as crônicas de Paiva convidam o leitor a transitar por temas inusitados que ele articula ao futebol. É também essa associação do futebol com questões das mais diversas do cotidiano social, eventos do passado e do tempo presente, que possibilita ao leitor transcender o universo futebolístico e se conectar com a realidade social e política, debatendo e refletindo sobre essas questões.

⁷³ PAIVA, Fred Melo. Se ganhar o Galo se safa, se perder será um Deus nos acuda. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/columnistas/fred-melo-paiva/2017/10/21/se-coluna_fred_melo_interna.436682/se-ganhar-o-galo-se-safa-se-perder-sera-um-deus-nos-acuda.shtml >. Acesso em 10 de maio de 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob os ventos da redemocratização, dizíamos: ditadura nunca mais! Hoje, depois do terrível desafio que superamos, devemos dizer: democracia para sempre!⁷⁴

As palavras ditas por Luiz Inácio Lula da Silva, durante sua posse no dia 01 de janeiro de 2023, no terceiro mandato para o qual foi eleito, são fortes e extremamente simbólicas. Após um processo eleitoral acirrado que teve como característica o contraste entre a visão de mundo dos dois principais candidatos, o ali empossado, se compromete com a democracia violada de diversas formas no governo anterior. Valores como a liberdade, verdade e amor foram enaltecidos e o sentimento aos que acompanharam a posse e se opunham aos que estavam no poder entre 2018 e 2022, foi de recomeço. Entender e explicitar a conjuntura política foi de absoluta importância para a composição deste trabalho.

No dia 24 de novembro de 2022, na crônica “Que se zere hoje o relógio da vida”⁷⁵, quando Paiva perpassa suas lembranças enquanto torcedor de futebol, ele relata momentos em que viveu a euforia pela Seleção Brasileira e os momentos em que torceu contra o selecionado nacional. A vitória de Luiz Inácio Lula da Silva na eleição de 2022 para Paiva, zera tudo até aquele momento fazendo com que ele volte a torcer pelo Brasil:

Agora, na vila onde moro, litoral sul da Bahia, República Socialista do Nordeste, há bandeiras do Brasil espalhadas pela rua, bares e restaurantes. O amor venceu o ódio em 2022. A Seita que dói menos. Um cara de Havaianas só deseja a paz. Eu vou torcer para o Brasil! Que se zere hoje o relógio da vida.

Para além de bandeiras do Brasil espalhadas pelas ruas para o Mundial FIFA 2022, iniciado alguns dias antes da publicação da crônica, a referência sobre “o amor venceu o ódio em 2022” é claramente um apontamento de Paiva ao que ele entende como fim de um período de enorme tensão. A eleição do presidente Luiz Inácio Lula da

⁷⁴ Palavras do recém-eleito presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seu discurso de posse em 01 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discurso-do-presidente-lula-no-congresso-nacional>. Acesso em 12 de junho de 2023.

⁷⁵

Silva marca o fim de um período “de trevas” para o autor e o início da superação do que foi vivido durante o governo Bolsonaro (2018-2022).

A presente pesquisa teve como objetivo a análise das crônicas esportivas de Fred Melo Paiva, publicadas na coluna Da Arquibancada, no Jornal O Estado de Minas entre os anos de 2011 e 2019, a fim de entender e identificar como acontecimentos políticos do período impactaram a construção narrativa do cronista.

Uma das hipóteses inicialmente levantada era a de que devido à significativa circulação midiática das crônicas, estas estimulasse até mesmo os leitores desinteressados em política, a acessar reflexões sobre temas que abastecem os debates políticos-ideológicos ao longo da história e, especialmente, no tempo presente. Em momentos de polarização política, o campo midiático que envolve o futebol, se torna um espaço para o debate de ideias que, ao fim e ao cabo, se converte em um espaço que estimule as práticas democráticas.

Por meio da revisão bibliográfica e da análise das crônicas foi possível avançar diante dos primeiros objetivos traçados que se relacionam à dimensão política institucional abordada pelos textos captando também os aspectos do debate sociocultural estabelecido no espaço midiático do futebol.

Segundo Guterman (2010), o futebol não é um mundo à parte, não é uma espécie de “Brasil paralelo”. É pura construção histórica, gerado como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. O futebol é campo fértil para a propagação de ideologias e para a visibilidade das lutas dos mais diversos grupos. Com eloquente posicionamento de atletas e dirigentes de clubes, e com o envolvimento crescente das pessoas no debate político, é razoável que a imprensa esportiva também se utilize do espaço midiático para tratar temas inerentes à sociedade e o futebol vá assumindo cada vez mais o papel de arena para discussões e reflexões que povoam o imaginário coletivo.

Percebemos ao longo desse percurso que a construção narrativa de Fred Melo Paiva extrapola os noventa minutos do jogo e transcende as quatro linhas do campo de futebol, incluindo nos assuntos mais específicos do esporte a realidade da sociedade brasileira. Em uma mesma crônica é possível ver relatados assuntos como liberdade de voto, estado de exceção, preconceitos que mancham a sociedade como racismo e homofobia, a tratados internacionais sobre direitos humanos, como uma tentativa de despertar no leitor a consciência ainda que momentânea sobre essas questões.

Entendemos que a obra de Fred Melo Paiva assume importância por fomentar o debate cultural e político por meio do esporte. Ao assumir suas múltiplas identidades – atleticano e progressista - o cronista bem utiliza a liberdade que é característica do gênero literário crônica, para construir situações ficcionais, expressar críticas das mais diversas e estimular a discussão de diversos temas através do esporte. É através das marcas de subjetividade que a crônica permite, que Paiva utiliza das mais diversas figuras de linguagem para atrair a atenção de seu leitor. Ao escrever sobre sua vivência como torcedor, ele alia suas armas ideológicas à sua paixão clubística para conectar o universo do futebol à política, estabelecendo vinculações entre o mundo da bola e o mundo social.

Assim, nas crônicas de Paiva, há uma simbiose entre os temas futebol, política e sociedade, de forma que a relação de interdependência entre eles se torna a marca mais eloquente dos seus textos. As conquistas, desventuras e dramas relacionados ao presente ou ao passado do Atlético podem ser gatilhos para realizar o debate político ou vice-versa.

Portanto, a análise das crônicas esportivas de Fred Melo Paiva, permitiu a percepção da imprensa esportiva como lugar de reflexão e debate político, o que demonstra como a cobertura midiática do futebol pode ser um espaço para desenvolvimento de valores morais e éticos, bem como de exercício da democracia.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. (2019), Polarização radicalizada e ruptura eleitoral, in: *Democracia Em Risco? 22 Ensaaios Sobre o Brasil Hoje* Companhia das Letras, São Paulo, Brazil, 11–24.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AVRITZER, Leonardo. *O pêndulo da democracia*. São Paulo: Todavia, 2019.

ARQUIVO Público Mineiro. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=221. Acesso em: 25 JUL. 2022.

ARRUDA DE BARROS, G.; FORTES, R. A grande revista de Minas para todo o Brasil: o lançamento de Alterosa e a repercussão na imprensa belo-horizontina. *Lumina*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 185-201, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/30942> . Acesso em: 26 ago. 2022.

AZEVEDO, Guilherme. Apliquei a regra: aquele Flamengo x Galo de 1981, nas palavras de Wright. *Placar*, 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/coluna/tbt-placar/apliquei-a-regra-aquele-flamengo-x-galo-de-1981-nas-palavras-de-wright/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

BARROS, José D'Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2023.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. Por uma história política, 2003. P. 201. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

BOTELHO, Leide. *Ele escreve sobre o Atlético Mineiro falando de política ou fala de política escrevendo sobre o Atlético Mineiro? Análise das crônicas de Fred Melo Paiva na Coluna Da Arquibancada do Jornal Estado de Minas*: Orientador Marcus Lage. 2019. Pós-Graduação Lato Sensu – Esporte e Sociedade: Perspectivas Interdisciplinares, Coordenação do Instituto Superior de Educação (ISE), Faculdade de Tecnologia Cachoeiro de Itapemirim, Cachoeiro de Itapemirim. 2019.

BRANDÃO, R. C. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CALIL, G. G. (2014). Embates e disputas em torno das jornadas de junho. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 47. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17155>

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: Futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. 2007. 381 f. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

COELHO, Lucas. *O futebol é uma manifestação passional. É como a política: a seleção brasileira nas crônicas esportivas de Roberto Drummond nas copas do mundo de 1978 e 1982*. Orientador: Euclides de Freitas Couto. 2022. Dissertação Mestrado no Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de São João Del Rei. São João Del Rei. 2022.

Cordeiro, J.M. (2009). Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) 22, 85–104.

CORREA, Línive de Albuquerque. A Nova História Política e as fontes midiáticas: histórico, metodologias e fontes – breve comentário. *Revista de História*. Vol. 9, n.º 18. jul.-dez. de 2017, p. 194.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

COUTO, Euclides de Freitas; VALENTE, Alan Castellano. Do viralatismo à crítica engajada: a ambivalência nas crônicas de Juca Kfour em tempos de megaeventos esportivos. *Aletria*, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 141-156, 2016.

CUNHA, Helena Parente. Os gêneros literários. In: PORTELLA, Eduardo *et al.* *Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

DA MATTA, Roberto. Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social. In: *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, V. 1, n.º. 4, Novembro/1982.

DAMATTA, Roberto. (Org.) 1982. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke. 1982.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Academia)

DAMO, Arlei Sander. Paixão Partilhada e Participativa. O Caso Do Futebol. *História: Questões & Debates*, v. 57, n. 2, p. 45-72, 2012.

DAMO, Arlei Sander. Paixão Partilhada e Participativa. O Caso Do Futebol. *História: Questões & Debates*, [S.l.], v. 57, n. 2, dez. 2012. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30571>. Acesso em: 21 ago. 2022.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

Discurso do recém-eleito presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seu discurso de posse em 01 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt->

br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/discorso-do-presidente-lula-no-congresso-nacional. Acesso em 12 de junho de 2023.

DRUMMOND, Maurício. Futebol: o ópio do povo? *História(S) Do Sport*, 26 Jan. 2015, Disponível em: <https://historiadosporte.wordpress.com/2015/01/26/futebol-o-opio-do-povo/>. Acesso em 10 de abril de 2023.

DRUMMOND, Roberto. *Uma paixão em preto e branco: Atlético 100 anos*. Belo Horizonte: Leitura, 2007.

FLORENZANO, José Paulo. *A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 2006. HALTHI TRUST DIGITAL LIBRARY. Disponível em: <https://www.hathitrust.org>. Acesso em: 14 ago. de 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*. São Paulo: Ed Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 7 ed. Tradução: Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FUSER, Igor. América Latina: progressismo, retrocesso e resistência. *Saúde em Debate*, vol. 42, núm. 3, Esp., 2018, pp. 78-89 Centro Brasileiro de Estudos de Saúde.

GALO DIGITAL. Disponível em: <https://www.galodigital.com.br/enciclopedia/Categoria:Hist%C3%B3ria>. Acesso em: 25 jul. 2022.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. *A política da memória na construção biográfica de Luiz Carlos Prestes (1945-2015)*. 2021. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.8.2021.tde-02092021-160246. Acesso em: 2023-05-15.

Grampo revela que Aécio pediu R\$ 2 milhões a dono da JBS. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/politica/grampo-revela-que-aecio-pediu-2-milhoes-dono-da-jbs-21353924> >. Acesso em 05 maio de 2023 e Com áudios de Temer e cerco a Aécio, Lava Jato se descola do rótulo anti-PT. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/18/politica/1495142021_238623.html >. Acesso em 05 de maio de 2023.

GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. De Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro Editora, 2003, p. 29-43.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. 64 p.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

KANITZ, Roberto. O Futebol como distintivo de classe: O caso de Vitor Serpa em Belo Horizonte e outras indagações. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Jul./Dez., 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/17469>. Acesso em: 8 jul. 2022.

KUBITSCHKE, Juscelino, 1902-1976. *Memórias do Brasil – 1958: discursos de Juscelino Kubitschek*. 1. Ed. – Brasília: Senado Federal, 2021, p. 245.

LIMA, Reinaldo. *Medium*. Entrevista originalmente publicada em setembro de 2012. Disponível em: <https://medium.com/@breiller/o-punho-do-rei-contra-a-ditadura-os-militares-me-impediram-de-jogar-a-final-de-77-e9129d7c66a0>. Acesso em: 7 ago. 2022.

LUTAR, LUTAR, LUTAR. Direção: Sérgio Borges, Helvécio Marins. Produção: Canabrava Filmes, Fractais, ESPN Brasil, Fred Melo Paiva. Brasil: Embaúba Filmes, 2021. HD.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. *Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas*. Orientadora: Ruth Maria Chittó Gauer. 2007. 259f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MARTINI, Luiz. Galo, Raposa e Coelho: 70 anos da criação das mascotes dos tradicionais clubes mineiros. SUPERESPORTES, 2015. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2015/06/02/noticia_futebol_nacional,311311/galo-raposa-e-coelho-70-anos-da-criacao-das-mascotes-dos-tradicionais-clubes-mineiros.shtml. Acesso em: 25 ago. 2022.

MARX, K. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, p.145.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Futebol e mercado em Belo Horizonte: o profissionalismo e a construção do Mineirão (1933-1965). *Recorde: Revista de História do Esporte*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-20, 2018.

MEDEIROS, Fabrício Ferreira. A nova história política. *Temporalidades*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set./dez. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/38168494/A_nova_historia_politica_pdf. Acesso em: 03 jul. 2023.

NETO, G. J. S. *A Invenção do Torcer em Belo Horizonte: Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930)*. Orientador: Prof. Dr. Sílvio Ricardo da Silva.

2010. 130f. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

NETO, Joaquim Francisco Lira. *O conceito marxiano de “ópio do povo” e a perspectiva brasileira do futebol* (2012). Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/2252/3787>. Acesso em: 03 mai. 2023.

PAIVA, Fred Melo. *O atleticano vai ao paraíso*. 1 ed. São Paulo: Ed. Do Autor, 2013.

PAIVA, Fred Melo. A filosofia máxima de um povo. SUPERESPORTES, 2019. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2019/04/20/se-coluna_fred_melo_interna,579726/a-filosofia-maxima-de-um-povo.shtml . Acesso em: 24 ago. 2022.

PAIVA, Fred Melo. A atleticanidade e o dever cívico da vitória. SUPERESPORTES, 2015. Disponível em: https://www.superesportes.com.br/app/1,669/2015/07/18/se-coluna_fred_melo_interna,315191/a-atleticanidade-e-o-dever-civico-da-vitoria.shtml >. Acesso em: 24 ago. 2022.

PAIVA, Fred Melo. O atleticano é um crente patológico. SUPERESPORTES, 2017. Disponível em: https://www.superesportes.com.br/app/1,669/2017/11/25/se-coluna_fred_melo_interna,443710/o-atleticano-e-um-crente-patologico.shtml. Acesso em: 24 ago. 2022.

PAIVA, Fred Melo. Aqui se faz, aqui se paga, eis a propina da vida. SUPERESPORTES, 2016. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2016/07/09/se-coluna_fred_melo_interna,339320/aqui-se-faz-aqui-se-paga-eis-a-propina-da-vida.shtml >. Acesso em maio de 2023.

PAIVA, Fred Melo. Meu Mineirão não existe mais. SUPERESPORTES, 2013. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2013/02/03/se-coluna_fred_melo_interna,241215/o-meu-mineirao-nao-existe-mais.shtml >. Acesso em 09 de maio de 2023.

PAIVA, Fred Melo. O futebol devia parar. O Brasil devia parar.. SUPERESPORTES, 2018. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/03/17/se-coluna_fred_melo_interna,463127/o-futebol-devia-parar-o-brasil-devia-parar.shtml Acesso em: 5 mar. 2023.

PAIVA, Fred Melo. O maior de Minas desde 1908. SUPERESPORTES, 2014. Disponível em: < https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/08/30/se-coluna_fred_melo_interna,292061/o-maior-de-minas-desde-1908.shtml > Acesso em 09 maio de 2023.

PAIVA, Fred Melo. Que se zere o relógio da vida. ESTADO DE MINAS, 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/colunistas/fred-melo>

[paiva/2022/11/24/interna_fred_melo_paiva,1425014/que-se-zere-hoje-o-relogio-da-vida.shtml](https://www.globo.com/brasil/noticias/colunista/fred-melo-paiva/2022/11/24/interna-fred-melo-paiva,1425014/que-se-zere-hoje-o-relogio-da-vida.shtml). Acesso em: 12 jun. 2023.

PAIVA, Fred Melo. Vais me pagar, pode chorar, pode chorar. SUPERESPORTES, 2014. Disponível em: <
https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/10/25/se-coluna_fred_melo_interna,296130/vais-me-pagar-pode-chorar-pode-chorar.shtml>. Acesso em 09 maio de 2023.

PATTO SÁ MOTTA, R. Cultura política e ditadura: um debate teórico e historiográfico. *Revista Tempo e Argumento, Florianópolis*, v. 10, n. 23, p. 109 - 137, 2018. DOI: 10.5965/2175180310232018109. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310232018109>. Acesso em: 12 jun. 2023.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RIBEIRO, Fred. Ferida aberta há 40 anos. Atletico-MG era eliminado na Libertadores em jogo manchado de expulsões. GE, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/ferida-aberta-ha-40-anos-atletico-mg-era-eliminado-na-libertadores-em-jogo-manchado-de-expulsoes.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol e política. In: GIGLIO, Sérgio Setanni; PRONI, Marcelo Weishaup. *O futebol nas Ciências Humanas no Brasil*. Campinas/SP: Unicamp, 2020.

SANCASSANI, Victor. *Os rumos do conceito de mito e a fenomenologia peirciana*. 2018. 484 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SANTOS, J. R. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 22.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

SCRUTON, R. Authority and allegiance. In: DONALD, James; HALL, Stuart. (org.). *Politics and ideology*. Milton Keynes, UK: Open University Press, 1986.

SILVA, Leonardo. Por que Reinaldo não jogou a final do Brasileirão de 1977? *Lendas do Futebol*, 2021. Disponível em: <https://lendasdofutebol.com/por-que-reinaldo-nao-jogou-a-final-do-brasileiro-de-1977/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. 1997. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

SUPERESPORTES. Fred Melo Paiva. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/colunistas/fred-melo-paiva/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

TITO, Luiz. Calote Mineiro. Disponível em: < <https://www.otempo.com.br/opiniao/luiz-tito/calote-mineiro-1.2850592> >. Acesso em 09 de maio de 2023.

TOGNOLI, S.É.K.A. Maurice Halbwachs: A Memória Coletiva. Revista Scripta Alumni, n.2. 2009, p124-134. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/286087054_Maurice_Halbwachs_A_Memoria_Coletiva. Acesso em: 07 mai. 2023.

QUADRO 1 – ANÁLISE DAS CRÔNICAS DE FRED MELO PAIVA CITADAS NA DISSERTAÇÃO.

2011			
Título da crônica	Data de publicação	Local de publicação da crônica	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
O mistério da fé.	23/07/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 7	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Atleticidade; - Sina.
O atleticano de verdade não vaia o atlético.	30/07/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 9	CITADA NO CAPÍTULO 2: - “com exceção do Bolsonaro , os seres humanos evoluem”. - Crítica aos termos homofóbicos.
Agora vai: um atleticano esperançoso faz até cafuné.	06/08/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 10	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Sobre as dificuldades com a arbitragem; - Perseguição, sina.
Dinheiro, iates, mulheres. O tema do merecimento é uma constante em nossas vidas.	20/08/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 12	CITADA NO CAPÍTULO 1: - O Atlético é a Palestina do futebol. - “anunciar o ex-ministro da defesa para dar um jeito na nossa zaga”.
O estripador do rebaixamento.	03/09/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 17	CITADA NO CAPÍTULO 2: - Coluna prestes do futebol mineiro.
Fica Ricardo Teixeira.	01/10/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 22	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Sobre ser ateu.
Onde você estava em 27 de novembro de 2005.	22/10/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 26	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Fala do rebaixamento do clube para a série B no ano de 2005, ressaltando a atleticidade.
O Atlético ainda vai acabar com o atleticano.	10/12/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 32	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Atleticidade como um fardo.

Honra teu pai.	17/12/2011	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 35	CITADA NO CAPÍTULO 2: - “atleticano é punk, palestino” ... - Repulsa à CBF - “... Como o Reinaldo não gostava da ditadura e por isso protestava com o punho fechado dos Panteras Negras...” -Ditadura. - Políticos pilantras.
2012			
Título da crônica	Data de publicação	Link da crônica.	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
O atleticano não é eleitor, ele não esquece.	04/02/2012	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 39	CITADA NO CAPÍTULO 1 e 2: - Se o torcedor cobrasse dos políticos como cobra dos atletas do seu time, certamente os picaretas já teriam migrado para outras atividades profissionais... - Recepção na câmara dos vereadores, devia ser como a da Galoucura. - Aumento de salário dos vereadores em 62%. - Veto de Márcio Lacerda ao aumento dos vereadores. -- “o atleticano se multiplica igual salário de político ” ...
Depois do Independência, resta anexar o próprio América.	03/03/2012	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 50	CITADA NO CAPÍTULO 2: - “a grande peleja das lutas de classes de Minas Gerais: Atlético e América”. - “em 1998, quando Itamar (Franco) decretou a moratória de minas e entrou em linha de colisão com o governo federal, fui tomado por um espírito revolucionário”.
E agora José?	17/03/2012	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 54	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Torcedor religioso e fundamentalista.
Os 104 anos da Igreja Universal do Reino do Galo.	24/03/2012	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 57	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Atleticanidade como religião.
A tática do cross dressing.	28/04/2012	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 66	CITADA NO CAPÍTULO 2: - Misoginia: “quando tomamos de seis, mulheres...”

Rabo de Galo.	27/10/2012	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 115	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Perseguição da CBF e STJD.
2013			
Título da crônica	Data de publicação	Link da crônica.	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
O meu Mineirão não existe mais.	03/02/2013	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 127	CITADA NO CAPÍTULO 2: - “era punk e petista. Na minha cabeça pululavam ideias de justiça social ”.
Vocês que fazem parte dessa Massa.	02/03/2013	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 135	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Atleticanidade como luta: “esse palestino do futebol”. - O atleticano é diferente.
Já ganhou.	13/04/2013	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 145	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Virada de chave, dignidade devolvida com os bons resultados.
Sobre bambis e Marias.	20/04/2013	https://www.mg.supe.esportes.com.br/app/noticias/columnistas/fred-melo-paiva/2013/04/20/secoluna-fred-melo-interna.248277/sobre-bambis-e-marias.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: - “Sim, eu disse “bambis” e “Marias”. Peço, excepcionalmente hoje, pelo menos mais três parágrafos antes de ser apedrejado pelos movimentos contra a homofobia”. - “A homofobia no futebol é um pau que nasceu torto. Começou com o racismo elitista de alguns clubes, que em sua origem recusavam pobres e negros. Aos olhos da massa, a elite é afrescalhada. De “fresco” para “viado” foi um pulinho. E daí para “bicha”, com toda a carga de violência que essa palavra tem. Parece já vir acompanhada de um f.d.p. – “sua bicha, f.d.p.”. É horrível. Sabe-se lá por que – ou porque, ao contrário das expectativas, o ser humano progride –, o atleticano deixou de usar “bicha” para se referir ao cruzeirense. Trocou a expressão por “Maria”. O são-paulino também recebeu seu salvo-conduto: virou “bambi”. A violência, em termos vocabulares, deu lugar ao humor e à delicadeza. Nenhuma lei determinou que o atleticano não poderia mais empurrar as “bichas”. Foi a consciência coletiva que aboliu um e instituiu o outro. “Maria” é uma maravilha: é a mãe de Jesus, é a música do Milton, são nossas filhas e esposas, nossas mães. E também o cruzeirense – que não deveria se ofender com tão singela homenagem.

			A luta contra a homofobia é legítima, e só os cretinos, ignorantes, fanáticos ou espertos demais (Bolsonaros e Felicianos) podem achar uma maneira de se opor a ela. Mas, como em todas as lutas das minorias oprimidas, a contaminação pelo “politicamente correto” deveria ser evitada a todo custo. Não apenas porque é um saco, limitador do discurso e da inteligência – mas porque é algo que acaba por exacerbar o moralismo e tolher a liberdade”.
O Mineirão é nosso, tem que respeitar!	20/05/2013	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 157	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Atleticidade. - Atlético com o poder de transformar e modificar realidades e trazer felicidade. - “esse palestino do futebol”. - O atleticano é diferente. Quando o Galo é campeão, não tem homicídio, não tem divórcio, o flanelinha toma conta de graça – o Galo transforma BH na melhor cidade do mundo Quando o Galo é campeão, não tem homicídio, não tem divórcio, o flanelinha toma conta de graça – o Galo transforma BH na melhor cidade do mundo
La canhota de Dios.	01/06/2013	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 167	CITADA NO CAPÍTULO 1: - O ateísmo do autor sendo posto à prova por uma defesa difícil feita pelo goleiro do seu time. - “E agora, o que faço eu com o meu ateísmo? Ele caiu no Horto, morreu. A contragosto, eu me rendo: Deus existe. O barbudão lá em cima, o sócia do Karl Marx – eu boto uma fé: Ele está no meio de nós. Daqui pra frente, quando alguém vier me dizer que somos poeira das estrelas, que o mundo nasceu no big bang , perguntarei: mas e aquele pênalti? E aquela perna esquerda aos 48min do segundo tempo? Foi Deus, foi tudo Deus – a perna esquerda de Deus”.
Meu Deus o Galo ganhou!	25/07/2013	LIVRO “O ATLETICANO VAI AO PARAÍSO” Página 193	CITADA NO CAPÍTULO 1: - O autor fala do título conquistado quando escreve a crônica, salientando o merecimento e a justiça feita.
Esta noite encarnarei no teu cadáver.	05/10/2013	https://www.mg.supeportes.com.br/app/noticias/columnistas/fred-melo-paiva/2013/10/05/secoluna_fred_melo_interna.265013/esta-noite-encarnarei-no-	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Fala sobre a rivalidade com o Cruzeiro de maneira jocosa: O cruzeirense então começa a ver fantasmas: são tantos anos sem ganhar nada... Poxa, ele pensa, no último título do Cruzeiro eu ainda usava calça

		teu-cadaver.shtml	pespontada da Toulon, meu Fiat 147 tinha rodas cruz de malta, eu comprava disco na Bobtostes... Ah, quantas saudades da sexta jovem no Minas II...
2014			
Título da crônica	Data de publicação	Link da crônica.	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
Ao Tinga a solidariedade da massa.	15/02/2014	https://www.mg.suporteportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/02/15/secoluna-fred-melo-interna,276691/ao-tinga-a-solidariedade-da-massa.shtml	CITADA CAPÍTULO 2: <ul style="list-style-type: none"> - Como Jesse Owens, o negro que ganhou quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas de Berlim em 1936, nas barbas e bigode de Hitler. - O sujeito que nasce na América Latina e é racista equivale ao skinhead brasileiro que, tendo QI de chimpanzé e escolaridade de recém-nascido, consegue ser mulato e neonazista ao mesmo tempo. - O futebol tem enorme dívida com os negros. Em suas origens, muitos de seus clubes não aceitavam atletas “de cor”. O episódio acontecido no Peru deveria ensejar pedidos de desculpas históricas por parte dessas agremiações. Seria bonito de ver, além de honesto e educativo. Os peruanos poderiam fazer o mesmo. Até porque Teófilo Cubillas, o maior jogador de futebol de todos os tempos em seu país, não é menos preto do que Pelé.
O amor contra La bestia quadrada.	12/04/2014	https://www.mg.suporteportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/04/12/secoluna-fred-melo-interna,281615/o-amor-contra-la-bestia-quadrada.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 1: <ul style="list-style-type: none"> - Sobre a gourmetização das arenas de futebol: O torcedor está morrendo – e em seu lugar emerge o consumidor. A este eu peço que vá ao shopping aplacar suas angústias, mas que não transforme o nosso Galo num produto qualquer.
O maior de Minas desde 1908.	30/08/2014	https://www.mg.suporteportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/08/30/secoluna-fred-melo-interna,292061/o-maior-de-minas-desde-1908.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: <ul style="list-style-type: none"> - O Galo é a versão futebolística do MTST, o aguerrido movimento dos sem-teto: embora não seja de papel passado.
Vais me pagar, pode chorar! Pode chorar!	25/10/2014	https://www.mg.suporteportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/10/25/se-	CITADA NO CAPÍTULO 2: <ul style="list-style-type: none"> -... verdade que tenho uma formação de esquerda, mas chega de tanta generosidade – tá na hora de dar um basta nesse negócio de

		coluna_fred_melo_interna,296130/vais-me-pagar-pode-chorar-pode-chorar.shtml	entregar o ouro aos mais necessitados. - Eles que se virem pra sair da linha da miséria!
Duzentos milhões em ação.	08/11/2014	https://www.mg.suporteresportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2014/11/08/se-coluna_fred_melo_interna,297189/duzentos-milhoes-em-acao.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Fala sobre justiça na vitória sobre o Flamengo: Porque nem o mais insensível dos corintianos nem o mais fanático dos flamenguistas pode ter torcido contra o Galo depois do terceiro gol, anotado por Jesus (o primeiro nome do Dátolo). Jesus tinha sido crucificado no primeiro jogo e ressuscitou no último. Não me causará estranheza se subir aos céus, levitando sobre os cruzeirenses, depois de levantarmos a taça no dia 26. - O fato é que, por mais desalmado que possa ser o sujeito, é humanamente impossível torcer contra o Atlético. Seria como desejar um final feliz pra Carminha na novela – não rola. - Na última vez que o Cruzeiro ganhou do Atlético no Horto, Kennedy tava vivo da Silva (foi morto em 1963).
2015			
Título da crônica	Data de publicação	Link da crônica.	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
A Massa não é a elite branca do lembo.	28/02/2015	https://www.mg.suporteresportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2015/02/28/se-coluna_fred_melo_interna,304673/a-massa-nao-e-a-elite-branca-do-lembo.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: - Massa, digo, o povo – não essa elite branca do Lembo que tomou de assalto nossas arquibancadas pra vaiar jogadores inseguros ainda no primeiro tempo, e gritar “bicha” como uns Bolsonaros prestes a sair do armário. - Você que grita “bicha” no tiro de meta: sua atitude envergonha a história do Atlético, um clube que abraçou negros e mulheres desde a sua fundação, quando negros e mulheres também eram vítimas do preconceito de uma elite branca e machista.
A atleticanidade e o dever cívico da vitória.	18/07/2015	https://www.mg.suporteresportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2015/07/18/se-coluna_fred_melo_interna,315191/a-atleticanidade-e-o-dever-civico-da-vidtoria.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Atleticanidade como dever cívico.
Que se exploda o Brasil, vamos para	12/12/2015	https://www.mg.suporteresportes.com.br/app/	CITADA NO CAPÍTULO 1:

Miami.		noticias/colunistas/fredmelo-paiva/2015/12/12/secoluna_fred_melo_interna,325548/que-se-exploda-o-brasil-vamos-para-miami.shtml	- Uso de hipérbole. Só o Galo salva! Foi o que eu pensei na terça passada, quando decidi acompanhar pela TV Câmara a eleição da comissão especial que analisará o pedido de impeachment da presidente Dilma.
2016			
Título da crônica	Data de publicação	Link da crônica	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
Meu caro Robinho.	13/02/2016	https://www.mg.suportes.com.br/app/noticias/colunistas/fredmelo-paiva/2016/02/13/secoluna_fred_melo_interna,329465/meu-caro-robinho.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Sobre atleticidade: ... isso aqui é algo que não se explica nem se entende. Isso aqui é Galo – um exercício de amor e fé, uma ideologia, um partido político revolucionário, uma guerrilha urbana, uma religião fundamentalista. Tudo isso e nada disso.
A loucura total.	20/02/2016	https://www.mg.suportes.com.br/app/noticias/colunistas/fredmelo-paiva/2016/02/20/secoluna_fred_melo_interna,330031/a-loucura-total.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: - Segundo o Mapa da Violência, 106 mil mulheres foram mortas no Brasil entre 2006 e 2013. A medição é feita em 83 países – apenas 4 (quatro!) matam mais que a gente, segundo a ONU. Pelos números do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2015, 47.646 estupros foram registrados no Brasil em 2014. No ano anterior, foram 51.090 – uma mulher estuprada a cada 10 minutos. Por sua vez, o IBGE mostra que as mulheres ganham em média 76% do salário de um homem para desempenhar função idêntica. Em um ranking de 142 países que fazem o mesmo cálculo, ocupamos a gloriosa posição de número 124. Não é tão difícil compreender que trabalhamos para a perpetuação da violência e da discriminação toda vez que apresentamos a mulher como peça de picanha (coxão duro, no caso), pronta para ser degustada por nós, os seus algozes.
Aqui se faz, aqui se paga, eis a propina da vida.	09/07/2016	https://www.mg.suportes.com.br/app/noticias/colunistas/fredmelo-paiva/2016/07/09/secoluna_fred_melo_interna,339320/aqui-se-faz-aqui-se-paga-eis-a-propina-da-vida.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: - “Quem se curva aos opressores”, disse Millôr, “mostra a bunda aos oprimidos”. - Culpa têm aqueles que permitiram ou se prestaram a transformar um clube de tanta história e grandeza em ferramenta para os ditadores de plantão. Em 80, quando Reinaldo foi expulso, o presidente Figueiredo aplaudiu das tribunas. O Rei desceu para o vestiário com o punho pra cima, nas barbas do general. - Ganhar do Flamengo é mais do que erguer o punho cerrado. É levantar o dedo médio contra os

			que assaltam o poder, os torturadores, os manipuladores da opinião, os saudosos da ditadura apoiadores do Bolsonaro, a CBF, a Globo, os FDPs em geral, os milhões de Cunhas que sabotam o futuro. Brasília é o palco perfeito pra vencer essa gente mais uma vez.
Se bem que precisamos de um 2 a 0.	26/11/2016	https://www.mg.suporteportes.com.br/app/noticias/columnistas/fred-melo-paiva/2016/11/26/secoluna-fred-melo-interna.367535/fred-melo-paiva-se-bem-que-precisamos-de-um-2-a-0.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Uso de ironia: As calotas polares derretem a olhos vistos, as guerras e os grandes êxodos se proliferam, assim como o fascismo, a xenofobia, o racismo e a destruição da Amazônia . No Brasil, para acabar com os corruptos, corruptos empossaram corruptos piores que os corruptos anteriores, que por sua vez haviam sido aliados dos corruptos que agora estão no poder.
2017			
Título da crônica	Data de publicação	Link da crônica	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
Sobre o Galo, as surubas e as armas químicas.	25/02/2017	https://www.mg.suporteportes.com.br/app/noticias/columnistas/fred-melo-paiva/2017/02/25/secoluna-fred-melo-interna.385875/sobre-o-galo-as-surubas-e-as-armas-quimicas.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: - São tantos os acontecimentos que se sucedem na suruba de Brasília, que numa mera semaninha parece ter transcorrido o mês inteiro – sensação ainda mais real quando a gente confere o extrato do banco. Pra encarar a volúpia do noticiário, com seus estancadores de sangria, com o Supremo, com tudo , só utilizando doses cavalares de ópio do povo. - ... obrigados a assistir, de cara, ao chamamento de Jucá para o swing, à escolha do plagiador de Yul Brynner para o STF, ao Cunha indicando o ministro da Justiça, ao Serra sofrendo as sequelas do atentado com a bolinha de papel, ao Padilha com problemas na próstata e o c. na mão. - É por isso que precisamos mesmo de um Alexandre de Moraes, que além de eliminar com as próprias mãos toda a maconha do continente, pode se dedicar também a exterminar frascos de Rexona.
O Galo é a maior coisa do mundo.	25/03/2017	https://www.mg.suporteportes.com.br/app/noticias/columnistas/fred-melo-paiva/2017/03/25/secoluna-fred-melo-interna.391831/o-galo-e-a-maior-coisa-do-mundo.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 1 e 2: - Base estética da atleticanidade em Drummond: Salvo engano, foi o Roberto Drummond quem disse ser o Atlético o maior partido político de Minas – e sua Presidência, o segundo cargo mais importante do Estado, perdendo apenas para o governador. - Quando 22 estudantes se reuniram no coreto do Parque Municipal pra fundar o Club Athletico

			<p>Mineiro, a Lei Áurea que abolira a escravidão no Brasil tinha exatamente 20 anos (13 de maio de 1888).</p> <p>- Sobre inclusão e igualdade: As Marias, o gay, o negro, o muçulmano, o evangélico, o aleijado, o negro, o pobre – o atleticano tem de ter orgulho de abraçar a diversidade, porque essa é nossa história desde 25 de março de 1908. Não é à toa que foi o time brasileiro escolhido para visitar a Alemanha no pós-guerra, num esforço conjunto de reconciliação e reconstrução de um povo.</p> <p>Eu olho hoje o Brasil de Temer – excludente, misógino, velho –, vejo os Estados Unidos de Trump, e penso comigo: o mundo precisa de mais Atlético Mineiro. Só o Galo salva! Parabéns, Galo de ouro, a Seleção do Povo – tenho um orgulho danado de você.</p>
O Brasil de 70, o Galo de Reinaldo, o Brasil de 82.	20/05/2017	https://www.mg.suporte.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/05/20/secoluna-fred-melo-interna,403115/o-brasil-de-70-o-galo-de-reinaldo-o-brasil-de-82.shtml	<p>CITADA NO CAPÍTULO 1 e 2:</p> <p>- ... estão no encaço, também, do nosso Drácula, que além da réstia de alho não pode mais com a carne da Friboi.</p> <p>- O Flamengo, o Temer, o Aécio e o Perrella eliminados juntos no último minuto é demais pra minha safena de atleticano sofredor.</p> <p>- Contabilizando seis de seus mais iminentes conselheiros enrascados na Lava-Jato, trata-se, na verdade, de um pedido de socorro. O único atleticano envolvido na operação é Rodrigo Janot, o procurador-geral da República, que manda prender.</p>
Avançar sempre, retroceder jamais.	19/08/2017	https://www.mg.suporte.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/08/19/secoluna-fred-melo-interna,423213/avancar-sempre-retroceder-jamais.shtml	<p>CITADA NO CAPÍTULO 2:</p> <p>- Temer que se cuide, com o Supremo, com tudo, porque de nada adiantará escalar juiz ladrão, como se viu domingo passado. Mantenha posição, Fidel, que já estamos chegando com seus biscrocs. Hasta la victoria siempre!</p>
Pelo estádio eu voto sim, sim, sim.	02/09/2017	https://www.mg.suporte.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/09/02/secoluna-fred-melo-interna,426320/pelo-estadio-eu-voto-sim-sim-sim.shtml	<p>CITADA NO CAPÍTULO 1:</p> <p>- Uso de ironia: Com a derrota do Equador bolivariano para os coxinhas com camisa da CBF, ocorrida na quinta-feira, minha campanha “Corrente Pra Trás” segue perdendo adeptos e mais adeptos. Traidores!</p> <p>Aliás, seria tão enfático como aquela deputada do impeachment que votou contra a corrupção citando a honestidade do marido, e cujo marido honesto foi preso por corrupção: “SIM, SIM, SIM!!!”.</p>
Se ganhar o Galo se	21/10/2017	https://www.mg.suporte.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/10/21/secoluna-fred-melo-interna,431115/se-ganhar-o-galo-se.shtml	<p>CITADA NO CAPÍTULO 2:</p>

safa, se perder será um Deus nos acuda.		resportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/10/21/se-coluna-fred-melo-interna.436682/se-ganhar-o-galo-se-safa-se-perder-sera-um-deus-nos-acuda.shtml	<p>- Sobre o processo desconstrutivo do autor: Amanhã tem Atlético e Cruzêirô, o clássico mundialmente conhecido como João e Maria, mas que deve ser renomeado para João e Cruzêirô em razão da justa reivindicação das feministas, que veem no termo “Maria” uma representação pejorativa da mulher, o que de fato é. Fora as muitas Marias atleticanas, como minha tia Maria Luzia, que se sente excluída. Mas é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre, já ensinou o querido Milton Nascimento, um cruzêirênsê daqueles...</p>
Tem que manter isso aí.	28/10/2017	https://www.mg.suporte.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/10/28/se-coluna-fred-melo-interna.438063/tem-que-manter-isso-ai.shtml	<p>CITADA NO CAPÍTULO 2:</p> <p>- O pacto com o demo é a estratégia mais eficiente que tem no Brasil. Veja o caso do Temer: este pactua com o demônio desde sempre, tá na cara – a cara do Bela Lugosi, do Drácula, a fuça de mordomo de filme de terror. Não torce pra time nenhum, o que, segundo o Xico Sá, denota que ali não há coração. E sua mãozinha da Família Addams? Que nervoso aquilo, parece uma entidade autônoma inserida num corpo que não lhe pertence.</p> <p>- É, mas desde o porto de Santos, Temer só surfa a buena onda, pegando as novinha e também as verdinha, uma beleza. Nessa joint venture (sociedade anônima) com o capeta, suas ações subiram mais que as da Microsoft, aposto, e até pro Michelzinho já sobrou algum. Na semana em que tudo poderia ter ido por água abaixo, seu maior problema, veja só, foi uma ziquizira que lhe deu no pinto. Ou seja, nada, já que pinto de Temer, dizem as boas línguas, é como apêndice nosso – não tem função, e só lembramos dele em caso de doença.</p> <p>- OK, a solução mais fácil era botar o Oswaldo, num grande acordo nacional, com o Supremo, com tudo, e delimitava onde está. Acontece, Pai Jucá, que agora nós queremos mais, queremos a Libertadores! E quem vai pagar o pato não é a Fiesp, é o Botafogo. Ah, Botafogo, nossa vingança será maligna!</p>
O atleticano é um crente patológico.	25/11/2017	https://www.mg.suporte.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2017/11/25/se-coluna-fred-melo-interna.443710/o-atleticano-e-um-crente-patologico.shtml	<p>CITADA NO CAPÍTULO 1 e 2:</p> <p>- Sobre atleticidade: Porque a fé do atleticano não move montanhas – ela move é a geografia inteira, o atlas, o globo terrestre, seja plano ou redondo.</p>
2018			

Título da crônica	Data de publicação	Link da crônica	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
O crüzëirënsë deu apenas um azar: nasceu crüzëirënsë.	03/03/2018	https://www.mg.suuperreportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/03/03/secoluna_fred_melo_interna.460658/o-cruzeirense-deu-aindas-um-azar-nasceu-cruzeirense.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: - Parabéns ao clube por dar voz e projeção a Maria da Penha no Dia Internacional da Mulher.
Atleticana é incansável. Eu sou.	10/03/2018	https://www.superreportes.com.br/app/1.669/2018/03/10/secoluna_fred_melo_interna.461882/atleticana-e-incansavel-eu-sou.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: Espaço cedido a Elen Campos Munaier para falar na semana do Dia Internacional da Mulher sobre a luta da mulher torcedora por reconhecimento como torcedora igualmente importante.
O futebol devia parar. O Brasil devia parar.	17/03/2018	https://www.mg.suuperreportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/03/17/secoluna_fred_melo_interna.463127/o-futebol-devia-parar-o-brasil-devia-parar.shtml	CITADA NA INTRODUÇÃO: - Morte de Marielle Franco; - “Governantes canalhas, dirigentes oportunistas, comandantes perversos, lideranças religiosas e corporativas cujo o único objetivo é acumular capital que nem sequer terão tempo de usar, à custa de comprometer o futuro até mesmo dos seus.” - “... o 7 a 1 de cada dia, a derrota cotidiana, a bola nas costas quando não a bala.”; - Menção a manifestação de todos os candidatos à presidência menos um; - Menção sobre a agenda do presidente da república, Michel Temer na manhã seguinte ao assassinato.
Quando voltou a luz, voltamos à escuridão.	11/08/2018	https://www.mg.suuperreportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/08/11/secoluna_fred_melo_interna.495424/quando-voltou-a-luz-voltamos-a-escuridao.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Uso de antítese: Quando voltou a luz, voltamos à escuridão.
Sobre o Deus de Fábio e o Plano Daciolo.	15/09/2018	https://www.mg.suuperreportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/09/15/secoluna_fred_melo_interna.498124/sobre-o-deus-de-fabio-e-o-plano-daciolo.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 1: - Uso de ironia: “Abominável homem das Neves...” em referência a Aécio Neves, ex-

		d-melo-paiva/2018/09/15/secoluna fred melo interna,502703/sobre-o-deus-de-fabio-e-o-plano-daciolo.shtml	senador, deputado federal e torcedor do Cruzeiro.
Um incêndio de grandes proporções.	22/09/2018	https://www.mg.suporteresportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/09/22/secoluna fred melo interna,504121/um-incendio-de-grandes-proporcoes.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: <ul style="list-style-type: none"> - Liberdade de voto; - Racismo, homofobia, apologia à violência, eliminação do adversário e minorias; - Resumo da história do então candidato a presidência Jair Bolsonaro, discursos e ideologia; - Menção ao Brasil como signatário de tratados internacionais que fazem da tortura crime imprescritível; - Menção a Lei Áurea, criminalização da política, estado de exceção, democracia, Getúlio Vargas, Jango, ditadura, Hitler, Hannah Arendt; - Posicionamento da Gaviões da Fiel contra o candidato Jair Bolsonaro, seguida pela Torcida Jovem do Santos demais agremiações antifascistas; - Faz uma crítica a postura do Atlético lembrando a perseguição sofrida por um dos maiores ídolos do clube, Reinaldo; - Relembra o episódio de 2016 quando um grupo de torcedoras se manifestaram insatisfeitas com o desfile da coleção daquele ano e foram atacadas.
O melhor ópio do povo.	03/11/2018	https://www.mg.suporteresportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2018/11/03/secoluna fred melo interna,547520/o-melhor-opio-do-povo.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: <ul style="list-style-type: none"> - “Bolsonaro presidente...” inicia a coluna falando sobre o candidato eleito; - Menção a Mao Tsé-Tung, político chinês; - Uso das expressões: “Fora Temer”, “Tchau, querida”, “Ele não”; - Impeachment de Tadeu (ex-diretor de futebol do Atlético); - Momento histórico do Brasil, pela eleição.
2019			
Título da crônica	Data de publicação	Link da crônica	Temas, expressões, elementos e eventos históricos e políticos abordados.
Meu quintal é maior que o mundo.	23/03/2019	https://www.mg.suporteresportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2019/03/23/secoluna fred melo interna,574307/meu-quintal-e-maior-do-que-o-mundo.shtml	CITADA NO CAPÍTULO 2: <ul style="list-style-type: none"> - O Atlético como sinônimo de resistência, um time para todos, representatividade de Reinaldo em consonância com a atleticidade; <p>O Galo não fez concessão, bateu de frente, foi roubado pela CBF e perseguido pela ditadura. Mas resistiu no punho cerrado do Rei, o nosso pantera negra. Que outra instituição tem por rei</p>

			um cara como Reinaldo?
A filosofia máxima de um povo.	20/04/2019	https://www.mg.suporte.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2019/04/20/secoluna_fred_melo_interna.579726/a-filosofia-maxima-de-um-povo.shtml	<p>CITADA NO CAPÍTULO 1:</p> <p>- Atlético como filosofia máxima de um povo, como ideal de felicidade. Pertencimento. Qual é o seu ideal de felicidade?”, pergunta o famoso Questionário Proust. Aquele gol. Aquela chuva. Aquele Atlético e Cruzeiro em que a gente precisava de uma vitória simples, e ela veio monumental. Que coisa.</p>

Fonte: a autora